TÍTULO:

TRAÇANDO OS RUMOS DA NOTA DO TRADUTOR:

O CASO DE *O MUNDO SE DESPEDAÇA.*

Autora

Dawn Alexis Duke

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Dawn Alexis Duke

e aprovada pela Comissão Julgadora em 10/12/93

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüistica Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Campinas - 1993

São Paulo

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

AGRADEÇO

A meus colegas e amigos do Instituto de Estudos da Linguagem com quem convivi durante estes três anos pela sincera amizade e apoio acadêmico.

A Prof. Dr. Paulo Ottoni, meu orientador, pela atenção, paciência, apoio acadêmica e moral, bem como a amizade ao longo de todo o desenvolvimento do trabalho.

Aos Profas. Drs. Stella Tagnin e Rosemary Arrojo pelo conselho e apoio acadêmico por ocasião do Exame de Qualificação.

Aos Profs. Drs. John Schmitz e Lynn Mario Menezes de Souza pela agradável convivência acadêmica e pelas indicações bibliográficas.

A Itamarati, CAPES, FAEP e PSM pelo apoio financeiro.

A minha família, principalmente minha mãe, pelo afeto e preocupação que senti mesmo longe de casa.

A Henrique, pela inspiração.

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar as **notas do tradutor** na tradução do romance nigeriano **Things Fall Apart** de Chinua Achebe – **O Mundo Se Despedaça**, tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva – com a intenção de mostrar como a nota do tradutor, enquanto recurso textual, pode servir para esclarecer, explicar, acrescentar, modificar e diferenciar a tradução do original. Além de marcar a participação da tradutora na interpretação da obra, a intenção é confirmar como o uso do recurso na tradução diverge e diferencia daquele usado na obra: um glossário no final do texto. Este enfoque vai permitir uma análise das notas, mostrando as consequências do seu emprego para tratar, não só os aspectos típicos da vida cotidiana do povo Ibo, como também as frases e palavras da língua Ibo que o autor inseriu, mas intencionalmente não traduziu na obra. Indo ao encontro de uma abordagem da tradução como transformação e recriação, procuramos ilustrar como, através das notas, o tradutor cria uma obra diferente. Esta é uma proposta contrária àquela adotada por alguns teóricos, por exemplo Nida (1964) e Rónai (1975), que defendem, através das notas do tradutor, a fidelidade textual e a suposta neutralidade do tradutor, noções fundamentadas na visão da tradução como substituição de significados estáveis. A análise permite ressaltar como o uso da nota do tradutor assinala para o envolvimento da tradutora no processo de recriação das imagens da vivência Ibo, o que resulta numa outra versão desta vivência, uma criada a partir da leitura que faz da obra.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to analyse the **Translator's notes** in the Brazilian translation, **O Mundo Se Despedaça** by Vera Queiroz da Costa e Silva, of **Things Fall Apart**, a Nigerian novel by Chinua Achebe, with the intention of showing how this textual procedure can be used to clarify, explain, amplify, modify and differentiate the translation from the original text. Besides emphasising the participation of the translator in the interpretation of the work, the intention is to confirm how the use of the textual mechanism, the Translator's note, differs from the one used in the work - a glossary at the end of the text. This will permit an analysis of the notes and the consequences of their employment to deal with the typical aspects of Ibo daily life and also the Ibo words and phrases the author inserted but deliberately didn't translate in his work. Based on a view of translation as transformation and recreation, we intend to highlight the translator's creation of a different text. This proposal contradicts the one adopted by some theorists, for example Nida (1964) and Rónai (1975), who seem to defend, through their concept of the Translator's note, the view of translation as substitution of stable meanings. The analysis indicates how the use of the note points to the translator's involvement in the process of recreating images of Ibo way of life, which result in another version of this way of life, one based on this translator's reading of the novel.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO p.1

CAPÍTULO UM:
A QUESTÃO DA NOTA DO TRADUTOR ENQUANTO RECURSO TEXTUAL REVELADOR DO SIGNIFICADO p.10

1.1 Introdução p.11

1.2 Um Compromisso com "Nota do Tradutor" p.16

1.3 A Busca Pela Clareza Textual Através da Nota do Tradutor: Uma Crítica p.19

1.4 Lugar da Nota do Tradutor ... Onde? p.35

1.5 Conclusão p.58

CAPÍTULO DOIS:
O MUNDO SE DESPEDAÇA E THINGS FALL APART: OS RUMOS DA ESCRITA, DA TRADUÇÃO E DA CRÍTICA p.61

2.1 Introdução p.62

2.2 **Things Fall Apart**: Uma História Africana p.64

2.3 **O Mundo Se Despedaça versus Things Fall Apart**: Influências de Contexto e Práticas de Produção Textual p.77

2.4 **O Mundo Se Despedaça versus Things Fall Apart**: A Posição Didática do "Original" e a Sua Transformação p.87

CAPÍTULO TRêS:
AS TRADUÇÕES DE **THINGS FALL APART** E A CRIAÇÃO DE OUTRAS PERSPECTIVAS DA VIVÊNCIA IBO p.97

3.1 Introdução p.98

3.2 Os Itens do Glossário não Discutidos em Nota do Tradutor p.100
- ogbanje p.103
- iba p.105
- nso-ani p.108
- ogene e udu p.109
- uli p.110

3.3 Estratégias Textuais Diferenciadas: Presença e Ausência de Nota do Tradutor. p.111
- egwugwu p.116
- umuofia kwenu p.123
- lengths of cloth p.126

3.4 Criando Outras Idéias dos Termos em Ibo p.129
- ozo p.129
- oye p.132
- iyi-uwa p.134
- ekwe p.137

3.5 Do Ibo para o Português em Nota do Tradutor: As Frases em Ibo p.139
- aru oyim de de de de dei! p.141
- Agbala do-o-o-o! Agbala ekeneo-o-o-o-o p.142
- Okonkwo! Agbala ekene gio-o-o-o! Agbala cholu ifu ada ya Ezinmao-o-o p.144

3.6 Sobre os Aspectos da Vivência Ibo Discutidos em Nota do Tradutor p.146
- harmatã p.146
- quarto interior p.148
- noz de cola p.149
- sacerdotisa p.150
- uma cesta p.153

CONCLUSÃO p.156

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA p.163

BIBLIOGRAFIA p.171

ANEXO 1: GLOSSÁRIO DA OBRA **THINGS FALL APART** p.172

ANEXO 2: AS NOTAS DO TRADUTOR EM **O MUNDO SE DESPEDAÇA** p.174

ANEXO 3: AS NOTAS DO EDITOR EM **O MUNDO SE DESPEDAÇA** p.177

I N T R O D U Ç Ã O

O objetivo deste trabalho é examinar a utilização do recurso textual, **nota do tradutor** (doravante **N.do T.**), na tradução brasileira do romance **Things Fall Apart** de Chinua Achebe, renomado autor nigeriano. Ao examinar **O Mundo Se Despedaça** de Vera Queiroz da Costa e Silva, pretendemos ilustrar como a N.do T., estratégia de leitura e escrita ativada pela tradutora, evidencia seu envolvimento e sua interferência enquanto tradutora da obra, como produtora e realizadora de um outro texto.

Contrário a tendências teóricas que apresentam a N.do T. como sendo uma ferramenta para cobrir deficiências tradutórias em relação ao texto original, o presente trabalho se interessa por este recurso textual, enquanto parte do processo de criação de significados que envolve o ato de traduzir. A partir disso, questionamos a relação hierárquica visualizada como existindo entre a tradução e a obra, como também as posturas de fidelidade e neutralidade que se tende a atribuir ao tradutor.

Things Fall Apart foi inicialmente publicado pela Editora Heinemann em 1958. Apareceu pela primeira vez na coleção **African Writers Series** em 1962. A obra foi muito bem recebida pelo público tanto na Europa e na África como no Caribe. Desde sua publicação inicial até 1987, mais de trinta edições foram feitas. O glossário encontrado no final da obra faz parte dela e foi incluído na sua publicação inicial e nas edições subsequentes.

A tradução brasileira, **O Mundo Se Despedaça** de Costa e Silva, foi publicada em 1983 pela Editora Ática, na coleção **Autores Africanos**. Constitui o décimo sétimo volume da coleção e, segundo Campedelli (1984), proporcionou à tradutora brasileira o troféu da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

Procuramos, neste estudo, realizar uma análise comparativa entre o glossário de enunciados da língua Ibo que faz parte da obra de Achebe e as N.do T. da tradução brasileira, principal estratégia de Costa e Silva no seu tratamento de três aspectos importantes: os aspectos típicos da vivência tradicional do povo Ibo, as frases e as palavras da língua Ibo que o autor intencionalmente inseriu na sua obra.

Incluimos também neste estudo **Le Monde S'Éffondre**, tradução francesa de Michel Ligny, publicada em 1966. Essa tradução também foi feita utilizando a edição de 1958 de **Things Fall Apart**. A inclusão da tradução francesa no estudo contribui para demonstrar como a N.do T. pode ser considerada uma escolha ou uma decisão feita por Costa e Silva, em colaboração com seu editor. Consideramos a N.do T. como um recurso de leitura que aponta para a natureza única e irrepetível do ato de traduzir. A tradução de Ligny se apresenta, a nosso ver como importante contraponto para ilustrar a singularidade do ato de traduzir, uma vez que, diferentemente da tradução brasileira (e também da obra), não apresenta o uso de recursos textuais complementares.

O emprego da N.do T. é um aspecto considerado menos importante na teorização da tradução. Segundo Hattnher (1985), isso se reflete na posição pouco privilegiada que o assunto ocupa na teoria de tradução no Brasil. Para o estudioso, a N.do T. (que chama de nota de pé de página) é indispensável, principalmente ao se tratar de uma obra posicionada num contexto cultural divergente. Poderíamos, a partir da afirmação acima, presumir que a N.do T. é um recurso de ampla ocorrência, justamente devido à questão da diferenciação cultural. Porém, constatamos seu lugar pouco destacado na teoria, bem como a tendência para uma atitude menos favorável à sua inclusão na tradução. Por ser a N.do T. geralmente aceita de maneira limitada, a nossa abordagem torna-se diferente, pela intenção da ampliação dos horizontes desta.

Até certo ponto podemos confirmar, ao examinar colocações feitas em torno da questão, a tendência de relegá-la a uma posição secundária e obscura em qualquer discussão sobre o procedimento. Nas abordagens sobre a N.do T., que têm como fundamento a visão logocêntrica da tradução, o recurso se apresenta principalmente como um instrumento técnico, com um papel de explicar e explicitar, na tradução, trechos e idéias do texto que o tradutor retirou do texto original. Tal papel vai ao encontro dos mesmos termos usados para caracterizar a tradução, em si, como uma atividade de mera transferência de signficados estáveis, um ponto de vista que prioriza os sentidos que se crê estão no texto original. Ainda, segundo esta linha de pensamento, o procedimento

do emprego da N.do T. tem como sua principal meta garantir uma aproximação da tradução ao texto original.

Assim, a N.do T. é pouco tratada nas teorizações sobre a tradução, uma falta notável, pois acreditamos que qualquer estudo desse recurso textual implicará, inevitavelmente, na discussão da atividade e do papel do tradutor. Para o estudo do mesmo recurso é que procuramos refletir sobre sua natureza e seu papel em **O Mundo Se Despedaça.**

Neste trabalho adotamos uma posição contrária àquela apresentada por teóricos como Nida (1964), Rónai (1981) e Barbosa (1990) que procuram estipular procedimentos adequados para resolver o que visualizam como sendo problemas da tradução. Para Rónai, por exemplo, a N.do T. não é um procedimento adequado para traduções literárias. Uma abordagem que não se opõe à utilização da N.do T. é, portanto, uma visão significativa perante posturas que buscam controlar o desenvolvimento do recurso, na tradução.

Tendo como fundamento teórico a abordagem pós-estruturalista sobre a tradução, a qual será explicitada ao longo do trabalho, procuramos mostrar como a utilização da N.do T. passa a ser fundamental para discutir a tradução, enquadrando-se entre os temas centrais da própria investigação sobre a tradução. Nesta discussão, situamos a questão da N.do T. dentro do tema maior do papel do tradutor.

Pretendemos ressaltar que a utilização da N.do T. aponta diretamente para as opções de interpretação feitas pela tradutora brasileira. É nosso interesse demonstrar como, através das N.do T., a tradutora produz um outro texto, podendo ser considerada como recriadora do mesmo.

Diferentemente das abordagens teóricas afiliadas ao logocentrismo, apresentamos a N.do T. como um espaço textual, aberto, multiforme, diversificado e livre, disponível para quem pratica a tradução. Trata-se de uma forma flexível de atuação que complementa a ação transformadora do tradutor. Para ilustrar tal postura é que recorremos a **O Mundo Se Despedaça**, o suporte textual sobre o qual trabalhamos para exemplificar as hipóteses teóricas, objetivando explorar a N.do T. como um recurso de natureza livre e papel singular, dependente das perspectivas sociais, culturais e ideológicas do tradutor. A discussão desenvolvida em torno das N.do T. utilizadas na tradução em questão, vai ao encontro da tese que postula a tradução como um processo de transformação e mudança, e da consideração do tradutor como um estimulador, incitador e inspirador de mudanças e de transformações ao produzi-las.

No primeiro capítulo, apresentamos uma discussão em torno das noções de **nota de rodapé**, **nota de pé de página** e **nota do tradutor**. Privilegiando sempre o termo **nota do tradutor**, são examinadas algumas posturas teóricas como as de Nida (1964), Cesar (1988) e Arrojo (1992). Procuramos uma abordagem que tem por meta

ofercer uma noção dinâmica e flexível da N.do T. Tendo a mesma como um recurso que enriquece o texto, são examinados vários aspectos, dentre os quais apresentam-se como principais os seguintes:

1) a terminologia utilizada para nomear o recurso textual.

2) o papel e o valor atribuidos à N.do T.

3) a localização da N.do T. dentro da teorização sobre a tradução.

O segundo capítulo apresenta **Things Fall Apart** de Chinua Achebe como uma obra literariamente estratégica por ser considerada uma das obras primas da literatura nigeriana contemporânea. O romance surge como símbolo das convicções ideológicas e políticas do autor que escreve sobre o tema do colonialismo no período decisivo da busca pela independência e consolidação nacional da Nigéria.

Primeiro romance de Achebe, **Things Fall Apart** pinta uma sociedade organizada numa hierarquia de deuses, antepassados, anciãos e famílias, existindo mais ou menos no início do seculo, época da penetração da autoridade colonial britânica, das missões e do comércio no território Ibo, terra natal do autor. O romance, portanto, se encontra entre as obras de autores que rompem com o colonialismo e a postura eurocêntrica, desenvolvendo discussões política e culturalmente africanas. Sobre o emprego da N.do T. na tradução brasileira, **O Mundo Se Despedaça** e através de uma comparação de textos, focalizamos o que pode ser visualizado como uma diferenciação de posições didáticas entre a obra e a tradução.

Chamamos a atenção para os objetivos político-didáticos do autor e mostramos como se diferenciam dos interesses de natureza explicativa e cultural da tradutora Costa e Silva ao criar suas notas.

No terceiro capítulo, abordamos as N.do T. na tradução brasileira, procurando ilustrar como o recurso textual pode servir para esclarecer, explicar, acrescentar, modificar e diferenciar a tradução, do texto de partida. Além de ressaltar a participação da tradutora na interpretação da obra, procuramos confirmar como a utilização do recurso, N.do T. demonstra a leitura feita por Costa e Silva. Argumentamos que o tipo de informação que as N.do T. trazem aponta para os interesses antropológicos e sócio-culturais da tradutora. O enfoque vai permitir uma análise das N.do T., mostrando as consequências do seu emprego para tratar não só dos aspectos típicos da vida cotidiana do povo Ibo, como também das frases e das palavras da língua Ibo que o autor inseriu, mas propositadamente não traduziu para o inglês, na obra.

Neste momento, introduzimos a tradução francesa, **Le Monde S'Effondre** de Michel Ligny, edição de 1972, com o objetivo de comparar as diferenças advindas da postura dos dois tradutores. Os detalhes apontam para diferenças de estratégias tradutórias e de interpretação das frases e palavras em Ibo.

A comparação das duas traduções é importante ao notarmos que se, por um lado, as N.do T. fazem parte da tradução brasileira, por outro, na francesa não há em todo o texto um único uso desse tipo de recurso textual. Podemos considerar que a postura de Costa e Silva, através das N.do T., na tradução brasileira, se constitui em contraste marcante à posição de Ligny na tradução francesa. A decisão de incluir a tradução francesa foi tomada justamente para obter esse contraste de posturas e estratégias tradutórias, e mostrar as conseqüências, em termos da produção das duas traduções diferenciadas, isto é, dois outros textos. Esta comparação contribui para a nova discussão à medida que se apoia na abordagem de tradução como transformação, o que sugere novos parâmetros para considerar a natureza e os propósitos da N.do T. como recurso tradutório.

CAPÍTULO UM

A QUESTÃO DA NOTA DO TRADUTOR ENQUANTO RECURSO TEXTUAL REVELADOR DOS SIGNIFICADOS

1.1 INTRODUÇÃO

Iniciamos o trabalho com a discussão e a crítica de alguns conceitos a respeito da N.do T., que se fundamentam na noção da tradução como transferência de significados. Análises realizadas por Arrojo (1986) demonstram que tal noção se vincula estreitamente à imagem da tradução como transporte e substituição de significados, os quais, segundo a autora, se vestem de um caráter estável, controlável e delimitável. Para os propósitos deste trabalho, submetemos os conceitos de N.do T., que partem dessa noção da tradução, a uma análise que, fundamentada na abordagem pós-estruturalista da tradução, procura visualizar na N.do T. uma abertura para discutir a participação decisiva do tradutor na criação de um outro texto.

Na visão da tradução como transformação, Arrojo (1986) se direciona para a questão da produção textual diferenciada que é uma consequência de fatores ideológicos e sócio-culturais, bem como do contexto e da época em que a tradução foi produzida. A partir de tal perspectiva pós-estruturalista da tradução, colocamo-nos em oposição à idéia da existência de significados transportáveis e estáveis que podem ser transferidos do "original" para a tradução. Com a idéia da tradução como transformação, torna-se impossível delimitar ou controlar os significados, o que, por sua vez, anula a possibilidade de um significado inerente, puro e verdadeiro que permaneça intocável e essencial. Esta perspectiva é adotada ao

longo do trabalho e procuramos ilustrar sua relevância ao discutir as N.do T em **O Mundo Se Despedaça.**

Neste capítulo, ao analisar os conceitos da N. do T., três aspectos considerados relevantes para o trabalho são discutidos: a questão da terminologia utilizada para nomear o recurso; o papel e o valor atribuídos à N.do T.; e o lugar da N.do T. dentro da teoria de tradução.

Inicialmente, tratamos da questão do nome atribuido à nota elaborada pelo tradutor, apontando para as diferenças e as preferências entre os teóricos apresentados.

Em seguida, examinamos a N.do T. enquanto mecanismo que, na opinião de alguns teóricos, tais como Nida (1964), (1976), Rónai (1981) e Barbosa (1990), tem como propósito explicar, explicitar ou esclarecer trechos textuais, os quais, considera-se, que não ficaram totalmente compreensíveis para o leitor da tradução. Procuramos refletir sobre as conseqüências da visão da N.do T. como um procedimento de esclarecimento, papel que lhe foi atribuído para que fosse encarada como um dos possíveis esquemas disponíveis ao tradutor, com a finalidade de poder alcançar o significado existente no texto "original"[1]. Tal posicionamento diante da N.do

---

[1] Colocamos "original" entre aspas para mostrar uma oposição à visão que propaga a possibilidade de um texto principal e inicial, surgido da criatividade humana sem influência anterior, externa ou subjetiva.

T. aponta para o desejo de que o tradutor possa reproduzir a obra na língua de chegada, mesmo utilizando outros significados elaborados em N.do T. Ao apresentar uma discussão sobre a leitura e sobre a N.do T. como evidência de leitura, trabalhamos em direção à impossibilidade de tal restituição, enfatizando, desta forma, as noções de modificação e de transformação que pretendemos associar à atividade de traduzir.

Como parte da discussão sobre a N.do T., consideramos certas noções e dicotomias hierárquicas que fazem parte da abordagem logocêntrica da tradução. Serão colocadas em questão: a concepção lingüística da leitura e da interpretação; a dicotomia compreender versus interpretar, utilizada para descrever o processo da leitura; a diferença estabelecida entre ler/escrever versus traduzir; a dicotomia interpretar versus traduzir e, finalmente, a produção (ou trabalho do autor) versus reprodução (ou trabalho do tradutor).

Focalizamos, em seguida, a posição que a N.do T. ocupa nas teorizações sobre a tradução. Fazemos referências a posturas teóricas e atitudes diante da sua presença na tradução, procurando demonstrar as implicações de tais posturas para as teorias de tradução elaboradas a seu respeito. Observamos que a N.do T. opera na teoria como uma ponte através da qual é possível estabelecer um vínculo com outros fundamentos tradutórios que servem de base para os teóricos citados neste estudo. Verificamos, por exemplo, um

receio no emprego da N.do T. em traduções literárias, preferência que se justifica diferenciando a tradução técnica da tradução literária, com a insistência de que as duas formas se constituem de maneira distinta.

Importantes para esta reflexão, são duas posturas diferentes, uma a favor do emprego da N.do T. e outra totalmente contraria à sua utilização na tradução. A oposição ao recurso da N.do T. surge por se perceber nela uma independência textual que contraria a visão que se tem da tradução como uma substituição da obra, devendo, portanto, manter estreita aproximação com seu texto de partida.

Ao examinar as posições sobre a N.do T., procuramos demonstrar como a concepção tida a respeito do propósito e da natureza desse recurso textual, reflete diretamente o papel atribuído ao tradutor e à atividade em sua totalidade. A partir de uma perspectiva pós-estruturalista da tradução, pretendemos investigar em que medida seria possível propor outra maneira de se considerar a N.do T. Procuramos uma alternativa que não se mostre preocupada com a imposição normativa da utilização, mas que a realce e insista no papel ativo do tradutor, assim como na inevitabilidade de sua interferência, produzindo, através da tradução, um outro texto.

Basicamente, distinguimos duas posições teóricas. A primeira trata a N.do T. dentro das teorias filiadas ao logocentrismo. Segundo Arrojo (1992a), esta abordagem da tradução projeta o tradutor não como um produtor de significados mas como uma figura de postura objetiva e passiva, que não se responsabiliza pela sua produção. Posiciona-se como um receptor a quem não se associa a produção ou a origem dos significados. Como parte da tradição logocêntrica, existe uma resistência à atividade do tradutor, por atribuir-se a ela uma natureza precária e suspeita, em oposição a uma produção "original". Encontramos tal linha de pensamento ao examinarmos as colocações de teóricos como Nida (1964), (1976), Rónai (1981) e Barbosa (1990) a respeito da N.do T.

A segunda perspectiva, sob a qual elaboramos este trabalho, consiste numa abordagem pós-estruturalista da tradução. Relacionada à desconstrução, posicionamento filosófico elaborado por Jacques Derrida, tem como fundamento básico a noção da tradução como transformação. Existe, desta forma, o compromisso da tradução com a originalidade e a criatividade, bem como, a idéia do tradutor ser reponsável por seu texto. Como mostra Arrojo (1992), são pertinentes as considerações de que o tradutor é um sujeito de consciência plena dos direitos de participação e interferência ao produzir seu texto:

> O leitor deixa de ser um simples "receptor": o passivo decodificador de significados idealizado pelo logocentrismo passa a se

> conscientizar de sua interferência autoral nos textos que lê. (p.38)

Nesta ótica, podemos apreciar a associação estreita entre traduzir, ler e interpretar, e como tal associação vai ao encontro da visão do tradutor como um produtor de significados. A questão da interferência inevitável do tradutor é um ponto de vista desenvolvido nas discussões de Derrida (ver Mc Donald 1985), Michaud (1989) e Arrojo (1992).

1.2. UM COMPROMISSO COM "NOTA DO TRADUTOR".

Nos textos e ensaios que se dedicam a explorar, analisar e definir a natureza da tradução, assim como determinar o seu processo e descrever o seu papel, temos, como um dos aspectos tratados, o dos mecanismos textuais passíveis de emprego no texto traduzido.

No caso da N.do T., o que notamos é uma tendência a enquadrá-la dentro da discussão sobre a apresentação e formato da tradução enquanto publicação, fato que faz da N.do T. um assunto superficialmente discutido, à margem de qualquer reflexão aprofundada sobre a questão. As teorias que focalizam o recurso geralmente, tendem a manifestar uma variedade de regras de uso, porque não há uma única regulamentação governando seu emprego. Cada

teórico estabelece seus próprios parâmetros de análise do recurso, limites de operação e utilização, dentro da tradução.

Ao mesmo tempo, as discussões a respeito da N.do T. tendem a se preocupar em prescrever a maneira correta de uso e de apresentação textual do recurso. Procuram determinar, com antecipação, sua inclusão na tradução. Esta postura se reflete na teoria e também no protocolo editorial que estabelece as normas de publicação.

Ao examinar a literatura disponível sobre este recurso de tradução, observamos uma diferenciação de terminologia utilizada pelos teóricos. Vários nomes são utilizados para referir-se à nota elaborada pelo tradutor. Há, contudo, uma possibilidade de se associar as preferências nominais específicas, de cada teórico, ao papel e à importância atribuídos por cada um, não somente ao recurso mas, num plano mais amplo, ao que considera ser a tarefa do tradutor.

Enquanto Newmark (1981:148) utiliza apenas **notes**, ou seja, **notas**, Nida (1964:238) e Duff (1981:26) referem-se a **footnotes**, ou **notas de rodapé**. Rónai (1981:100) usa o termo **notas do tradutor (N.do T.)**. Barbosa (1990:71) prefere **notas de rodapé** mas César (1988:7) utiliza **notas de pé de página**. Percival (1983:95), ao escrever sobre formas de apresentação, se refere a **footnotes** e **Translator's notes**, que prefere colocar num lugar de

destaque na tradução para atrair a atenção do leitor. Como pretendemos mostrar, a variedade de terminologia está diretamente ligada à concepção que os teóricos têm da natureza e do papel da N.do T., uma concepção que, como veremos, tende a comprometer o tradutor como produtor da tradução.

Neste trabalho, atemo-nos à terminologia, **nota do tradutor (N.do T.)**, por esta representar o reconhecimento da presença do tradutor e valorizar sua posição como produtor textual. Consideramos o termo **N.do T.** mais apropriado por apontar para o fato de que a nota foi elaborada pelo tradutor. A partir desta posição, a concepção da N.do T. configura-se como um recurso de interpretação e torna-se o principal conceito para a discussão teórica.

O Mundo Se Despedaça foi a obra escolhida para estudo neste trabalho por se valer muito da utilização de tal recurso textual. A nota do tradutor (N.do T.), a nota do editor (N.do E.) e a nota do autor (N.do A.) são esquemas que fazem parte das publicações da coleção **Autores Africanos** da Editora Ática, da qual a referida tradução faz parte. Tais procedimentos são utilizados na publicação de obras africanas escritas, não só nas respectivas línguas oficiais dos países de origem, como também nas línguas nativas dos mesmos.

1.3. A BUSCA PELA CLAREZA TEXTUAL ATRAVÉS DA NOTA DO TRADUTOR: UMA CRÍTICA.

> Ces <<N.d.T.>>[2] [...] sont donc renvoyées, et souvent non sans mépris, du côté du commentaire et de l'explication, activités interpretatives perçues comme totalement incompatibles avec << les principes d'économie significative que doivent dominer une traduction >>, selon l'expression de Lacan, économie de la traduction toujours serrée, mesurée, du <<*less is more*>>.
>
> Ginette Michaud. (1989)

Importante para a discussão é o fato da variedade de posturas encontradas a respeito da N.do T. Notamos, porém, que as discussões mais antigas em torno do assunto têm-se preocupado em lidar com a questão de forma normativa, ou seja, encarando-o como um recurso cuja aplicação se baseia em regras estabelecidas. Ao discutir a elaboração de normas na tradução literária, Toury (1980) descreve a presença de uma escala de valores cujas extremidades apresentam, por um lado, regras quase absolutas e leis estáveis. Por outro lado, há o que descreve como idiossincrasias muito subjetivas. Entre as duas extremidades existe um território ocupado pelo que considera serem "normas".

---

[2] <<N.d.T.>> - Note du traducteur.

No caso da N.do T., constatamos a presença de núcleos de teorização hegemônicos, baseados na postura de grandes teóricos como, por exemplo, Eugene Nida. A partir Nida, há a tendência de visualizar o recurso num nível predominantemente operacional, a partir do qual se faz uma discussão ou uma análise visando controlar o emprego do recurso.

Um dos aspectos fundamentais a respeito da N.do T. tem a ver com o que se espera do recurso e de que forma se faz necessário, a ponto de ser incluído na tradução. Observamos que, geralmente, entre os teóricos para quem a tradução se configura como a substituição de significados, há uma tendência a visualizar a N.do T. como uma forma de *aperfeiçoar* o texto. Através dela, o tradutor vai finalmente conseguir transmitir o significado que está retirando do "original". Serve de meio complementar entre "original" e tradução, contribuindo para estabelecer uma ponte entre a obra e o leitor da tradução. Para os teóricos, trata-se de um recurso ativado para fechar tal aproximação, por ser considerado intrinsecamente um mecanismo textual, através do qual, o tradutor consegue esclarecer o que, no seu texto principal, não ficou claro e transparente.

Não é por acaso que há essa concepção da N.do T. A idéia de que sua função é basicamente explicitar ou esclarecer trechos da tradução é uma das principais noções operando na teorização sobre o recurso. A função esclarecedora configura-se num dos aspectos

utilizados dentro da visão logocêntrica da tradução. A partir da mesma idéia, desenvolvem-se concepções a respeito do que se espera da linguagem elaborada na N.do T. Acredita-se que o recurso, ao ser ativado, opera num plano de significação que estimula a aproximação e uma harmonia perfeita entre obra e tradução.

Segundo Rajagopalan (1992), essa postura diante da linguagem constitui um pressuposto baseado numa

> longa tradição de conceber a linguagem segundo a qual, em seu estado mais puro e ideal, ela seria dotada de uma absoluta transparência a fim de que pudesse retratar o mundo com perfeita fidelidade. (p.43)

Rajagopalan demonstra que a visão da linguagem como uma entidade transparente conduz para a consideração da mesma como um espelho com dupla função, a de ver e a de mostrar o mundo, ou seja, capaz de garantir a compreensão: "Evidentemente, tanto para 'ver' como para 'mostrar' o mundo, a linguagem tinha de ser 'transparente' sob pena de criar distorções no entendimento". (p.43)

Derrida (1981), ao discutir esta questão, apresenta a existência da linguagem enquanto entidade estável e perfeita, manifesta através de um significado transcendental, possivelmente acessível em termos absolutos:

> "In effect, the theme of a transcendental signified took place within the horizon of an

> absolutely pure, transparent, and unequivocal translatability". (p.20)

Segundo essa linha de pensamento, é possível transmitir significados, restituindo-os, pela leitura, e transportando-os, na escrita, para outro espaço textual onde refletiriam sua forma "original". A linguagem, portanto, é visualizada como sendo transparente e possível de ser percebida da mesma forma por todos.

Portanto, com base na concepção da N.do T. como uma forma de linguagem transparente, foi estabelecida uma convenção de uso que servisse como forma de regulamentação entre os próprios tradutores, acompanhada de certo controle editorial. As vezes este último costuma apresentar uma certa reserva diante de tal "intrusão" textual, demonstrada simplesmente pelo fato de a N.do T., originalmente, não fazer parte do texto de partida. Como demonstra Michaud (1989), trata-se de uma preocupação com a característica interpretativa da N.do T., que se contrapõe ao desejo de poder reproduzir a obra na língua de chegada. Aponta para o desejo da objetividade textual ao realizar a N.do T., uma postura que coincide com a concepção logocêntrica da tradução. Segundo Michaud (1989):

> cette conception dogmatique, homogénéisante et pour tout dire quasi théologique de la traduction [...] où la note est de toute nécessité sacrifiée comme lieu d'épanchement de la subjectivité du traducteur [...] (p.116)

Acompanhando a noção da explicitação, em relação à N.do T., encontramos também a idéia de que se trata de uma forma de acréscimo. Fala-se aqui de um tipo de alargamento ou ampliação do significado "original" por acrescentar ou estender as matrizes de significação. Serve à noção de estar contribuindo para promover a aproximação entre a obra e a tradução. Vista assim, a importância do acréscimo é medida pela sua capacidade de representar o "significado original".

Para Rajagopalan (1992), discutir a questão do acréscimo seria se deter na concepção lingüística da interpretação. Considerada um processo de ampliação ou alargamento do significado "original," investe-se na possibilidade da apreensão do mesmo, facilitada pelo processo de "compreensão", um processo que, na análise lingüística da leitura, precede a interpretação. O objetivo permanece o mesmo, ou seja, atingir o verdadeiro significado e a intenção do autor.

Teóricos como Nida (1964) e Rónai (1981), que discutem a utilização da N.do T. parecem estar de acordo com a opinião de que, basicamente operando em outro plano textual, a N.do T. vai conseguir alcançar a significação na obra, fonte da intenção do autor. Discutimos a questão ao examinarmos alguns dos conceitos atribuídos ao recurso e às funções que a N.do T. desempenha ao ser incluída na tradução.

Nida (1964) discute o papel da N.do T. dentro do tópico geral de "Techniques of Adjustment" atribuindo um propósito específico e restrito a ela:

> (1) to correct linguistic and cultural discrepancies [...] (2) to add information which may be generally useful in understanding the historical and cultural background of the document in question. (p.238)

O autor apresenta a N.do T. como um recurso tradutório usado para corrigir discrepâncias lingüísticas e culturais, podendo também acrescentar informação útil na compreensão do fundo histórico-cultural do texto traduzido. Dessa forma, limita os propósitos do recurso tradutório a um, ou seja, o de apenas servir para superar barreiras de divergências geralmente culturais, ponto de vista que focaliza somente o papel comunicativo da N.do T. Portanto, concebe a N.do T. como servindo para conduzir o leitor a uma maior aproximação ao texto sendo traduzido. A N.do T. funciona, nesta instância, como uma ponte entre o leitor e o texto de partida, que ele não lê. Parece ser uma tentativa de reduzir o impacto da tradução, de valorizar a obra e de lembrar ao leitor que está lendo uma tradução. Tal visão fundamenta-se na divisão estabelecida pelo pensamento logocêntrico entre o "original" e a tradução, e, também, no status que a obra possui, enquanto criação, na mesma postura teórica. Questionamos esta marcada divisão, uma vez que se mostra

hierárquica e desvaloriza a tradução, enquanto produção textual, resultado de uma leitura específica e, portanto, outro texto.

Essa hierarquização do status da atividade se estende para a concepção da própria contribuição do tradutor, através das N.do T. Enquanto o autor poderia utilizar o recurso da nota para dar continuidade a seu processo de criação, ao tradutor não é permitido esse desenvolvimento. Se analisarmos as colocações de Nida (1964), há a idéia de que a N.do T. não envolve qualquer tipo de iniciativa, uma vez que se encarrega unicamente de complementar a tradução em andamento. Deve, pois, somente, acrescentar uma explicação clara, objetiva e impessoal, escrita pelo tradutor, mas não inspirada por ele.

Segundo Nida (1964), é um mecanismo usado para manter a fidelidade textual. O autor considera que, por ser elaborada pelo tradutor, a N.do T. vai ser desenvolvida a partir da leitura que profissional está fazendo. Parece ter a opinião de que, através da N.do T., o tradutor vai poder antecipar e, portanto, esclarecer as dúvidas que seu leitor possa ter e completar qualquer aspecto de leitura da tradução. Isto, por visualizar a N.do T. como capaz de preencher qualquer lacuna existente entre o texto na língua de origem e aquele na língua de chegada. Como afirma, a N.do T. deve ser utilizada

> when a modification of a text would seem to introduce anomalies not in keeping with

> temporal or cultural distance between source and receptor languages. (p.238)

O teórico refere-se à presença de anomalias provocadas por diferenças temporais e culturais, e considera a possibilidade de *eliminá-las* pela N.do T. Favorece a equivalência, através da aproximação temporal e cultural, entre os dois textos, dando a impressão que, de alguma forma, o tradutor tem que reescrever a obra, retomando, na tradução, aspectos culturais, sem criar diferenças ou provocar conflitos de leitura.

Nida (1976) apresenta como um dos propósitos da tradução e da publicação de certos textos literários e etnográficos, comunicar aos receptores os traços formais de tais textos. Quem estuda, por exemplo, a literatura antiga sem aprender as línguas arcaicas, busca traduções que reflitam os traços distintos dos textos originais. Para satisfazer tais exigências, o autor demonstra que é possível empregar a N. do T. de outra forma:

> Rather than adjusting the texts to modern idiom and form and placing information as to their formal features in footnotes, translators usually produce a close translation and give explanations of the meaning in the footnotes. (p.53)

Consideramos que esta concepção da tradução, bem como a aproximacão ideal buscada através da N.do T. são impossíveis pelo fato de o tradutor possuir uma formação mais recente, e também por ele estar

fazendo sua leitura num contexto histórico e sócio-cultural diferente daquele do autor, fator que necessariamente tende a provocar mudanças textuais.

A distinção que se faz entre a nota produzida pelo autor e aquela produzida pelo tradutor é também tratada por Rónai (1981). O autor propõe uma forma para distinguir entre os dois tipos de notas:

> é mister distinguir entre as notas do tradutor e as do autor, [...] fazendo-as seguir entre parênteses, respectivamente, das abreviaturas N.do T. ou N.do A. (p.100)

Esta maneira de identificar os produtores das notas faz parte do protocolo editorial da Editora Ática, que adota o esquema em sua coleção **Autores Africanos**, da qual **O Mundo Se Despedaça** faz parte. A utilização de N do T. chama a nossa atenção para os esforços da tradutora, Costa e Silva, para explicar as palavras e as frases em Ibo, bem como os aspectos da vida cotidiana do povo Ibo. Ao mesmo tempo, oferecem oportunidade para questionar as teorias que parecem visualizar a linguagem da N.do T. como sendo necessariamente transparente, ou seja, uma reflexão do material textual retirada da obra de Achebe e não como produto da leitura da tradutora.

Na concepção oferecida por Rónai (1981), define-se a N.do T. como uma estratégia usada para assegurar clareza textual, através da introdução de explicações: "Que se há de fazer, quando o texto, insuficientemente claro para leitores de outra nação, exige explicações? Há o recurso às notas [...]". (p.100) Observamos que na concepção acima, surge a visão da tradução como um atalho em direção à obra, atalho que, quanto mais claro for, melhor será para os leitores. Rónai (1981) parece compartilhar da opinião expressa por Nida, que delimita o papel da N.do T. ao de oferecer maiores explicações na tradução. O teórico pressupõe que a N.do T. seja uma estratégia que torne possível ao leitor maior compreensão da tradução e o ajude a saber exatamente o que o autor quis dizer. O pressuposto se baseia na visão da relação entre o "original" e a tradução, uma abordagem que privilegia a obra e que postula a imposição da produção do autor sobre a do tradutor. Partindo desta noção, segue-se o posicionamento que aponta para a natureza secundária e copiadora da tradução.

Rónai (1981) também se coloca diante da questão da natureza do recurso: "as notas de pé de página não despertam oposição. Cumpre [...] que elas sejam explicativas".(p.100) Além de exigir que tenham caráter neutro e pouco subjetivo, Rónai (1981) insiste que sejam de natureza esclarecedora. Para ele, são produções do tradutor que não devem, de forma alguma, refletir a posição ou atitude do mesmo, mas devem sempre se ater às idéias que se encontram no texto "original".

A idéia de que a N.do T. serve de complemento textual mostra que, para Rónai (1981), o tradutor deve se subordinar ao texto de partida sem questioná-lo. Implícito na exigência de que a N.do T. não deve criar oposição está o pressuposto de que o tradutor seja capaz de produzir uma N.do T. de leitura não ambígua e não conflitante com o texto "original". Desenvolve-se a idéia de um recurso que permite a produção de significados claros, diretos e objetivos. A N.do T. não deve refletir o pensamento ou a crítica do tradutor, já que a ele não cabe a tarefa de **criar**, mas de **reproduzir** significados retirados da obra.

Seguindo nosso ponto de vista, o não-reconhecimento do tradutor como um escritor e produtor de significados afeta a consideração do status da tradução como um outro texto que vai ter traços diferentes. Compromete também a valorização do trabalho e o reconhecimento da especificidade da sua formação acadêmica e profissional.

A questão da N.do T., igualmente, faz parte do repertório de procedimentos tradutórios levantados por Barbosa (1990). Ao propor uma atualização do que chama de "procedimentos técnicos da tradução" (p.11), a autora apresenta a N.do T. incorporada ao procedimento técnico da "*transferência*" (p.71). Descreve a transferência como "introduzir material textual da língua original no texto, na língua da tradução." (p.71), procedimento que oferece quatro possíveis alternativas, a última sendo:

estrangeirismo + uma explicação de seu significado que pode ser:

a) nota de rodapé

b) diluição do texto. (p.71)

A própria organização do material apresentada no seu texto demonstra a visão de Barbosa a respeito do papel do tradutor. A maneira rígida e classificatória de apresentar os procedimentos, e o estilo prescritivo da discussão, apontam para a crença de que, o emprego sistemático dos procedimentos contribui para solucionar qualquer dificuldade que possa surgir.

Seguindo tal pensamento, a utilização da técnica da transferência, pelo tradutor, deve beneficiar o leitor, que vai poder "apreender seu significado através do texto", (p.71), afirmação que faz da transferência o meio de assegurar a captação, pelo tradutor, de significados textuais existentes dentro das páginas à espera de serem retirados por quem se propõe a ler o texto. Os procedimentos adicionais da N.do T. e da explicação diluída no texto estão lá apenas para acompanhar o processo de absorção da significação textual estável. Facilitam o processo ao oferecer esclarecimentos que possam garantir a manutenção e a reprodução do texto "original", assegurando, portanto, o contato do leitor com a "verdadeira" intenção do autor.

A implicação derivada das posições apresentadas até aqui é a de que, para os teóricos mencionados, a N.do T. é um meio de o tradutor alcançar a clareza textual na sua tradução. Parece que, para eles, o ato de traduzir, necessariamente, vai conduzir a insuficiências tradutórias, situação que resultará em falta de clareza textual e falta de compreensão por parte do leitor. Para solucionar supostas deficiências, os teóricos recomendam a recorrência àquele recurso textual, por se tratar de um *espaço* oferecido para resolver os supostos problemas da tradução. Portanto, não há um reconhecimento do seu valor textual. A N.do T. é apreciada apenas, enquanto mecanismo adequado ao preenchimento de faltas supostamente existentes no corpo da tradução. Pela mera substituição de signos, acredita-se na possibilidade de se chegar a uma clareza maior, o que, por sua vez, conduz a uma recuperação total da produção do autor.

Jakobson (1975) posiciona-se a favor desta forma direta de enxergar os significados e levar à sua reprodução. Com base nessa convicção, propõe três espécies de tradução - a tradução intralingual ou reformulação, a tradução interlingual ou tradução propriamente dita e a tradução intersemiótica ou transmutação. Para o lingüista, torna-se possível, através do uso de diferentes signos, chegar a um estado maior de clareza. Como afirma:

> Para o lingüista como para o usuário das palavras, o significado de um signo lingüístico não é mais que sua tradução para

> um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo "no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo", como insistentemente afirmou Peirce, o mais profundo investigador da essência dos signo. O termo "solteiro" pode ser convertido numa designação mais explícita, "homem não-casado", sempre que maior clareza for requerida. (p.64)

Propondo um projeto de natureza semiótica, Jakobson procura mostrar como o ato de traduzir é, por natureza, uma mudança de signos provocada por uma reformulação do significado. Assim, durante o processo, o significante (nesse caso, o texto em tradução), aparentemente, permanece intocado, mantém sua forma essencial por atuar como a origem do significado. O lingüista pressupõe que mudança de signo, necessariamente, tem que buscar uma aproximação com a essência do significante, ou seja, com aquilo que Derrida (1985) descreve como o intacto, o intocável: "The always intact, the intangible, the untouchable..." (p.191)

Como demonstra Arrojo (1992a), a partir daqui surge a crença na possibilidade de uma distinção clara entre sujeito e objeto, ou seja, entre quem traduz e o que se traduz, como se fosse possível realizar uma tradução sem implicar uma interpretação individual e subjetiva. Segundo Arrojo, sob tal ótica, passa-se a considerar a possibilidade "de um significado subordinado à letra,

anterior a qualquer interpretação e independente de qualquer contexto". (p.35)

A idéia de que diferenças culturais vão provocar problemas de tradução se baseia na principal aceitação destes teóricos - a possibilidade de traduzir a obra sem qualquer alteração, ou seja, atingir uma equivalência de significados. De certa forma, traduz a angústia que é a tradução, o desejo de reescrever a obra na tradução com todos os traços "originais". Como pretendemos demonstrar, ao descrever o trajeto seguido por Vera Queiroz da Costa e Silva em **O Mundo Se Despedaça**, a posição da tradutora, enquanto outro sujeito, leitor e produtor textual impossibilita uma retomada da produção do autor. No presente estudo, trabalhamos, pensando em termos de apropriação e transformação textual e, através do mesmo, questionamos o possibilidade de resgate, ao visualizar o tradutor como um produtor de significados que, portanto, não assume o papel de um transportador passivo e neutro, vazio de qualquer identidade e subjetividade. Leitor rigoroso do texto, ele vai criar seu próprio esquema de interpretação e produção destinado a ser diferente daquele do autor e do texto que lê. Como afirma Arrojo (1992b):"Toda tradução [...] trai sua procedência, revela as opções, as circunstâncias, o tempo e a história do seu realizador". (p.68)

Com base na preocupação de traduzir sem alterar, os teóricos discutidos aqui concebem a N.do T. como a maneira de assegurar a clareza textual. Na realidade, eles buscam promover a aproximação entre a obra e sua tradução, encorajando a subordinação da segunda à primeira. O princípio revela a preocupação de manter a supremacia autoral e conseguir a fidelidade que, segundo o pensamento logocêntrico, a tradução deve à obra "original." Aqui está implícito que a tradução deve sua existência ao "original." Portanto, a busca da clareza conduz à explicação em N.do T., através da qual o sentido do "original" é capturado. Para os teóricos citados, o ato de traduzir, necessariamente, é um ato de esclarecimento, pelo qual o tradutor busca superar discrepâncias, visando tornar a tradução mais *transparente* ao seu leitor. A busca da transparência propaga a utilização da N.do T. por assim propiciar ao tradutor a oportunidade de realizar sua tarefa e aproximar-se da obra que traduz.

A visão da leitura como uma realização ativa contribui para a rejeição dessa configuração da N.do T. Em vez da concepção lingüística, que encara o processo da leitura como composta da compreensão e da interpretação, visualizamos, agora, na leitura um outro meio de processamento de significação. Criar e redigir uma N.do T. significa desenvolver uma discussão do texto que se traduz. Através da Desconstrução, a leitura é apresentada não como uma ressurreição de significados textuais existentes, mas sob uma perspectiva de produção dos mesmos, partindo da visão do leitor.

Isso anula qualquer possibilidade da existência do significado correto ou de versões aceitáveis, porém inexatas. A leitura passa a ser um processo de apropriação e realização. Sendo fundamental na tarefa do tradutor, tal associação passa a ter maiores implicações para a dicotomia autor versus tradutor e a distinção produção versus reprodução, com atributos como a originalidade e a criatividade associados apenas ao texto "original". À tradução atribui-se a iniciativa através da qual surgirá um outro texto.

1.4. LUGAR DA NOTA DO TRADUTOR ... ONDE?

> [...] la note du traducteur cesse par ailleurs d'être utilisée dans um registre restreint pour, au contraire, faire l'objet d'un usage généralisé, et la traduction est alors elle même, inséparable du commentaire ou de la glose explicative.
>
> Ginette Michaud. (1989)

Torna-se fundamental para a reflexão a posição ocupada pela N.do T., não somente com referência a teoria sobre a tradução, mas também, dentro dos limites do que denominamos "texto". A preocupação com o **lugar** do recurso textual, a N.do T., extrapola a questão da sua posição no texto, envolve noções sobre a sua

importância, valor, utilidade e necessidade textual. A contribuição associada à N.do T. é uma questão importante quando a contemplamos em sua relação com a produção do tradutor, tendo em vista que visualizamos a tradução como uma atividade criativa.

São diversos o posicionamentos encontrados na literatura sobre a produção do tradutor. Segundo Crystal (1987):

> Translators aim to produce a text that is faithful to the original as circumstances require or permit, and yet that reads as if it were written originally in the target language. (p.345)

Na afirmação acima, traduzir assemelha-se a reproduzir. O sucesso da tradução depende da capacidade da sua diluição na originalidade da obra, como também, do desaparecimento do tradutor na imagem do autor, que ocupa a posição do "verdadeiro" produtor. Para promover tal valorização autoral, lega-se ao tradutor a discreta posição de reprodutor. Por conseguinte, a N.do T. é encarada como um tipo de realização textual não caracterizada pelas qualidades de criatividade e originalidade.

Percival (1983), Tagnin (1992) e Cesar (1988) não se opõem à utilizaçào do recurso. Percival (1983) favorece a visibilidade da N.do T. Para o teórico: "They should be clearly marked as such and positioned in such a way that they cannot be overlooked by the reader".(p.96) Tagnin (1990) e Cesar (1988)

atribuem à N.do T. uma natureza discreta, mas parecem apreciar a importância do recurso, enquanto parte integral do texto. Porém, enquanto Tagnin (1990) posiciona-se contra seu uso excessivo, Cesar (1988), ao tratar da sua plena utilização na sua tradução do conto Bliss, afirma: "as notas de pé de página, essencialmente discretas, são promovidas à categoria da própria substância do texto". (p.7)

Visualizamos o gesto de recorrer à N.do T. como uma ação que não pode ser analisada separadamente do ato de traduzir. De certa maneira, as intenções explicativas da N.do T. refletem certa inquietação, por parte do tradutor em relação ao texto "original" e à sua recriação. Ao fazer uso do recurso, quem traduz parece estar à procura de uma forma de melhorar sua produção, de aperfeiçoar seu texto. Como disse Michaud (1989):

> ce petit signe, <<N.d.T.>>, qui, le plus souvent refoulé en note en bas de page, marque toujours de façon significative un manque à traduire, une défaillance, voire une résistance du traducteur, et laisse en tout cas affleurer plus clairement qu'ailleurs son angoisse. (p.108)

A diversidade de opiniões encontradas a respeito da posição apropriada da N.do T. nos faz vincular o assunto não somente a questões de apresentação ou formato textual. Ao passar a considerá-la como reflexão da leitura realizada pelo tradutor,

observamos que está implícita, na escolha da maneira pela qual a N.do T. será utilizada, ou na sua rejeição, uma determinada visão da tradução e do tradutor como realizador de outro texto. Torna-se possível, ao analisarmos as N.do T., chegarmos a certas interrogações a respeito da natureza modificadora dos processos de leitura e escrita que vêm sendo elaborados por Costa e Silva. As reflexões possíveis sobre a N.do T. é um exercício que pretendemos realizar ao focalizar as N.do T. encontradas em **O Mundo Se Despedaça.**

Na intenção de normatizar a utilização desse recurso textual, vários autores procuram oferecer esquemas dentro dos quais o tradutor possa operar. Os mesmos têm se mostrado prescritivos, como observamos no caso de Nida (1964) e Duff (1981). Responsável por essa postura é a noção da ilegitimidade associada à N.do T., o que provoca uma reação delimitadora, ativada para vigiar a possível "intrusão não-autorizada". A elaboração de normas tornam quase concensuais os procedimentos que procuram um controle sobre a utilização do recurso textual durante a tradução, limitando o texto produzido e a expressão do tradutor. Ao discutir o assunto, Michaud (1989) apresenta outro argumento geralmente utilizado para justificar o controle teórico e editorial:

> Ces <<N.d.T.>> [...] risquent en effet, si elles se multiplient, de paralyser toute décision chez le traducteur et elles devront donc, pour cette raison, être sévèrement

> controlées et si possible bannies des limites de l'opération traduisante. (p.108)

Newmark (1981) se interessa na elaboração e definição de procedimentos que o tradutor deve desenvolver, diante das situações tradutórias. O autor faz sugestões, quanto aos procedimentos a serem utilizados diante de títulos, citações, nomes próprios, dentre outros. Sobre a N.do T. diz:

> If one is translating important information which is likely to puzzle the intended reader, it is better to write the background into the text to make it meaningful rather than as a note. The translator assumes that the first reader is better informed than the second and the information succinct enough to be inserted unobstrusively. (p.148)

Para Newmark (1981), o tradutor deve chegar a certas conclusões a respeito do seu leitor, para poder tomar as medidas mais apropriadas. Pressupõe que a N.do T. se torna um mecanismo textual, necessário, apenas, quando o tradutor supõe que o leitor possa vir a ter dificuldades no entendimento do assunto traduzido. Ao mesmo tempo, Newmark (1981) parece indicar que a inclusão da informação no próprio corpo da tradução, a torna mais significativa do que se apresentada numa N.do T. Mesmo aceitando a introdução de uma explicação na tradução, o teórico propõe restrições, ou seja, que tal interferência seja feita de maneira discreta, sem chamar a

atenção do leitor para a presença do tradutor e de sua produção. Isso nos leva à idéia de que, para Newmark (1981), a N.do T. opera em outro plano de significação, ou seja, uma que tende a agir contra o projeto de equivalência exigida da tradução.

A preferência por aumentar o corpo do texto ao invés de complementar o trecho com uma N.do T., indica uma postura de se considerar a N.do T. como uma cogitação textual secundária. Contribui para a imagem da tradução como composta de elementos produtores de um bloco homogênio, monolítico, portanto, contrários a qualquer hipotese fragmentadora que recursos textuais como a N.do T possa representar. Essa concepção de texto opomos por não acreditarmos que a presença de uma N.do T. na tradução fragmenta ou compromete a leitura feita do texto.

Constatamos que um dos fundamentos implícitos nas normas estabelecidas, para regular o emprego da N.do T., é a exigência de que o tradutor considere, em primeiro lugar, os tipos de problemas, dificuldades ou pontos de conflito que seu leitor terá. Newmark insiste em que o tradutor crie uma imagem do seu leitor, a partir da qual traduz. Tal postura evidencia a tendência de se considerar o recurso, apenas no nível operacional, associado aos atos de escrever e organizar a tradução.

Geralmente, os teóricos de inspiração logocêntrica não se preocupam com o tradutor como leitor, um sujeito com postura

ideológica e influências culturais que operam sobre sua leitura. Deixando de enfocar o tradutor como leitor, ignoram o fato dele estar fazendo uma interpretação, portanto, produzindo informação de acordo com tal interpretação.

Assim, considerando o tradutor, acreditamos que ele tenha uma leitura própria, particular e não a de outro suposto leitor. Desta maneira, qualquer imagem que possa criar daquele que o lê será ilusória, uma vez que se baséia em sua própria experiencia enquanto tal. Os processos de leitura são processos de recriação, sendo assim as diferenças culturais criadas ao longo do processo de leitura, são específicas dessa leitura. A forma como são trabalhadas, no ato de traduzir, é influenciada por interferências de caráter múltiplo, tais como visão de mundo, época, contexto e condições editoriais. De fato, as explicações marcam os pontos de interesse do próprio tradutor e podem refletir os interesses da editora para que trabalha.

Newmark (1981) também se posiciona a respeito da função da N.do T. Para o autor: "Notes should contain variants and corrections [...] this recommendation can be abused by the translator, as can any by anyone." (p.149) Como Nida, o autor apóia a idéia de que o tradutor deve se corrigir em N.do T., evitando, dessa forma, misturar seus significados com os do texto que traduz. Visualiza a N.do T. como uma produção separada do texto central, tendo as correções a função de aproximar o leitor do "original" e

na N.do T. são encontrados os significados pertinentes à tentativa de fazer esta aproximação. A recomendação feita aqui, por Newmark, a respeito da função exata do recurso, confirma a preocupação constante dos teóricos, ou seja, o medo de que o tradutor seja abusivo no emprego do mesmo. A preocupação demonstra o valor dado ao texto traduzido em termos da sua ligação com o "original" e seus significados e marca o desejo, do teórico, de que a obra chegue ao leitor, da tradução, em sua "verdadeira" forma, sem maiores interferências do tradutor.

Refutamos a concepção da tradução como um corpo fixo e estável, distinto da produção do tradutor em N.do T. Apontamos para a inevitabilidade da interferência do tradutor no texto traduzido, bem como a sua incapacidade de assumir outra forma de pensamento ou de escrever somente por ter se deslocado de um espaço textual para outro. É o mesmo sujeito, operando na tradução e na N.do T. e os dois textos refletirão a leitura realizada por ele.

Várias posturas são registradas diante da N.do T. Enquanto, geralmente, constatamos uma aceitação do recurso para complementar o ato de traduzir, observamos uma diferença de opinião a respeito da reação do leitor diante da sua presença no texto. Esta preocupação aponta para o desejo de poder agir corretamente, de poder predeterminar a leitura feita do texto, um vez que, desta forma, será possível saber a natureza e a quantidade de N.do T. a serem elaboradas. Cesar (1988) apresenta duas posturas de leitura

que têm influenciado as opiniões sobre a utilização da N.do T. Segundo a autora, como leitores, podemos optar por ignorá-la, por ser óbvia e por termos um interesse maior no corpo do texto, ou podemos fazer questão de lê-la, por estarmos interessados na sua natureza e nos detalhes por ela oferecidos. Com base nisso, há tradutores que tentam diminuir sua dependência do recurso, procurando, às vezes, evitar totalmente seu uso. Por outro lado, existem casos de uso em demasia, com intenção de demonstrar esforços de pesquisa, ou com intuito de oferecer *background information*. Encontramos também posturas intermediárias as quais apontam para uma aceitação do recurso, mas sem permitir sua presença excessiva no texto traduzido.

Cesar (1988) procura adotar uma atitude que, segundo ela mesma, não a enquadra em nenhuma das duas posições mencionadas acima. Mas, como constatamos pelos seus comentários sobre a sua tradução comentada do conto Bliss, sua preferência para o emprego excessivo de N.do T. ajuda a enquadrá-la no segundo grupo. Neste caso, as N.do T. assumem um papel fundamental na produção textual da tradutora.

Para os propósitos deste trabalho, opomo-nos ao desejo de se normatizar a quantidade de N.do T. que deve fazer parte de uma tradução, ou de definir que tipo de tradução deve desfrutar-se do recurso. Estreitamente vinculada às circunstâncias de leitura e de produção editorial, a maneira do seu emprego vai ao encontro da

situação específica de cada tradução e vai, também, depender das conclusões feitas a respeito do texto lido e dos propósitos da tradução elaborada.

Comparada com autores que buscam determinar a atuação e a produção do tradutor, a postura de Cesar reflette uma forma de ação muito relativa, aberta e livre. Nida (1964) vê a N.do T. como um recurso encontrado dentro da tradução, mas que não se integra inteiramente ao texto. Ocupa uma posição marginal, em relação ao resto do texto:

> there are circumstances in which more or less literal renderings are preserved in the text, and the required adjustments are explained in marginal notes or footnotes. (p.238)

Para Nida (1964) não é possível considerá-la como parte integrante da obra em si, opinião com implicações adversas, não so para a importância da N.do T., como também, para a consideração do tradutor como um escritor, papel permitido somente ao autor do texto "original".

Nida (1964) parece sugerir que os reajustes feitos no texto não devem se misturar com o material textual sendo retirando do "original". Parece acreditar que ao isolar a escrita em N.do T., estará preservando o texto contra a inclusão de significados que não são parte da obra. Com esta idéia, sugere a não-participação do tradutor no texto que ele está produzindo, assim contemplando a

possibilidade de uma produção textual imparcial e passiva. Esse ponto de vista concede ao tradutor uma função de apresentador de informações, a partir do "original", e não de produtor de sentidos surgidos da sua leitura particular. Tal posicionamento diminui o status da atividade tradutória, bem como a contribuição do tradutor, dificultando sua associação com a criatividade. Tendo a tradução como recuperação textual, Nida (1964) restringe as possibilidades do tradutor, por visualizar a sua produção como fruto de uma recuperação de significados.

Rónai (1981) se inclui entre os teóricos que buscam especificar as ocasiões mais apropriadas para o emprego da N.do T. O fato do autor rejeitar o uso da N.do T. em obras de ficção, porque "contribuem para quebrar a ilusão, prejudicando a identificação do leitor com a obra", (p.100) indica que ele não as visualiza como parte integrante do texto. A rejeição de Rónai (1981) pela utilização da N.do T., em livros de ficção, se fundamenta na função por ele atribuída a esse recurso textual. Para ele, a N.do T. ocupa um espaço dentro do texto mas se mantém totalmente fora do corpo textual. Com a intenção de evitar o emprego da N.do T., Rónai (1981) até recomenda que o tradutor procure uma maneira discreta de incorporá-la ao texto. Preocupado em manter a intenção do autor e a "essência" da sua obra, prefere excluir o recurso por apontar para o tradutor, uma outra presença, que não faz parte da obra. Para Rónai (1981), por não fazer parte

da inspiração original do autor, a N.do T. deve ser evitada, podendo prejudicar o efeito "original".

Sugerir, como faz Rónai (1981), que há uma quebra da ilusão é acreditar que o texto inspira os mesmos sentimentos em todos os leitores, ou seja, que é possível extrair um só efeito do texto. Demonstra o posicionamento de que o texto, enquanto unidade existente, se apresenta, da mesma forma, a todos os seus leitores. Isso nos parece indicar que, para Rónai, existe um local ou ponto textual central e fixo, possível de ser encontrado na obra e que pode ser lido e traduzido de forma quase única. Parece estar convencido da existência de apenas um significado textual, acessível a todos os leitores, núcleo central de significação imutável, recuperável em qualquer processo de leitura. Seu discurso aponta para o desejo de manter tal linguagem e de não submetê-la à distorção que se associa com a elaboração de uma N.do T. Como indica Arrojo (1992a), reflete uma postura fundamentada na distinção feita entre o leitor e o texto, ou seja, entre sujeito e objeto:

> Nessa tradição cultural que crê na possibilidade de uma distinção intrínseca entre sujeito e objeto, a origem do significado é necessariamente localizada no significante (no texto, na "mensagem", na palavra), nas intenções (conscientes) do emissor/autor, ou numa combinação ou

alternância dessas duas possibilidades.

(p.35)

Seguindo o pensamento de Rónai (1981), é possível prever e controlar a reação do leitor diante de uma obra. Reafirmamos, pelos motivos expressos anteriormente, a nossa opinião, quanto à impossibilidade de estabelecermos, com antecipação, qual seria a reação do leitor diante da N.do T., em decorrência, não podemos afirmar que a N.do T. prejudica a leitura. Chamamos a atenção para o fato de que a decisão de incluir o recurso acontece a partir da postura interpretativa, adotada durante a leitura e o estudo da obra. Ao elaborar as N.do T., o tradutor está preenchendo, da forma por ele considerada mais adequada, espaços e necessidades criadas durante a leitura. É possível visualizar na N.do T. o procedimento e a maneira escolhidos pelo tradutor para interpretar a obra a seu modo, interpretação que, ao analisarmos, introduz uma outra perspectiva.

Duff (1981), também, adota uma postura prescritiva em sua discussão das técnicas disponíveis, ao tradutor, para resolver questões de tradução. Para poder lidar com palavras da língua de partida, sem uma forma correpondente, ou um equivalente satisfatório na língua de chegada, propõe várias maneiras através das quais o tradutor pode ajudar seu leitor a compreender, melhor, os termos. O mesmo autor apresenta uma lista de sete medidas (ver Duff 1981:26) que podem ser tomadas e que representam algumas das

soluções mais comuns para lidar com palavras "culturalmente delimitadas". (p.26) A apresentação de uma N.do T. explicativa faz parte desta lista. Porém há uma certa reserva diante do emprego da N.do T., na tradução literária:

> The literary translator, however, has to avoid drawing attention to his difficulties. Footnotes are possible, but they should be sparingly used. (p.29)

Na sua opinião, nem a utilização da N.do T., nemou a incorporação da explicação no texto são adequados para a tradução literária. Como diz:

> For the literary translator, however, such solutions are less satisfactory. Footnotes, embedded explanations and source words in brackets impede the flow of the writing; wherever possible the 'untranslatable' must be translated. (p.11)

A idéia de que a N.do T. prejudica o desenvolvimento do texto indica o valor atribuído à escrita do tradutor, tendo o teórico, em mente a noção de tal escrita como composta de significados tirados da obra. Um acréscimo pode introduzir idéias, distorções, interrompendo a reprodução do "original". Para Duff (1981) o importante é assegurar a recuperação da obra, traduzindo o que pode aparecer intraduzível. Valoriza o significado literário como a essência da obra que deve ser recuperada na tradução.

Duff insiste na capacidade do tradutor de definir seu leitor, um ponto de vista compartilhado por Newmark. Tal capacidade, junto com o tipo de tradução em andamento - científica, técnica, acadêmica - vai determinar o recurso mais apropriado. Mostra sua preocupação com a recepção do texto traduzido e o desejo de poder saber como será a leitura do texto ou a reação do leitor, razões que influenciam sua insistência na imagem ilusória do leitor. Parece pensar que isso vai ajudar o tradutor a tomar as medidas certas, desta forma, garantindo a leitura certa da obra que traduz:

> I have been suggesting throughout that the translator should bear in mind the *reader's* needs. Not all readers require the same amount of explanation and background information, In a general text, for instance, clarification can usually be incorporated into the text without recourse to footnotes. (p.29)

Percival (1983) é outro autor que favorece, até certo ponto, a utilização e destaque do recurso textual. Apresenta a utilização da N.do T. dentro da discussão sobre a aparência textual da tradução. Como os outros autores, não utiliza a N.do T. para desenvolver uma maior reflexão sobre a tradução, mas a considera um dos aspectos menores a serem levados em conta, nos exercícios de formação e treinamento de tradutores. Observamos que este é um dos assuntos discutidos por ele no sub-título de "Apresentação" (ver

Percival 1983:95), em que também aborda outros pontos relativos à aparência como: formato, tabelas e diagramas, abreviações e acrônimos.

O autor acima reconhece a importância da N.do T. numa tradução e favorece seu destaque. Como diz: "They should be clearly marked as such and positioned in such a way that they cannot be overlooked by the reader".(p. 96) Sustenta o argumento de que o tradutor deve tornar o leitor consciente da sua presença. Posiciona-se contra a produção anônima, dizendo que o tradutor deve, também, valorizar mais o seu trabalho:

> "Translators generally perform their task far too anonymously and should insist on receiving much more credit for their labours". (p.96)

Percival (1983) continua:

> It should be made quite clear at all stages, therefore, that the target document is a translation and should be treated as such, however unimportant this may be to the user. (p.96)

Porém, apesar de aceitar a utilização de recursos complementares como a N.do T. e aprovar maior reconhecimento do tradutor, Percival parece, ainda, encarar a tradução, apenas, como uma forma de reprodução, o que aponta para sua tendência de se considerar unicamente a obra. Como afirma:

> A translation is, after all, by its nature a secondary document and not an original one [...] The user may wish to treat a translation as a primary document, but it is precisely in such circumstances that he must be reminded that it is, in fact, 'only' a translation. (p.96)

Para o autor, a tradução é, por natureza, submissa à obra, o que faz da N.do T. uma mera continuação do quenela se encontra.

A dificuldade de se estabelecer um consenso de opiniões e definir parâmetros corretos ou adequados de operação mostram os problemas que surgem na busca de uma regulamentação da N.do T. O desejo de controlar a utilização da N.do T., mostra que esse recurso incomoda, por desvendar o processo da tradução, enquanto produção de significados, e aponta para a presença inegável do tradutor como responsável pelo mesmo processo. São diversos e variáveis a natureza e o papel da N.do T., por ser esta uma estratégia pessoal à disposição de tradutores individualizados. Pela sua natureza, a N.do T. é capaz de ampliar o caminho criativo percorrido ao se realizar uma tradução.

Para nos, a N.do T. faz parte da tradução e é desenvolvida simultaneamente com ela. Esse ponto de vista subverte a concepção que aceita a N.do T. como uma forma textual rigidamente diferenciada da tradução. É uma posição contrária àquela aceita por

vários autores discutidos que reconhecem apenas a existência de divisões claramente marcadas entre conjuntos textuais, tais como a tradução e a N.do T., servindo para determinar o início e o fim de um texto e de diferenciar textos entre si.

As concepções de "texto" e de "seus limites" estão envolvidas na idéia do relacionamento entre a tradução e a N.do T. A questão das divisões textuais é tratada por Derrida (1979) no seu ensaio "Living On. Borderlines". Surge uma reflexão sobre até que ponto é possível diferenciar entre o que é oferecido na tradução e o que é apresentado como complemento, em outro espaço textual próximo, como a N.do T. Observamos que nesse questionamento se pressupõe a existência de uma separação clara entre um conjunto textual e outro, como também a certeza do reconhecimento do início e do término de cada um. Imediatamente se estabelece uma divisão, uma linha de demarcação separando os textos, um ato que já supõe a existência de traços diferenciados entre os dois. Questionamos a possibilidade de se distinguir entre o que aparenta ser dois conjuntos textuais distintos, uma vez que fazem parte do mesmo processo interpretativo sendo realizado num dado momento. Como propõe Derrida (1979):

> How can one text, assuming its unity, give or present another to be read, without touching it, without saying anything about it, practically without referring to it? How can two "triumphs" read each other, each one *and*

> the other, without even knowing each other, at a distance? (p.80)

Ao discutirmos os enfoques que aceitam a existência de separações intra-textuais, observamos como explicitam desejos de poder separar, objetivar, marcar e descrever, com precisão a natureza e a função de tais corpos textuais. De certa forma, isso nos remete à mesma postura produtora de criações dicotômicas, de processos de teorizações ao qual a tradução tem sido submetida. Derrida (1979), na sua discussão sobre a definição exata de fronteiras usadas para estabelecer distinções, criar divisões ou dicotomias hierárquicas menciona:

> The question of the borderline precedes, as it were, the determination of all the dividing lines that I have just mentioned: between a fantasy and a "reality," an event and a non-event, a fiction and a reality, one corpus and another, and so forth. (p.83)

Para subverter tal proposta, propõe um tipo de fusão, Derrida propõe um tipo de fusão: "There is a regular *submerging* of the shore." (p.81) A afirmativa parece refutar, dessa forma, a concepção corrente do que seja um "texto", a idéia da existência de fronteiras definidas, marcadas que distinguem entre partes de textos. Tais fronteiras definem seu início, seu fim, a unidade do corpus, seu título, suas margens, suas assinaturas, enfim, a visão

que deseja contornos claros para o espaço referencial do texto. Como elabora em "Living On":

> What has happened [...] is a sort of overrun [*débordement*] that spoils all these boundaries and divisions and forces us to extend the accredited concept, the dominant notion of a "text" [...] that is no longer a finished corpus of writing, some content enclosed in a book or its margins, but a differential network, a fabric of traces referring endlessly to something other than itself, to other differential traces. (p.83)

Dessa forma, ultrapassa as concepções rígidas do texto como um conjunto decompartimentado e as delimitações que o cercam são rompidas para transbordá-las ou estendê-las em direção a uma intertextualidade. Uma vez estabelecidas as diversas relações imagináveis, fica insustentável abordar o texto apenas como um corpo completo em si, carregado do seu próprio conteúdo dentro dos seus limites textuais e que não se refere ou não se estende para uma outra referência fora de si.

A importância dessa formulação, para a questão da relação entre a N.do T. e a tradução, é de levar a uma reavaliação do recurso, enquanto realização textual. Qualquer reconhecimento da estreita interação entre os dois conjuntos textuais, contribui para

subverter a separação rígida, existente entre a produção do tradutor no texto traduzido e sua produção em N. do T.

Ao mesmo tempo, enfatiza a impossibilidade de demarcar, definitivamente, qualquer mudança interpretativa, ou qualquer diferença de postura por parte do tradutor ao passar a realizar a N.do T. Consideramos que essas situações focalizadas são as mesmas e a atitude do tradutor não sofre nenhuma transformação, somente porque se afastou de lugar no texto e passou a produzir, em outro lugar no texto. Acreditamos que o tradutor não se separa do texto para realizar a N.do T., mas apenas se estende, formulando seus próprios parâmetros de produção textual, que refletem sua resposta àquela situação de tradução. Inevitavelmente, se apropria do texto que lê, acomodando-se à nova situação para poder criar e realizar outro texto da forma que julga adequada.

Tencionamos realçar a importância da N.do T. enquanto uma produção conjunta ao processo tradutório. É fundamental para discutir a questão da forma de agir do tradutor e de resolver determinadas situações de incerteza que acaba enfrentando, ao longo de sua tarefa. Observamos como Derrida (1979) manifesta a preocupação que qualquer produtor textual enfrenta sobre o que fazer para que o leitor se familiarize com suas idéias. Mesmo o uso de diferentes idiomas para expressar uma idéia não é casual: o filósofo acredita que somente o inglês é insuficiente, razão pela qual também recorre ao francês e ao alemão no seu ensaio

"Borderlines". De certa forma, parece desejar usar ensaio como uma forma sucinta de tradução para acompanhar as idéais em "Living On". Atribui à sua escrita a economia e a explicitação, características normalmente associadas com à produção ao pé da página, posição da N.do T:

> A question to the translators, a translator's note that I sign in advance: What is translation? Here, economy. But also, *from afar*, in order to get down to what *é-loignement*, *Ent-fernung*, "dis-tance," *mean* in writing and in the voice. (p.77)
>
> * * * * *
>
> I anticipated this difficulty of translation if only up to a certain point, but I did not calculate it or deliberately increase it. I just did nothing to avoid it. On the contrary, I shall try here, in this short steno-telegraphic band, for the greatest translatability possible. (p.89)

Percebemos, pois, na N.do T. o mesmo desejo do tradutor, o de realizar uma produção textual que contribua para alcançar o seu leitor com a maior eficacia possível. Procuramos enfatizar a dificuldade de avaliar o resultado de tal esforço, uma vez que implica determinar a reação do público diante do texto. Trabalhemos, também, de que forma a N.do T. age como um espaço de

reflexão para o tradutor, no qual procura, de forma precisa, reforçar a direção das suas idéias e expressar as posições assumidas a partir da sua leitura do texto. Mais importante ainda é o fato de a N.do T. poder ser uma abertura para a discussão das diferenças surgidas na leitura do tradutor, um processo de possível confirmação se realizarmos um estudo comparativo entre obra e tradução. Intencionalmente o tradutor, ao elaborar a N.do T., procura manter uma postura distante, uma linguagem "objetiva", por tratar-se de uma explicação feita sobre sua própria produção, mas sempre há compatibilidade entre tradução e N.do T. Isto faz da N.do T. uma confirmação textual da interpretação feita da obra. No final, precisamos lembrar que há apenas um produtor textual, fazendo com que o que for elaborado em N.do T. vá sempre ao encontro da tradução e vice versa.

1.5 CONCLUSÃO

Procuramos, através das observações acima, valorizar a N.do T. e os significados ali elaborados, por apontarem para a ação inevitável de apropriação, envolvida na leitura do tradutor. A N.do T. vai além de mera intrusão, é uma tomada e transformação de texto, através dela, confirmamos o valor do texto para o tradutor.

Constatamos a impossibilidade de associar a função explicativa que o recurso tradutório desempenha, com noções como esclarecer a intenção do autor, ou retirar o verdadeiro significado da obra. A N.do T. é valorizada, enquanto indicação da leitura feita da obra e, ao ser analisada, vai indicar os interesses e as influências do seu produtor.

A discussão em torno do recurso não se interessa em especificar a quantidade de N. do T. que deve fazer parte de uma tradução ou em predeterminar seu efeito sobre o leitor. Qualquer discussão sobre efeito textual supõe a possibilidade de uma essência textual, ou seja, a existência de uma verdadeira significação textual. A importância da N.do T. se constrói sobre a sua possibilidade de servir para conduzir à satisfação tradutória, uma vez que complementa e contribui para completar a produção do tradutor. Podemos valorizá-la como um elemento representativo no process de construção textual, a medida que combata sentimentos de

insatisfação, angústia e incerteza a respeito de significados criados no momento de traduzir.

A questão da aceitação da N.do T. é fundamental por apontar para a postura teórica diante do recurso, bem como para a política da editora ou da coleção focalizada. No caso de **O Mundo Se Despedaça**, tem que ser considerada por fazer parte do protocolo editorial da coleção **Autores Africanos**. Reconhecemos a vantagem dessa aceitação em termos do reconhecimento da presença da tradutora, bem como em termos da valorização de sua produção autoral.

Contrária às posições logocêntricas diante da N.do T., constatamos que não pode servir para corrigir discrepâncias culturais uma vez que apectos de língua e de cultura não se sujeitam à correção, mas podem ser lidos. Em vez disso, percebemos na N.do T. uma maneira de chamar atenção para as diferenças a nível de língua e de cultura e, ao mesmo tempo, de fazer com que o tradutor se familiarize com tais diferenças, que procura explicar a partir de sua própria subjetividade e seu contexto.

Finalmente, refletimos sobre a separação textual estabelecida entre N.do T. e tradução. Em vez da divisão hierárquica, observada na teorização, entre os dois tipos de texto, propomos a idéia de uma mistura textual com base no fato de que são realizados pelo mesmo tradutor. A separação gráfica entre

a tradução e a N.do T. não produz uma fragmentação do texto traduzido, e não implica a realização de uma leitura decompartimentada. Como será ilustrada na análise das N.do T., há o desenvolvimento de uma idéia na tradução e na N.do T. Pensamos, portanto, em termos de uma colaboração mútua, uma reciprocidade, com um indo ao encontro do outro. São desenvolvidos simultaneamente e existem juntos.

CAPÍTULO DOIS

O MUNDO SE DESPEDAÇA E *THINGS FALL APART*: OS RUMOS DA ESCRITA, DA TRADUÇÃO E DA CRÍTICA.

2.1. INTRODUÇÃO

Focalizamos, nesta segunda parte, a tradução **O Mundo Se Despedaça** de Vera Queiroz da Costa e Silva, proveniente do romance **Things Fall Apart** de Chinua Achebe. A análise dos textos tem como principal finalidade o estudo da utilização da N.do T. Procuramos demonstrar como o emprego de recursos textuais implicam em posturas de leituras dos textos.

Dada a natureza transformadora de cada leitura, postulamos a impossibilidade de se descobrir exatamente o que o autor quis dizer. O leitor ou o tradutor é quem atribui sentidos ou valores, os quais indicam suas posições de leitura e circunstâncias de produção textual. Como será tratado no capítulo três, através da introdução e comparação com a tradução francesa de **Things Fall Apart**, a leitura feita por Costa e Silva e o uso do recurso, N.do T. representam uma ação individual, estimulada pela sua leitura do romance e aceita como parte integrante do protocolo editorial envolvido, na produção da tradução brasileira.

Ao analisar **Things Fall Apart**, procuramos apresentar os pontos de estímulo que possam ter conduzido para o tipo de leitura desenvolvida na tradução. Inicialmente, apresentamos a obra de Chinua Achebe, reconhecendo-a como uma das principais produções contemporâneas da Nigéria e da África anglofone. Escrita em 1958, associa-se a sua temática com os sentimentos anti-colonialistas e

a subseqüente independência da Nigéria, em 1960. Dado o período, o autor desenvolve como um dos principais temas o da subjugação colonial.

Em seguida, na questão das línguas intervenientes no romance, procuramos demonstrar como a relação entre o Ibo e o inglês ultrapassa questões de linguagem, para envolver assuntos como ideologia, compromisso étnico e cultural. As relações entre as línguas e as culturas são fundamentais para a leitura realizada pela tradutora. Na sua leitura, os posicionamentos e as decisões de tradução que reflitam e expliquem situações, explicitam a intervenção particular, pessoal da tradutora no texto realizado em língua portuguesa.

Para finalizar apresentamos o autor como intérprete privilegiado das relações sociais da comunidade. Orador e instrutor, assume a tarefa de promover uma valorização da sociedade tradicional e, explicitar os males da subjugação colonial. Focalizamos os propósitos político-didáticos subjacentes à escolha dos temas da obra. Estes aspectos são relevantes para a discussão comparativa entre obra e tradução. A partir daí, procuramos examinar a postura explicativa de Costa e Silva diante dos traços afrocêntricos que permeiam a obra. Focalizamos a compreensão dos traços culturais, transformando, assim, o texto traduzido num espaço para desvendar o pensamento, as crenças e os valores sócio-religiosos do povo Ibo.

2.2. *THINGS FALL APART*: UMA HISTÓRIA AFRICANA

O título de seu primeiro romance, **Things Fall Apart**[3] anuncia a dívida de Chinua Achebe com o poema **The Second Coming** de Yeats (1921), do qual utiliza os seguintes versos, como epígrafe da obra:

> Turning and turning in the widening gyre
> The falcon cannot hear the falconer;
> Things fall apart; the centre cannot hold;
> Mere anarchy is loosed upon the world.
>
> W.B. Yeats: 'The Second Coming'

O autor projeta uma visão da história humana como sucessão de ciclos de época em que a era pré-cristã cede lugar à era iniciada com a chegada de Jesus Cristo. A essa era cristã segue-se uma nova, aterrorizante e desconhecida. Analogamente, a sociedade do século XIX, retratada por Achebe, testemunha o fim de uma era e o início de outra, a da europeização, bem como todas as suas consequências para a era seguinte - a história futura da África pós-colonial. Ao evocar os temas de Yeats, Achebe sugere que a concepção da história e da tradição, o peso da continuidade cultural, sua decadência e seu renascimento, têm sido o destino tanto do africano, quanto do homem ocidental.

---

[3] ACHEBE, C. Things Fall Apart. London: Heinemann, 1958.

Assim, Achebe explora a tradição cultural européia da literatura, da historiografia, para reverter as definições exclusivistas do homem branco a respeito da história e da cultura. Utiliza as tradições literárias do idioma inglês para liberar a identidade e a história africana das imagens negativas, inseridas na linguagem do colonizador.

Things Fall Apart é testemunho da conscientização histórico-cultural do seu autor, Chinua Achebe, prova seu desejo de retraçar a história do povo Ibo e, ao mesmo tempo, reafirmar sua identidade tribal. Achebe cria sua obra em torno de uma pequena comunidade Ibo chamada Umuofia, situada na região do Baixo Níger, no continente africano, nos meados do século XIX. Tal comunidade Ibo serve de palco para as pretensões do autor de focalizar a sociedade tradicional africana.

Recriando o cenário, Achebe descreve a vivência dos Ibos e a chegada dos ingleses no continente. Para chegar ao acontecimento historicamente marcante, há a evocação do período anterior à chegada dos primeiros europeus, junto ao povo Ibo, e a consideração das conseqüências de sua chegada para a comunidade, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo. Descreve o encontro, nada pacífico, entre duas culturas e, numa dimensão maior, representa o contato entre a Europa e a África e o início da subjugação do continente africano ao sistema colonial.

Partindo dessa base histórica, visualizamos a comunidade Ibo, Umuofia, composta de uma pequena aglomeração de nove aldeias. O povo vive num estado sócio-econômico rudimentar, em harmonia com seu ambiente e em conformidade com instituições e estipulações tradicionais, valores sociais e crenças religiosas. O contato com a vida cotidiana se realiza, principalmente, através da figura do herói, Okonkwo, uma figura grandiosa e, ao mesmo tempo, trágica, que simboliza os esforços e os destinos individuais e coletivos. Okonkwo, portanto, se projeta como a figura fundamental na elaboração dos acontecimentos.

O romance é dividido em três partes. A primeira retrata o período que antecede a chegada dos ingleses. Inicialmente, Achebe relata a bravura de Okonkwo, que se torna famoso ao derrotar, numa luta, Amalinze, O Gato, um oponente até então indestrutível:

> Okonkwo was well known throughout the nine villages and even beyond. His fame rested on solid personal achievements. As a young man of eighteen he had brought honour to his village by throwing Amalinze the Cat. Amalinze was the great wrestler who for seven years was unbeaten, from Umuofia to Mbaino. He was called the Cat because his back would never touch the earth. It was this man that Okonkwo threw in a fight which the old man agreed was one of the fiercest since the founder of their

> town engaged a spirit of the wild for seven days and seven nights. (p.3)

Com isso, inicia-se o relato sobre um grande homem da tribo, homem muito bem sucedido, próspero e respeitado no seu clã. Através de muito esforço e sacrifício, Okonkwo torna-se um dos líderes de sua tribo, um feito notável, se observarmos seu pai, Unoka, cujo caráter diverge totalmente do de Okonkwo e de quem, portanto, não recebe apoio nenhum. Podemos dizer que o fracasso total do pai serviu de inspiração para empurrá-lo a maiores e honrosos feitos.

Okonkwo é descrito como figura exemplar do espírito guerreiro da sua tribo. Orgulhoso, valente, possuidor de grandiosa força física e espírito lutador é conduzido pela paixão de vencer na vida; alcança também grandeza e reconhecimento social, a custo do carinho humano. Sua tragédia é ainda mais marcante porque, apesar de todo esforço e vontade de vencer, parece incapaz de combater o rumo do seu próprio destino trágico, que seu **chi** ou deus pessoal tinha lhe preparado. Diz-se que Okonkwo herdou o mau **chi** de Unoka.

> His life had been ruled by a great passion - to become one of the lords of the clan. That had been his life-spring. He had been cast out of his clan like a fish on to a dry, sandy beach, panting. Clearly his personal god or **chi** was not made for great things. A man could not rise beyoun the destiny of his **chi**. The

> saying of the elders was not true - that if a man said yea his chi also affirmed. Here was a man whose *chi* said nay despite his own affirmation. (p.92)

O pai do herói, Unoka, foi condenado à pior morte que um homem pode ter. Morreu de inchaço, considerado uma abominação por todos. Não lhe foi permitido ficar em casa e perdeu o direito a um enterro decente. Foi levado para a Floresta Maligna e deixado para apodrecer sobre a terra. Descrito como um **agbala**, ou homem preguiçoso e imprudente, viveu à toa, preferindo tocar sua flauta e tomar vinho de palma a plantar horta de inhames. Assim, não garantiu o bem-estar de sua família e não se esforçou para ganhar títulos de honra e bravura. Passou a vida acumulando dívidas, emprestando dinheiro de seus amigos para festejar e ser feliz.

> Unoka [...] was lazy and improvident and was quite incapable of thinking about tomorrow. If any money came his way, and it seldom did, he immediately bought gourds of palm-wine, called his neighbours and made merry. He always said that whenever he saw a dead man's mouth he saw the folly of not eating what one had in one's lifetime. (p.3)

Contrastando com seu pai, Okonkwo se realiza na vida. Ganha fama como lutador, se torna um grande fazendeiro, é também

portador de dois títulos tendo mostrado exemplar em duas guerras tribais. Com tais atributos, logo se torna um dos líderes do clã. Por seu próprio esforço, sem qualquer apoio paternal, ele constrói um nome e ganha o respeito da tribo.

> With a father like Unoka, Okonkwo did not have the start in life which many young men had. He neither inherited a barn nor a title, nor even a young wife. But in spite of these disadvantages, he had begun even in his father's lifetime to lay the foundations of a prosperous future. It was slow and painful. But he threw himself into it like one possessed. And indeed he was possessed by the fear of his father's comtemptible life and shameful death. (p.13)

O sucesso de Okonkwo se evidencia em sua vida comunitária e familiar. É considerado grande plantador de inhames e rico fazendeiro. É chefe de uma grande família de três esposas e oito filhos. Por seu comportamento impecável, é escolhido para cuidar de Ikemefuna, jovem dado a Umuofia, pela tribo de Mbaino, como recompensa, para evitar uma guerra entre as duas tribos. Posteriormente, Okonkwo, conduzido por sua paixão de vencer na vida e pelo medo da fraqueza, é cúmplice no assassinato de Ikemefuna.

Em **Things Fall Apart** testemunhamos uma recriação da vivência cotidiana e tradicional da Africa pré-colonial, por meio de simples gestos da vida diária na coletividade e na vida doméstica. Numa sociedade polígama observamos as relações da família com os vizinhos. Certas leis de comportamento controlam a relação que existe entre o esposo e sua primeira e outras esposas, entre as esposas, entre o pai e seu primeiro filho e seus outros filhos. Na educação informal das crianças há diferença de tratamento, de papel entre meninos e meninas, uma situação criada em consonância com seus futuros lugares na sociedade. A preocupação de Okonkwo em preparar seu filho Nwoye para se sustentar, ganhar um nome e o respeito da tribo
mostra a valorização de atributos como a diligência.

> Inwardly Okonkwo knew that the boys were still too young to understand fully the difficult art of preparing seed-yams. But he thought that one could not begin too early. Yams stood for manliness, and he who could feed his family on yams from one harvest to another was a very great man indeed. Okonkwo wanted his son to be a great farmer and a great man. He would stamp out the disquieting signs of laziness which he thought already saw in him. (p 23)

As atividades familiares e comunitárias de Okonkwo nos levam a perceber a importância das estações do ano para a vida econômica e social da comunidade. Várias ações rituais e cerimoniais são descritas: as preces ao Oráculo das Colinas e das Grutas, **Agbala**; a crença na existência do **chi** ou deus pessoal, protetor dos indivíduos; a Festa do Inhame Novo; a Semana da Paz; os rituais de casamento; a força metafísica dos nove **egwugwus**, representando as nove aldeias de Umuofia.

Neste cenário, a figura de Okonkwo se sobressai como indivíduo, representante de um modo de viver e pensar. Seus esforços e sua eventual conquista de um lugar respeitado, aos olhos dos compatriotas e da comunidade, fazem dele a reencarnação dos valores que os Ibos devem cultivar. Por conseqüência, Okonkwo surge como protagonista, na experiência colonial da comunidade.

O trágico destino de Okonkwo já estava escrito, Na cerimônia de enterro de um dos anciãos da aldeia, comete um **ochu** e, acidentalmente, mata o filho caçula do morto, sendo obrigado a fugir de sua tribo, num exílio forçado de sete anos. Trata-se de uma das penosas exigências da deusa da terra, pois matar um dos membros do clã era crime. As mesmas crenças que ele tanto estima ,operam, então, contra seu bem-estar, e Okonkwo, bem como sua família são forçados a fugir de Umuofia e refugiar-se em Mbanta - a terra da sua mãe.

Na segunda parte, encontramos Okonkwo apenas tolerando sua vida de banido, frustradamente, esperando a passagem do tempo para poder retornar à sua terra de origem. Durante a ausência dolorosa de Okonkwo, Achebe narra a chegada dos ingleses e sua instalação entre os Ibos. De início, o contato entre as duas culturas não foi tranqüilo. Conta-se que na aldeia Abame, onde apareceu o primeiro homem branco, avisados pelo Oráculo de que ele representava a destruição, os habitantes da aldeia o matam. Algumas semanas depois, a aldeia foi atacada por um exército, liderado por ingleses, houve um massacre do qual poucos escaparam.

Os missionários se instalam em Umuofia, onde constroem uma igreja. Isso, de certa forma, marca o início de um confronto inevitável entre culturas, entre duas visões de mundo, entre a cosmologia africana e a religiosidade cristã, tão útil às primeiras intenções colonizadoras. Surge uma transformação importante, drástica, resultado da intrusão da cultura européia no mundo fechado e auto-suficiente da pequena comunidade tradicional africana.

Dadas as suas convicções pessoais e sua total fé nas circunstâncias de sua própria existência e de seu modo de vida, Okonkwo é profundamente afetado pelos eventos. Ainda morando em Mbanta, ele observa a passividade do povo, que se acomoda à presença dos ingleses e até começa a incorporar hábitos e pontos de vista diferentes. A estrutura tradicional que representa seu

suporte físico e mental desintegra-se, uma situação com a qual Okonkwo não se conforma. As transformações gerais que ocorrem, de certa forma, prenunciam os eventos que culminam com sua morte no final do romance. Percebemos então no exílio forçado de Okonkwo o início de um declínio particular e coletivo, sem possibilidade de recuperação do modo de vida anterior.

Na terceira parte da obra, encontramos Okonkwo de volta a Umuofia, tentando retomar sua vida, mas as coisas não são mais como antes. Sua própria família não se mantém indiferente às mudanças. É claro que os invasores se aproveitam dos pontos fracos da comunidade e os exploram para ganhar seus primeiros fiéis convertidos, quebrando, dessa forma, a homogeneidade da sociedade tradicional. As pessoas fracas, aquelas com menos a perder e que não prosperavam com o sistema tradicional de vida, foram as primeiras a ceder. Chielo, a sacerdotisa, os condena descrevendo-os como o excremento do clã e a nova religião como um cachorro raivoso que chegou para comê-lo.

Aqueles que detestavam a destruição de gêmeos, uma das exigências rituais da sociedade Ibo tradicional, aqueles que não compreendiam ou concordavam com o ostracismo dos **osu** ou párias, favoreceram a presença dos missionários e filiaram-se à nova fé. A conversão mais importante foi a de Nwoye, o primogênito de Okonkwo que, ainda menino, escutara o choro dos gêmeos jogados para a morte, na floresta, incidente que deixou nele uma profunda

impressão. Rapaz muito sensível, não se conformara à lei, da mesma forma como nunca tinha se conformado com o assassinato de seu amigo Ikemefuna, que, morrera pelas mãos de seu próprio pai, Okonkwo. As ações de Nwoye eram imperdoáveis, aos olhos de Okonkwo e representavam a realização do seu pior pesadelo.

> Suppose when he died all his male children decided to follow Nwoye's steps and abandon their ancestors? Okonkwo felt a cold shudder run through him at the terrible prospect, like the prospect of annihilation. He saw himself and his father crowding round their ancestral shrine waiting in vain for worship and sacrifice and finding nothing but the ashes of bygone days, and his children the while praying to the white man's god. If such a thing were ever to happen, he, Okonkwo, would wipe them off the face of the earth. (p.8)

Okonkwo detesta a nova religião, o governo e as novidades econômicas e sociais introduzidas no seu clã. Sente-se ofendido ao ver seu próprio povo adotando ou se acostumando às novidades que os invasores trouxeram. Ele reclama constantemente da aparente passividade de sua tribo, antes reconhecida por seu espírito guerreiro e lutador. Não tem paciência com as novas atrações e não tolera a subjugação implícita na nova forma de vida. Nessa

atmosfera de transformação, Okonkwo volta para Umuofia, mas seu exílio continua até sua morte.

Culpando totalmente a nova religião e o governo pela desintegração do seu lar e da sua comunidade, Okonkwo começa a acumular uma energia negativa, destrutiva, que explode, encontrando satisfação numa última ação violenta e sem sentido, o assassinato brutal de um dos mensageiros do tribunal.

> Okonkwo ... sprang to his feet as soon as he saw who it was. He confronted the head messenger, trembling with hate, unable to utter a word. The man was fearless and stood his ground, his four men lined up behind him.
>
> In that brief moment the world seemed to stand still, waiting.
>
> The spell was broken by the head messenger. 'Let me pass!' he ordered.
>
> 'What do you want here?'
>
> 'The white man whose power you know too well has ordered this meeting to stop.'
>
> In a flash Okonkwo drew his matchet. the messenger crouched to avoid the blow. It was useless. Okonkwo's matchet descended twice and the man's head lay beside his uniformed body. (p.144)

Agora seu exílio é completo e definitivo. Sua violência e agressão o isolam da família e da comunidade. Recusando submeter-se ao novo sistema de justiça, Okonkwo entrega-se ao destino e aceita o único meio de fuga que lhe resta, o suicídio.

Alguns críticos lêem neste desfecho a conseqüência trágica da destruição de toda uma maneira de viver; uma destruição provocada pela chegada dos europeus e pela imposição do colonialismo. Outros entendem que esta foi a maneira, encontrada por Achebe, de reafirmar o orgulho e a dignidade originados no sentimento de identidade e herança, uma mostra do espírito lutador que existe no povo Ibo, espírito capaz de derrotar a dominação colonial sobre a qual escreve.

Achebe procura recriar a sociedade pré-colonial Ibo, construindo sobre experiências próprias e idéias pessoais a visão de uma forma de vida consistente em si, satisfeita com sua própria dignidade. **Things Fall Apart** representa o bem sucedido esforço de Achebe em reviver, na sua imaginação, o velho sistema tradicional da sociedade pré-colonial Ibo. Pelas imagens trágicas daquela sociedade, ele narra o encontro nada tranqüilo entre a comunidade africana e os europeus. Ao mesmo tempo, há a sugestão do empenho em corrigir preconceitos e concepções pertinentes à história de seu povo, fazendo surgir um novo ponto de vista, necessário para a recuperação da dignidade e do auto-respeito étnicos. O propósito de Achebe é livrar sua sociedade da posição de subjugação colonial.

2.3 *O MUNDO SE DESPEDAÇA* VERSUS *THINGS FALL APART*: INFLUÊNCIAS DE CONTEXTO E PRÁTICAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL.

Torna-se possível incluir a tradução num contexto editorial que influiu diretamente no texto produzido. O texto faz parte da coleção, **Autores Africanos** da Editora Ática, reunindo obras da literatura africana contemporânea. Os temas são marcadamente afrocêntricos, desenvolvidos em torno das experiências recentes do continente. Ao examinar as traduções que fazem parte da coleção, constatamos que, decorrente do protocolo estabelecido pela editora, os tradutores recorrem à N.do T., apresentando através destas línguas, as culturas e vivências das diversas sociedades do continente. Através de tal prática, torna-se possível identificar os textos como pertencendo à mesma linha editorial e sujeitos às mesmas regras de produção textual. Como explica Fish (1980), há um consenso sobre a maneira de produzir o texto.

> Nowhere is this set of acceptable ways written down, but it is a part of everyone's knowledge of what it means to be operating within the literary instituition as it is now constituted. (p.342)

Porém, Fish (1980) não atribui rigidez às práticas. A tradução se compromete com as concepção textuais, as teorias de tradução, bem como os propósitos da comunidade interpretativa da qual o tradutor faz parte. Mas a existência de regras ou práticas não implica em estabilidade ou uniformidade na maneira de produção devido à

participação de diferentes sujeitos. A coleção **Autores Africanos** proveio de vários editores e tradutores, produzindo modificações constantes das fronteiras do aceitável. Neste contexto variável, localizamos a situação específica de **O Mundo Se Despedaça**, como caracterizado pelo estilo de produção textual da tradutora.

Para compreender o impacto de uma obra como a de Achebe, seria interessante refletir sobre a linguagem do texto. O fato de que o idioma Ibo se destaca no texto nos remete às circunstâncias específica da obra e a posição do autor, enquanto produtor textual, numa língua para com a qual tem uma atitude ambivalente.

A impossibilidade de resgatar a subjetividade do autor conduz Costa e Silva à definição de outros parâmetros de desenvolvimento textual. Na tradução, verificamos que das vinte e nove N.do T., vinte e uma concentram-se em torno de palavras, frases e uma canção em Ibo. Isso nos leva a deduzir que a presença do Ibo foi um dos principais fatores textuais que influenciaram a utilização da N.do T. na tradução. Reflete um aspecto central da leitura realizada pela tradutora que assume posições diante da língua Ibo, as quais procura explicar através das N.do T. Portanto, a presença do Ibo, no texto, provoca questões fundamentais para a realização da tradução. A tradutora observa a natureza específica das palavras e frases em Ibo para poder discutí-las cultural e antropologicamente em N.do T., um rumo de interpretação que

confirma seu interesse por aspectos da vivência Ibo, despertados ao longo da manipulação da obra.

Na obra, detemo-nos nas línguas envolvidas - o inglês e o Ibo - a partir das quais apreciamos uma criação dialética, um debate que extrapola qualquer possibilidade de discussão meramente lingüística, uma vez que inescapavelmente envolve a questão da dominação colonial, a imposição de influências e o surgimento de um conflito de interesses dentro do mesmo sujeito que, exemplificado na figura do autor, é obrigado a conviver com duas línguas.

Ao inserir, deliberadamente, vestígios do Ibo, Achebe se projeta para além do inglês, à procura de referências a uma vivência que não se associa ao inglês. O autor explora a tensão entre a tentativa de colocar em destaque uma história africana e a escolha de assim o fazer na língua do colonizador. Fruto de seu compromisso político com a "autêntica" cultura Ibo, isto se relaciona com seu projeto de recriação e análise da sociedade anterior à presença do apressor, para poder cristalizar as conseqüências destrutivas da subversão social, sofrida pela combinação do cristianismo com a política administrativa colonial.

O Ibo-inglês de Achebe indica o desejo e o esforço de um intelectual formado na língua do colonizador de retomar o pensamento e a visão de uma sociedade tradicional. Representa o encontro da atitude anti-inglesa com a esperança de diálogo

nacional, possível apenas no mesmo inglês, dada a diversidade lingüística da Nigéria.

Para quem escreve com propósitos de unificação nacional, pensando em atingir um público leitor que abrange as mais de cento e cinqüenta línguas africanas, co-existentes em território nigeriano, não se pode negar o realismo de uma produção literária na língua oficial. Língua em que Achebe, por necessidade, tem que se expressar para assim alcançar um maior número de leitores. Como escritor, preocupado com a construção de uma nova nação, projeta-se para uma público que ultrapassa a sociedade local, o clã, razão pela qual o inglês é favorecido. Apreciamos, portanto, a dificuldade de ignorar a condição de conflito em que se encontra o autor, bem como a impossibilidade de Costa e Silva reproduzir fielmente esta condição. A tradutora, então, recorre à utilização de mecanismos produtores de significação.

O uso da língua do opressor nas obras de escritores anteriormente colonizados, é um tema amplamente discutido na crítica da literatura africana. (ver JanMohamed 1983, Irene 1981, Ashcroft et.al. 1989). A discussão se constrói em torno do que é visualizado como o dilema do autor colonial e pós-colonial, que utiliza a língua européia como sua língua materna, resultado dos condicionamentos do processo histórico.

A partir daí, a dominação colonial passa a ser um dos temas centrais de reflexão crítica e produção literária do autor. O discurso crítico do autor combate o do colonizador europeu, produzido por uma hierarquização de valores a partir da qual a superioridade do europeu cria e condiciona a inferioridade no africano. JanMohamed (1983) apresenta esta crítica como marca da produção de Achebe, um componente da literatura que se propõe a combater os efeitos negativos da experiência colonial:

> The dialectic of negative influence is in fact a literary manifestation of the manichean socio-political relation between the colonizer and the colonized. The black writer finds that colonialist praxis and literature promote a negative, derogatory image of Africa and its inhabitants, and thus he is motivated to attempt a correction of that image through a symbolic, literary re-creation of an alternate, more just picture of indigenous cultures. (p.8)

Considerado um dos percursores na formação de uma tradição literária africana, escrita em inglês, Achebe parece tentar o impossível - abrir espaço para uma literatura escrita a partir de uma cultura predominantemente oral. Como discute Menezes de Souza (1988), é possível apreciar as dificuldades enfrentadas devido à origem e aos temas da sua literatura. Esses fatores, junto

com postura crítica e reacionária dos autores, têm implicações em termos da admissão da mesma literatura dentro da estética literária européia.

O autor, ao invés de buscar reconhecimento copiando formas padronizadas do colonizador, cria uma estética própria, forma encontrada de descartar a do colonizador, substituindo-a por outra, representativa da sua própria situação. A temática desenvolvida por Achebe encontra sua reflexão na linguagem, onde a fusão de dois sistemas - as formas africanas e as formas européias - levam a uma nova literatura.

Ao utilizar uma língua européia para expressar a experiência africana, o autor às vezes desempenha o papel de tradutor da sua língua nativa, posição que ou assume ou rejeita, dependendo das circunstâncias. A tradução na obra age como uma estratégia literária. Por vezes, é simultaneamente tradução e explicação, e há casos em que um termo Ibo se transforma em vários. O autor observa que o escritor africano, produzindo literatura, numa língua que não é sua expressão natural, nem a da sociedade que desenha, tem duas opções:

> He can try to contain what he wants to say within the limits of conventional English or he can try to push back those limits to accomodate his idea [...] The second method can produce something new and valuable to the

> English language as well as to the material he is trying to put over. (p.182)

Portanto, temos a posição peculiar de uma literatura, escrita em inglês, que parece estar dividida em si mesma, um estado de profunda incoerência que reflete a situação do sujeito, derivado do processo sócio-histórico.

Documentos apontam para a inexistência de uma tradição escrita em Ibo. Segundo Emenanje (1980), o Ibo foi reduzido à escrita em 1852 pelo Reverendo J. F. Schion, mas, o primeiro romance, **Omenuko**, escrito em Ibo, só apareceu em 1933, influenciando o clássico de Achebe, escrito vinte e cinco anos depois. A obra de Achebe se realiza desta forma devido ao processo histórico, uma vez que foi somente na última fase do colonialismo, iniciada nos meados do século passado, que as línguas européias passaram a se fazer presentes no continente, porém num nível limitado. Como comenta Povey (1981), muito se discutiu sobre as qualidades estilísticas do romance. Os debates desenvolveram-se entre críticos e autor, tendo contribuições importantes de Achebe, como as afirmações feitas como resposta a questão dos motivos de escrever em língua inglesa.

O autor, sobretudo, manifesta a consciência da sua participação nos sentimentos anti-colonialistas e pró-nacionalistas que, no final dos anos 50, tomaram conta da Nigéria, país com uma população de aproximadamente cinqüenta milhões de habitantes, umas

cento e cinqüenta línguas, nenhuma falada por mais de seis milhões de pessoas. Diante de tal situação, um escritor à procura de público, comprometido com a tarefa de ajudar a criar, e incentivar uma consciência nacional, se beneficia ao utilizar a língua oficial. Ao lado desse contexto, a falta de uma tradição literária, no tempo em que Achebe iniciou sua carreira como escritor, fez com que o inglês tivesse oportunidade igual à de qualquer outra língua, tanto para expressar a moderna experiência nigeriana como para tratar material do passado.

De certa forma, podemos ler nas palavras de Achebe a dimensão da sua produção literária. Achebe[4], citado por Feuser (1979), se posiciona:

> [...] devemos falar da tradição não como uma necessidade absoluta e inalterável, mas como uma metade de uma dialética em evolução - sendo a outra parte o imperativo da mudança. (p.248)

A literatura da África, escrita em inglês tem chamado atenção por causa das tensões culturais e emocionais, inerentes à utilização da língua metropolitana. Passou pelas mãos de estudiosos determinados a elaborar argumentos contra a aparente *liberdade*, por parte da África, com a língua da Mãe Pátria. Por outro lado, têm-se

---

[4] ACHEBE, C. Change and continuity in education. In: Daily Times. Lagos. 20 de janeiro de 1977.

feito esforços para demonstrar as técnicas utilizadas pelos escritores para modificar seu inglês, a fim de poder "traduzir" os traços característicos da sua cultura. Se, sob um aspecto, é a ferramenta que formou seu status colonial, conduzindo a uma atitude de hostilidade, vista sob outro prisma, torna-se a língua franca, utilizada para alcançar maior público tanto fora como dentro da África. Conforme Nubukpo (1990): "Les réalités auxquelles renvoie la langue d'un écrivain ne sauraient être définies indépendamment de l'univers de cet écrivain." (p.402) Para o crítico, os autores africanos, que escrevem em línguas estrangeiras, são destinados a construir e desenvolver um duplo discurso, uma vez que são impossibilitados de esconder suas origens ou sua posição ideológica. Nubukpo (1990) denuncia a ilusão de se pensar que essa postura multiforme só pode ser realmente sentida na escrita em língua africana, ou seja, na língua materna. Aponta para o fato de que as experiências históricas da colonialização eliminam tal possibilidade.

Achebe se aproveita dos valores de percepção da cultura africana, para pintar os conflitos entre o africano e o colonizador branco, ou para projetar as crises internas da sociedade africana provocadas pela presença do europeu na sociedade. A crise, gerada pelo uso africano da língua européia, enfatiza os problemas subjacentes às percepções culturais, etnocêntricas e outras, inerentes às funções coloniais da língua metropolitana.

Ao contar a África na língua do ex-colonizador, o escritor coloca em jogo a dialética da presença e da ausência, a questão da relação entre o homem e o seu modo de expressão. As críticas sobre as literaturas africanas se apresentam numa situação de caos, uma perspectiva de natureza determinista e lingüística. Nessa discussão, o assunto da prioridade lingüística não é favorecido, reconhecendo ser mais importante o exame de como a diversidade do sujeito se manifesta.

Torna-se possível observar os processos de recriação desenvolvidos pelo autor e pela tradutora. Achebe faz questão de usufruir de todos os privilégios de sujeito autoral até então usufruidos pelo colonizador, que se constitui o sujeito e a autoridade aceita de tudo que concerne à sociedade Ibo. Achebe exige o direito de ocupar a posição de sujeito da cultura em discussão, posição esta definida pela presença do Ibo no romance e pela utilização subversiva do inglês, que adapta e transforma.

Frente ao Ibo-inglês, Costa e Silva inicia uma exploração cultural. Esta presença subjetiva da língua Ibo, representa um desafio na tradução, uma vez que tem desdobramentos de caráter ideológico, com significação diretamente ligada às especificidades do sujeito da qual partiu. A tradutora cria outro nível de significação sobre esses interesses culturais através do novo texto e do uso das N.do T. Exploram a matéria cultural e a moral dos Ibos, chegando a interpretações por meio de exemplos das práticas

e das ações comuns que compõem a vivência da cultura Ibo. Examinando as descrições, vemos como a tradutora estabelece um esquema de interpretação, o qual, simultaneamente reflete a sua condição de tradutora brasileira e satisfaz as exigências editoriais.

2.4. *O MUNDO SE DESPEDAÇA* VERSUS *THINGS FALL APART*: A POSIÇÃO DIDÁTICA DO "ORIGINAL" E SUA TRANSFORMAÇÃO.

Numa leitura como tentativa de avaliar a obra e a tradução, procuramos demonstrar como Costa e Silva e o autor adotam, naturalmente, posições diferenciadas, na realização dos seus textos. Tendo posicionamentos decorrentes dos seus diferentes contextos, em sintonia com fatores e circunstâncias de seu tempo e espaço, e também, em harmonia com suas própias convicções pessoais, os dois produtores textuais seguem rumos diferentes.

Ao introduzir a noção de "posição didática" em relação à obra, apresentamos alguns dos depoimentos do autor realizados em apresentações e entrevistas onde afirma seus propósitos educacionais. O estudo desta abordagem abre as possibilidades de estender os resultados do debate didático para incluir a tradução de Costa e Silva e o uso feito da N.do T. A estratégia adotada parece indicar uma tendência de oferecer comentários, uma intervenção de natureza didática. Ao apresentar explicações que

acompanhem o desenrolar dos eventos, a tradutora parece pretender ensinar a "olhar" as características marcantes da sociedade Ibo.

A definição "posição didática" nos parece adequada, uma vez que serve para indicar a atitude de instruir, comentar ou criticar uma determinada situação. Incluimos também a idéia de educar, de proporcionar maior conhecimento ou apreciação. Fazemos, também referência aos amplos objetivos do autor que utiliza o recurso textual, o glossário para as explicações dos termos em Ibo. Na tradução, chamamos atenção para a diversidade das N.do T., que elucidam, ilustram e explicam trechos textuais.

A publicação de **Things Fall Apart** em 1958 rapidamente ganha amplo reconhecimento internacional e o romance torna-se um clássico da literatura africana. Passa a servir como referência para análises de obras anglofones. É a primeira de quatro obras de Achebe retratando a sociedade pré-colonial em aldeia, discutindo os efeitos do colonialismo e o período pós-colonial nas nações africanas. As outras três são, **No Longer At Ease (1960)**, **Arrow of God** (1964) e **A Man of the People** (1966).

O autor prefere chamar sua produção de literatura aplicada, uma atividade visando oferecer orientação intelectual e moral para seu povo. Observamos seus comentários numa entrevista (ver Deierden 1972):

> I was thinking primarily more of a deeper meaning of teaching [...] what I think a novelist can teach is something fundamental, namely to indicate to his readers [...] that we in Africa did not hear of culture for the first time from Europeans. (p.7)

Temos aqui a forma, por ele encontrada, para retificar o que chama de "crisis of the soul" (ver Deierden 1972:7) de que sofre um povo subjugado, obrigado a aceitar, por um longo tempo, que somente as produções alheias são boas, ficando tudo que é de origem local, nativo como inferior.

Procurando influenciar a opinião pública africana a respeito de si mesmo, da importância de reconhecer, apreciar e valorizar seu próprio mundo, Achebe encontra-se entre os autores profundamente tocados pela situação dos países africanos. Escreve em meio a mudanças nacionais decisivas para os processos de libertação e eliminação do colonialismo. Demonstra profundo sentimento de compromisso com seu povo e a necessidade de esclarecê-lo. Procura incessantemente a retomada dos valores filosóficos e estéticos, literários e artísticos, em soma, a dignidade dos povos africanos. Para Achebe (1967), a perda do respeito próprio e mútuo foi a pior sofrida pelos povos africanos. Sua maior contribuição, assim acredita, é trabalhar para a recuperação daquela dignidade perdida:

> The worst thing that can happen to any people is the loss of their dignity and self-respect. The writer's duty is to help them regain it by showing them in human terms what happened to them, what they lost. There is a saying in Ibo that a man who can't tell where the rain began to beat him cannot know where he dried his body. The writer can tell the people where the rain began to beat them. (p.178)

O projeto de Achebe é influenciar, através da literatura, no processo de restituição da alto-estima e da valorização cultural dos povos africanos. O romance em questão surge no contexto do apogeu da luta pela independência, no centro do processo da formação de uma identidade nacional nigeriana, produtora de uma nação. Achebe pretende guiar seus compatriotas em direção a uma reavaliação dos eventos produzidos pelo colonialismo e produzir a reconstrução de uma identidade positiva, nacional através da retomada de valores, crenças e padrões sociais africanos.

Longe do contexto africano, distante das perspectivas pessoais Ibo ou do ambiente de luta pela independência, cidadania e construção política da Nigéria, Costa e Silva demonstra sensibilidade dos detalhes circundantes da obra. No entanto, a sua condição de leitor impossibilita a retomada e a reprodução de todas estas circunstâncias. Observamos que a tradutora elabora uma

estratégia, deslocando a atenção para outras áreas. Costa e Silva prefere focalizar e elaborar os detalhes sociais e religiosos predominantes na obra. São aspectos culturais específicos, pouco familiares ao leitor brasileiro. Chama nossa atenção para os detalhes culturais, para seus interesses antropológicos realçando-os em N.do T. Evidenciamos a sua leitura por este e por outros traços textuais. Há, também, os significados que introduz na sua tradução a respeito da vivência Ibo. Assim, provoca um outro tipo de apreciação textual e literária produzindo, na tradução, um outro texto.

Achebe escreve, dirigindo-se a um interlocutor que sempre faz parte de seus textos - o colonizador. Ao mesmo tempo, educa seu povo sobre o passado, ao qual, insiste, nunca faltou dignidade. Como disse numa entrevista (Versinger 1990):

> I believe it's impossible to write anything about Africa without some kind of commitment, some kind of message, some kind of protest. The whole pattern of life demands that you should protest, that you should put in a word for your history, your traditions, your religion and so on. (p.18)

A sua literatura passa a ser o meio de satisfazer o desejo de retratar um modo de vida que lhe é familiar e com o qual se identifica. Utiliza tal proximidade para justificar os direitos que

possui, como autor africano, de relatar sobre o que lhe é totalmente familiar. Como comenta (Nwezeh 1985):

> At the university I read some appalling novels about Africa (including Joyce Cary's much praised **Mister Johnson**) and decided that the story we had to tell could not be told for us by anyone else no matter how well-intentioned. Although I did not set about it consciously in that solemn way, I now know that my first book, **Things Fall Apart**, was an act of atonement with my past, the ritual return and homage of a prodigal son. (p.70)

Ao recriar o passado, Achebe (1967) afirma o propósito de evitar uma imagem extremamente idealista ou uma distorção:

> We cannot pretend that our past was one long, technicolor idyl. We have to admit that like any other people's past ours had its bad as well as its good sides. (p.179)

Desejar uma imagem fiel, segundo o autor, é a maneira de assegurar sua integridade como artista, bem como a do mundo que desenha. Procura admitir o passado de seu povo, como o de qualquer outro povo, com aspectos bons e ruins. Porém, constatamos na sua temática etno-política, uma postura ideológica que aponta para seu compromisso com a vivência Ibo e, ultimamente, com a nação nigeriana. Isso compromete a objetividade e o realismo que ele

próprio atribui à sua escrita, uma vez que sua preferência por assuntos afrocêntricos, bem como sua busca de uma existência ideal e harmônica para seu povo, inspiram suas descrições e sua recriação da vida em aldeia.

Achebe alia-se ao que considera ser uma revolução importante. Pretende contribuir para recuperar a crença da sociedade em si mesma. Como pronuncia (Achebe 1973):

> [...] my wife, who teaches English in a boys' school, asked a pupil why he wrote about winter when he meant the harmattan. He said the other boys would call him a bushman if he did such a thing! Now you wouldn't have thought, would you, that there was something shameful in your weather? [...] I think it is part of my business as a writer to teach that boy that there is nothing disgraceful about the African weather, that the palm-tree is a fit subject for poetry. (p.3)

Costa e Silva, na tradução brasileira, não compartilha a mesma herança cultural do autor, reconhecendo as diferenças, ela parece pressupor, na sua produção, o desconhecimento por parte do leitor da situação cultural e *modus vivendi* do povo Ibo. Observamos o cuidado com que destaca aspectos da linguagem e da cultura Ibo. Demonstramos essa estratégia de leitura em oposição ao mecanismo

político-literário de Achebe da não-tradução das frases da língua Ibo. Como Costa e Silva opta por traduzir todas as frases que aparecem nessa língua africana, podemos sugerir que o ato de utilizar as N.do T. é resultado de uma leitura específica, e é uma opção feita na escrita, de acordo com a situação de tradução brasileira.

Observamos como a intenção explicativa se diferencia dos propósitos didáticos de Achebe. Por parte do autor, há interesse em escrever sobre a circunstância sócio-política da época e ele aproveita o tema, enquanto lição aos compatriotas envolvidos na luta contra o colonialismo. Oferece sua obra como uma forma de instrui-los os valores da herança africana. Palavras como **chi**, **ilo**, **egwugwu**, **obi**, **iba**, **umunna**, **osu**, **efulefu** e **umuada** aparecem em Ibo, o que indica uma estratégia literária dirigida contra a cultura colonialmente imposta. O Ibo se torna uma arma política e educacional; representa a língua do povo colonizado. Ao insistir na sua inclusão, Achebe parece estar reafirmando a presença e a imagem do mesmo, é o meio encontrado para promover a auto-valorização étnica e individual e encorajar a revitalização do orgulho nacional.

Simultaneamente, Achebe utiliza sua obra para atacar a injustiça que acompanha a subjugação colonial, tentando instigar, nos seus compatriotas, os sentimentos de respeito e estima por modos de vida que foram profundamente afetados. Com isso, Achebe

faz de seus aprendizes, seus compatriotas nacionais, os africanos, enfim, todos que faziam parte dos esquemas do imperialismo e do colonização.

Chamamos atenção para a ênfase que Costa e Silva coloca nos aspectos típicos da vida cotidiana do povo Ibo. Através das suas N.do T., podemos sugerir uma preocupação com fatores de natureza sócio-cultural que distinguem a vivência comunitária Ibo de uma sociedade como a brasileira, que apresenta outros tipos de características. As N.do T. proporcionam uma elaboração predominantemente cultural, uma vez que focalizam a vivência Ibo e procuram ensinar a cosmologia e cultura Ibo.

Através de uma discussão cultural, desenvolvida em N.do T., cria-se uma imagem do povo Ibo - o habitat, a sociedade, os costumes, os valores e a religião. Ao examinar as N.do T., observamos que as explicações de alguns termos do glossário são aproveitadas para complementar a elaboração de suas N.do T. ou sua explicações na tradução. Dado seus interesses culturais em explorar detalhadamente o modo de viver dos Ibos, vai além do glossário, procurando em outras fontes fora da obra, detalhes de natureza histórica, social e lingüística, que enriqueçam seus propósitos de tradução.

Costa e Silva valeu-se de várias posturas. Como será ilustrado no capítulo três, no seu texto, desempenha os papéis de

autora e de tradutora nas N.do T. Assume a posição autoral à medida que é a "verdadeira" autora e criadora das N.do T. Sua produção é um novo material textual que não filiado, de forma precisa, à obra em tradução. Representa uma das instâncias em que podemos destacar a importância da N.do T., enquanto recurso textual, que age simultaneamente como estratégia reveladora da leitura e da escrita específicas, feitas pela tradutora.

CAPÍTULO TRÊS

AS TRADUÇÕES DE *THINGS FALL APART* E A CRIAÇÃO DE OUTRAS PERSPECTIVAS DA VIVÊNCIA IBO.

3.1 INTRODUÇÃO

Comparamos, neste capítulo, o texto de Chinua Achebe, o de Vera Queiroz da Costa e Silva, e o do tradutor francês, Michel Ligny. No caso de **Things Fall Apart**, a preferência é dada ao glossário de trinta e cinco termos da língua Ibo[5] e aos trechos da obra em que esses termos aparecem. Em **O Mundo Se Despedaça**, privilegiamos as vinte e nove notas (N.do T.)[6] que fazem parte da tradução. **Le Monde S'Éffondre** aparece, neste estudo, como o único texto que não desfruta de estratégia complementar.

Dado o interesse do trabalho, a tradução brasileira, em que a utilização da N.do T. é uma estratégia marcante, torna-se o texto central da discussão. Serve para ilustrar como a utilização da N.do T. explicativa pode vir a ser um meio para analisar a tradução. Esta prioridade se explica pelo fato dela ser considerada o melhor exemplo para ilustrar os processos de apropriação e de recriação associadas à tradução.

Apresentamos discussões que procuram examinar os traços de cada uma das produções textuais, para verificar como o autor e os tradutores lidam com situações que envolvem a língua e a cultura Ibo. Incialmente, partimos do glossário da obra, cujos termos, em Ibo, não foram apresentados em N.do T. na tradução brasileira.

---

[5] Ver Anexo 1

[6] Ver Anexo 2

Examinamos como Costa e Silva trabalha com essas situações e como adota outro estilo de leitura e apresentação, produzindo assim um texto diferenciado.

Em seguida, examinamos três trechos da obra e das traduções, com o objetivo de chamar atenção para as diferentes estratégias textuais desenvolvidas na obra e na tradução brasileira, por um lado, e na tradução francesa, por outro.

A partir da análise, adotamos uma divisão geral elaborada com base em **O Mundo Se Despedaça**. Levando em consideração o privilégio da N.do T. nesse trabalho, torna-se possível, ao examinar a tradução brasileira, delimitar três áreas de interesse consideradas por Costa e Silva: as palavras, as frases do Ibo e os aspectos típicos da vida cotidiana do povo Ibo. Tal divisão é feita, a partir de um estudo dos tipos de N.do T. encontradas na tradução, algumas das quais serão analisadas neste capítulo. Ao mesmo tempo, a divisão se presta para o realce da perspectiva de Costa e Silva que, como foi discutido no capítulo anterior, diferencia-se daquela de Achebe.

3.2. OS ITENS DO GLOSSÁRIO NÃO DISCUTIDOS EM NOTA DO TRADUTOR.

A partir dos termos listados no glossário, procuramos definir até que ponto há diferenças e semelhanças entre a obra e a tradução brasileira. Focalizamos os termos do Ibo que fazem parte do glossário e que não foram discutidos por Costa e Silva em N.do T. Isso sugere que houve utilização de outras estratégias de adaptação por parte da tradutora. Estas incluem explicação, acréscimo e eliminação do termo Ibo dentro do texto, sem recorrer à N.do T.. Pretendemos argumentar que a leitura realizada por Costa e Silva produz outras respostas interpretativas que, embora partindo da obra, manifestam-se de forma diferente. Ao ilustrar as diferenças, caminhamos em direção a um argumento fundamental deste estudo, ou seja, a possibilidade de outras maneiras de conceber os enunciados em Ibo.

Para os propósitos do estudo, fazemos uma associação entre doze dos trinta e seis itens do glossário e doze N.do T. Vinte e quatro itens não são discutidos na tradução através da N.do T., sendo eles:

agadi-nwayi	old woman
agbala	woman: also used of a man who has taken no title.
chi	personal god.
efulefu	worthless man.
eneke-nti-oba	a kind of bird.
eze-agadi-nwayi	the teeth of an old woman.
iba	fever.
ilo	the village green, where assemblies for sports, discussions, etc. take place.

jigida	a string of waist beads.
kotma	court messenger: the word is not of Ibo origin, but is a corruption of 'court messenger'.
ndichie	elders.
nna ayi	our father.
nno	welcome.
nso-ani	a religious offence of a kind abhorred by everyone.
nza	a very small bird.
obodo dike	the land of the brave.
ogbanje	a changeling: a child who repeatedly dies and returns to its mother to be reborn. It is almost impossible to bring up an *ogbanje* child without it dying, unless its *iyi-uwa* is first found and destroyed.
ogene	a musical instrument: a kind of gong.
ojo odu achu-ijiji-o	cow. (i.e.: the one that uses its tail to drive flies away).
osu	out-cast; having been dedicated to a god, the *osu* was taboo, and was not allowed to mix with the freeborn in any way.
udu	a musical instrument;a type of drum made from pottery.
uli	a dye used by women for drawing patterns on the skin.
umunna	a wide group of kinsmen: (the masculine form of the word *Umuada*).
Uri	part of the betrothal ceremony when the dowry is paid.

Isso nos leva a considerar que Costa e Silva procura outros mecanismos para tratar esses termos. Tentamos chamar atenção para as principais estratégias textuais aproveitadas e destacar até onde produzem mudanças na forma de apresentar e discutir aspectos da língua e da cultura Ibo.

Inicialmente, examinamos o que parece ser a estratégia mais comumente utilizada por Costa e Silva, frente aos termos do Ibo que não foram tratados em N.do T., ou seja, a explicitação dentro do texto. Em todos os casos em que introduz um termo do Ibo

no seu texto, Achebe complementa essa ação de alguma forma no glossário, aproveitando-se de vários mecanismos como a tradução e a explicação. Ao não elaborar N.do T. para esses vinte e quatro termos, Costa e Silva constrói, no seu texto, próximas ao termo, formas de significado que julga apropriadas para acompanhar o termo em questão. Observamos que, nos mesmos casos, Achebe utiliza o termo em Ibo e em seguida oferece o que julga ser um tipo de explicação. Trata-se de uma estratégia que Costa e Silva também desenvolve. As vezes parece acompanhar o autor na exposição do mecanismo, encontrando em português a forma que mais se aproxima da forma exposta pelo autor.

Apontamos para a diferença entre os procedimentos do autor e da tradutora, ao percebermos que ela está no fato de o autor se estender, no glossário, a respeito daqueles termos. Costa e Silva contenta-se em não acompanhar essa extensão em N.do T., uma vez que observamos, na sua leitura, explicações elaboradas seguindo os enunciados em Ibo.

Ao optar pela incorporação das palavras e das frases do Ibo a seu texto, Achebe assinala o fato de que se torna difícil encontrar um termo do inglês que possa significar a mesma coisa. O autor parece assumir uma atitude etnocêntrica, baseada em sua convicção de somente poder descrever a sociedade dos Ibos nos seus próprios termos, na sua própria língua. Notamos que Achebe escolheu, cuidadosamente, os termos introduzidos como termos-chave,

eles aparentam não ter uma forma em inglês, o que conduz a uma necessidade de explicitá-los. A medida inspirada nos propósitos políticos e nos fins didáticos do autor, obriga o leitor da obra a se deter, um pouco, no termo e na situação à sua volta, portanto, constituindo-se o mecanismo uma estratégia literária fundamental para o texto. Tal estratégia realça a riqueza da sociedade tradicional africana, além de contribuir para enfatizar como é transformada ou, no caso de certas práticas, destruída pelas mudanças que ocorrem com a chegada dos ingleses.

Há um certo cuidado na escolha dos termos explicitados. Estes são, exatamente, os que contribuem para criar uma imagem da ordem e da organização sócio-política dos Ibos e o que Achebe parece dizer, em nada se assemelha ao que estamos acostumados. Apresentamos alguns desses termos, a fim de examinar sua posição textual e sentido no texto.

1. Ogbanje

> *After the death of Ekwefi's second child, Okonkwo had gone to a medicine-man, who was also a diviner of the Afa Oracle, to inquire what was amiss. This man told him that the child was an* **ogbanje**, *one of those wicked children who, when they died, entered their mothers' wombs to be born again. (p.54)*

Glossário:
ogbanje: a changeling: a child who repeatedly dies and returns to its mother to be reborn. It is almost impossible to bring up an **ogbanje** child without it dying, unless its **iyi-uwa** is first found and destroyed.

> *Após o falecimento do segundo filho de Ekwefi, Okonkwo consultou um curandeiro, que era também um dos adivinhos do Oráculo de Afa. Queria saber a causa do sucedido. O homem disse-lhe que a criança era um* **ogbanje**, *isto é, uma dessas crianças perversas que, quando morrem, tornam a entrar no ventre materno, para nascerem de novo.* (p.76)

Este é um dos casos em que Costa e Silva opta por não elaborar uma N.do T., para complementar o acontecimento no qual o termo se encontra. O autor se posiciona operando como um tradutor dentro do seu próprio texto, movimentando-se do termo Ibo para a explicação em inglês. No seu glossário, procura apresentar a expressão "a changeling" que poderia servir de forma correspondente para **ogbanje**. Observamos que, aqui, Achebe, diferentemente de Costa e Silva, enfatiza a impossibilidade de criar tal criança a não ser que seu **iyi-uwa** seja encontrado. Ao mesmo tempo, indica a possibilidade de quebrar o ciclo vicioso de vida e morte com a destruição da pedra. Ao apresentar a informação a respeito do **iyi-uwa**, de imediato parece estar associando o triunfo da vida com a destruição da pedra.

No glossário, Achebe oferece "changeling" como uma possível tradução de **ogbanje**. Ao comparar a explicação de "changeling" no glossário com a oferecida pelo dicionário, e notamos que as explicações são diferentes. Hornby (1974) descreve "changeling" como:

> child secretly substitued for another in infancy, especially (in old stories) a

strange, ugly or stupid child left by fairies in place of one they have stolen.(p.139)

Aproveitando-se do inglês, ao mesmo tempo, mantendo-se fiel à crenças africanas, Achebe descreve "changeling" como uma criança-espírito que morre, retornando ao ventre maternal para nascer de novo. Esta explicação evidencia as adaptações introduzidas, ao inglês, pelo autor. O termo "changeling" vai ao encontro da concepção ibo do termo, **ogbanje** e contribui para nos preparar para as ações violentas do curandeiro, contra o corpo da criança morta.

Costa e Silva não discute o **ogbanje** em N.do T. Apresenta uma explicação no seu texto, ou seja, a concepção Ibo do termo. No caso, não utiliza a informação oferencido por Achebe no seu glossário, mas traduz a explicação no texto que lê.

Nos itens do glossário, a serem apresentados em seguida, há o emprego de outros mecanismos textuais por parte de Costa e Silva. Eles serão discutidos separadamente por apresentarem características singulares. Cada termo do Ibo é tratado de maneira diferente, mostrando que a tradutora lida com cada situação individualmente, procurando a maneira mais apropriada para realizar seu texto.

2. Iba.

Okonkwo turned on his side and went back to sleep. He was roused in the morning by someone banging on his door.

'Who is that?' he growled. He knew it must be Ekwefi [...].

'Ezinma is dying,' [...] Okonkwo sprang from his bed, pushed back the bolt on his door and ran into Ekwefi's hut.

Ezinma lay shivering on a mat beside a huge fire that her mother had kept burning all night.

'It is **iba**, *' said Okonkwo as he took his matchet and went into the bush to collect the leaves and grasses and barks of trees that went into making the medicine of* **iba**. *(p.53)*

Glossário
Iba: fever

Okonkwo deitou-se de lado e dormiu novamente. De manhãzinha, acordou com alguém que lhe batia à porta.

- Quem está aí? - grunhiu ele. Sabia que devia ser Ekwefi [...].

- Ezinma está morrendo - [...]. Okonkwo pulou da cama, destrancou a porta e correu para dentro da cabana de Ekwefi.

Enzinma jazia a tremer em cima de uma esteira, perto do calor fortíssimo do fogo que a mãe mantivera aceso a noite inteira.

- É a **iba**, *a malária - declarou Okonkwo. Pegou seu facão e saiu para o mato, a fim de apanhar as folhas, ervas e cascas de árvore que serviriam para o preparo da mezinha contra a* **iba**. *(p.74)*

Achebe não indica, no seu texto, o que o termo pode significar em inglês. No glossário, apenas indica que é uma febre. Podemos considerar isso como uma estratégia de interpretação que, na sua opinião, vai ao encontro do ambiente da obra, uma vez que qualquer identificação médica em termos ocidentais não combinaria com a atmosfera da sociedade tradicional dos Ibos, sem qualquer sistema de tratamento médico formal.

A idéia geral oferecida por "febre" se contrapõe à identificação específica, oferecida por Costa e Silva, com a palavra "malária." A associação estabelecida entre iba e "malária" realça uma das características do texto de Costa e Silva, ou seja, a preocupação em explicitar as circunstâncias focalizadas. Ao reunir o termo Ibo a um termo conhecido da medicina ocidental, a tradutora realiza um processo de atualização dentro do contexto de uma sociedade pré-letrada. É a forma, por ela encontrada, de oferecer algo familiar, conhecido, contribuindo para a idéia de um povo que, com suas condições simples de vida, sofre de doenças típicas tal vivência.

Se por um lado encontramos o autor, determinado a se localizar interiormente na vivência tradicional dos Ibos e, portanto, preocupando-se em ser autêntico com relação à tribo nigeriana da qual faz parte, por outro lado, Costa e Silva adota uma perspectiva que faça com que a cultura pareça familiar. Enquanto o glossário oferece a tradução "fever", ela opta por acrescentar "malária", fazendo uma descrição específica e direta, explícita e compreensível. Ao fazer tal explicação, a tradutora introduz uma idéia que não partiu da obra, mas que ela mesma desenvolveu. Introduzindo uma concepção da medicina moderna ocidental num contexto de vivência primitiva do século passado, demonstrando como a sua perspectiva atual, como tradutora, inevitavelmente, se impõe na leitura que faz da obra.

3. **Nso-ani**

No work was done during the Week of Peace. People called on their neighbours and drank palm-wine. This year they talked of nothing else but the ***nso-ani*** *which Okonkwo had committed. It was the first time in many years that a man had broken the sacred peace. Even the oldest men could only remember one or two other occasions somewhere in the dim past. (p.22)*

Glossário
nso-ani - a religious offence of a kind abhorred by everyone.

Não se trabalhava durante a Semana da Paz. Visitavam-se os vizinhos, bebia-se vinho de palma. Nesse ano, não se falou noutra coisa que não fosse o ***nso-ani****, o grande pecado que Okonkwo cometera. Era a primeira vez, em muitos anos, que um homem rompia a paz sagrada. Até mesmo os mais velhos só se podiam lembrar de uma ou duas outras ocasiões em que isso se dera, num passado longínquo. (p.36)*

Através do glossário, aprendemos que o vocábulo se refere a um tipo de ofensa religiosa; define um ato proibido pelos deuses, comprometedor da paz universal, no caso, executado pelo herói. O autor, para efeito literário, suspende qualquer definição de nso-ani, preferindo que a situação se exemplifique para o leitor. Observamos que Achebe enfatiza a situação da quebra da convenção sócio-religiosa, através da conversa entre Okonkwo e o a sacerdote; trata-se de uma das leis divinas estabelecidas para assegurar o bem-estar e a prosperidade da comunidade. Aprecia-se a condenação sofrida por Okonkwo que, num descontrole emocional, põe em risco a comunidade inteira. O ato realizado parece assumir dimensões maiores que um erro pessoal. A situação serve para chamar a atenção

para o vínculo estreito que existe entre o indivíduo e a comunidade em que se insere. As ações de um repercutem no outro e vice-versa.

Enquanto Achebe, através do glossário, como já foi dito, chama atenção para o impacto na comunidade, Costa e Silva não se detém na dimensão social da ação de Okonkwo. Prefere introduzir uma outra idéia - "o grande pecado" - através da qual indica seu interesse pela natureza do ato em si. Evidencia a dimensão do ato, a sua seriedade. Ao introduzir o termo "pecado," demonstra acreditar numa condenação espiritual, diferentemente de Achebe, que focaliza os efeitos negativos sobre a existência da comunidade inteira. O autor não utiliza o termo "pecado", embora se trate de uma ofensa religiosa. Na obra, Okonkwo deveria fazer oferendas, essencialmente para acalmar os deuses e os antepassados. Ao introduzir "pecado", entretanto, Costa e Silva acaba incluindo a idéia de arrependimento pessoal por parte de Okonkwo, o que pode se aproximar a um tipo de pensamento cristão.

4. Ogene e Udu

> *Unoka was never happy when it came to wars. He was in fact a coward and could not bear the sight of blood. And so he changed the subject and talked about music and his face beamed. He could hear in his mind's ear the blood-stirring and intricate rhythms of the* ***ekwe*** *and the* ***udu*** *and the* ***ogene****, and he could hear his own flute weaving in and out of them, decorating them with a colourful and plaintive tune. (p.5)*

Glossário

ogene - a musical instrument; a kind of gong.

udu - a musical instrument; a type of drum made from pottery.

Unoka sentia-se sempre infeliz quando se mencionavam guerras. Era um covarde e não suportava ver sangue. Mudou de assunto, e enquanto falava sobre música, o seu rosto brilhava. Com os ouvidos da mente, conseguia escutar os excitantes e intrincados ritmos do **ekwe**, *o tambor falante, do* **udu**, *a botija de barro de cuja boca, com um abano, se retira um som cavo, e do agogó, bem como a sua flauta, a se entretecer com a percussão, enfeitando-a com melodia plangente e colorida. (p.15)*

Enquanto Achebe indica, no glossário, que se trata de instrumentos musicais, Costa e Silva evita a utilização da N.do T., preferindo incorporar sua explicação no texto. Oferece descrições que se diferenciam daquelas do glossário e que demonstram ter a tradutora procurado outras fontes de informação a respeito daqueles mesmos instrumentos. O autor mantém sua política de valorização da vivência Ibo, mas, Costa e Silva, ao preocupar-se com uma maior compreensão, decide excluir o termo **ogene**, preferindo trocá-lo no texto por "agogô."

5. Uli

She wore a coiffure which was done up into a crest in the middle of the head. Cam wood was rubbed lightly into her skin, and all over her body were black patterns drawn with **uli**. *She wore a black necklace which hung down in three coils just above her full succulent breasts. On her arms were red and yellow bangles, and on her waist four or five rows of* **jigida**, *or waist-beads. (p.49)*

Glossário
uli - a dye used by women for drawing patterns on the skin.

> *Akueke usava um penteado alto, que terminava numa espécie de crista no meio da cabeça. Haviam-lhe esfregado suavemente a pele com tintura de madeira e por todo o corpo havia desenhos escuros. Trazia ao pescoço um colar negro, que pendia em três voltas logo acima dos seios fartos e suculentos. Nos braços, usava braceletes vermelhos e amarelos, e acima dos quadris, quatro ou cinco fileiras de jigida, ou contas-de-cintura. (p.70)*

Ao descrever os ornamentos e enfeites que adornam o corpo de Akeuke, Costa e Silva elabora um trecho onde, em dois diferentes momentos, não introduz nomes referidos a elementos locais: não traduz "cam wood" e exclui **uli** do seu texto, desenvolvendo, em vez disso, uma descrição da menina, Akueke. Assim, se Achebe explicita no glossário a que se refere o termo **uli**, Costa e Silva o omite descrevendo apenas o corpo pintado da menina, preferindo não entrar em detalhes a respeito da natureza da substância utilizada como enfeite. Na obra, a presença dos dois termos, **uli** e **jigida**, contribui para chamar atenção para a maneira de as mulheres da tribo se embelezarem com produtos do meio em que vivem.

3.3. ESTRATÉGIAS TEXTUAIS DIFERENCIADAS: PRESENÇA E AUSÊNCIA DE NOTA DO TRADUTOR.

Interessados em ilustrar como a N. do T. pode ser vista como parte do processo criativo e singular da tradução, analisamos e comparamos agora três trechos da obra e das traduções brasileira

e francesa.[1] Ilustramos como cada texto trata de maneira diferente as frases e as palavras da língua Ibo, e também os aspectos típicos da vida cotidiana do povo Ibo.

Voltamos a lembrar que o objetivo é destacar as diferenças que essas estratégias produzem, e como confirmam as diferentes "leituras" feitas pelos dois tradutores. Esta posição vai ao encontro de uma visão pós-estruturalista da tradução, visão que, como afirmamos no primeiro capítulo, descreve o processo da tradução como transformação e não mera transmissão de significados estáveis de uma língua para outra.

Nossa reflexão parte, justamente, do ponto de vista da língua e da cultura Ibo, interessada em ver as posições tomadas pelos dois tradutores ao se confrontarem com elas. Costa e Silva lança mão da N.do T. para executar traduções, explicações, acréscimos e modificações. Em contraposição, no seu texto em francês, Ligny não utiliza o recurso textual N.do T., como a tradutora brasileira, e não elabora um glossário, como faz o autor. Por conseguinte, verificamos que os dois tradutores se expõem de forma diferente ao traduzirem, materializado-se no seu papel de produtores de significados. Em cada um dos trechos analisados, verificamos como uma composição de leitura e escrita assinala as

---

[1] ACHEBE, C. Le Monde S'Effondre. Paris: Présence Africaine, 1958.

características de cada texto e oferece evidência da falta de equivalência entre os mesmos em termos absolutos.

A presença da língua Ibo projeta-se como um elemento estável nos três textos. Mas, ao analisar as traduções, constatamos como a mudança de línguas e a utilização de estratégias textuais diferenciadas geram certas mudanças, a partir das quais a língua Ibo sofre transformações junto com o contexto em que se enquadra. Isso, de certa forma, subverte os interesses de Achebe, que parece enfatizar a presença dessa língua na sua obra. Para o autor é uma estratégia sócio-política e literária, apontando não só para a vivência dos Ibos, a situação de dominação colonial à qual são submetidos, como também para outro aspecto do colonialismo que ele denuncia - a angústia do escritor nigeriano que escreve em inglês, a língua oficial do seu país, mas que se orgulha da sua língua materna, a língua africana que se desvalorizou devido ao processo histórico do colonialismo.

Se considerarmos a situação e a utilização das línguas na obra e nas duas traduções, veremos que fogem da concepção convencional que certos teóricos têm da tradução. Jakobson (1975) se refere a 'tradução propriamente dita' ou 'tradução interlingual' para descrever um processo de transferência de um sistema lingüístico para outro, sem mencionar a possibilidade da interferência de um terceiro ou quarto sistema. Segundo Derrida, (ver McDonald 1985), o tradutor está impossibilitado de traduzir o

evento que consiste em fundir vários idiomas num único espaço, bem como a relação ideológica que existe entre tais línguas. A tradução seria capaz de oferecer tudo, menos o fato de que num sistema lingüístico há várias línguas operando num relacionamento especial, como no caso do inglês e do Ibo na obra de Achebe. Seria, portanto, impossível seguir os conceitos apresentados por Jakobson (1975), uma vez que pressupõem a existência de uma tradução no sentido literal.

A situação da obra de Achebe e de suas traduções, respectivamente, de forma alguma se enquadra na proposta teórica de Jakobson (1975). Trata-se de uma obra escrita em inglês com inserções feitas em Ibo. O item **kotma**, por exemplo aponta para o surgimento do pidgin, conseqüência do contato entre os dois povos, os ingleses e os Ibos. Produto desse contato, o termo serve para descrever os funcionários do tribunal ou "court messengers". O termo em pidgin foi criado a partir do inglês, uma vez que representa posições significativas, apenas, dentro do governo estabelecido pelos ingleses. Os **kotma** são Ibos contratados pelos ingleses para garantir a imposição da lei do homem branco. São destestados pela sua comunidade e associados à traição e aos danos culturais, sofridos com nova ordem. Esse é outro tema tratado pela produção literária de Achebe. Em **Things Fall Apart**, há também a presença de enunciações afro-inglesas, próprias do contexto local africano, que é o cenário da obra.

A tradução brasileira tem enunciações em Ibo, inglês e pidgin. Como forma de lidar com a presença da língua Ibo no texto, Costa e Silva recorreu à tradução das expressões em Ibo. Outro mecanismo encontramos na tradução francesa, que não tem um glossário e que não utiliza nenhum recurso de explicação. Ligny se mantém dentro das margens do texto principal, realizando sua interpretação da língua e da cultura Ibo. O tradutor também manteve o termo pidgin '**kotma**'. Contrapõe-se, então, à tradutora brasileira, na sua postura diante das frases e palavras em Ibo e dos aspectos típicos da vida do povo. A estratégia de tradução implícita de Ligny e o uso explícito do recurso textual N.do T. por Costa e Silva conduzem ambos a produzir textos diferenciados.

EGWUGWU

Things Fall Apart	O Mundo Se Despedaça	Le Monde S'Effondre
Text 1 Sometimes another village would ask Unoka's band and their dancing *egwugwu* to come and stay with them and teach them their tunes. (p.4)	Texto 1 Algumas vezes, a gente de outras aldeias convidava o grupo de Unoka e o seu dançarino *egwugwu* para lá irem passar uma temporada, a ensinar a suas músicas. (p.13)	Texte 1 Quelquefois, un autre village demandait à l'orchestre d'Unoka et à leur dansant *egwugwu* de venir s'installer parmi eux pour leur apprendre leurs airs. (p.11)
	Nota do Tradutor 1 **Dançarino egwugwu** usa máscara na cabeça e tem o corpo inteiramente coberto de ráfia. (N.T.).	
Text 2 An iron gong sounded, setting up a wave of expectation in the crowd. Everyone looked in the direction of the *egwugwu* house. Gome, gome, gome, gome went the gong, and a powerful flute blew a high-pitched blast. (p.62)	Texto 2 De repente, ouviu-se o soar de um agogô, e suas batidas ergueram uma onda de expectativa na multidão. Todos olharam na direção da casa dos *egwugwus*. Guim, gom, guim, gom - soava o agogô, e o forte sopro de uma flauta fez-se ouvir, qual agudo toque de clarim. (p.86)	Texte 2 Un gong de fer retentit, soulevant une vague d'impatience attentive dans la foule. Tous les yeux se tournèrent vers la maison des *egwugwu*. Gome, gome, gome gome, faisait le gong, et une flûte puissante fit entendre une note aiguë. (p.108)
Glossary **egwugwu:** a masquerader who impersonates one of the ancestral spirits of the village.	Nota do Tradutor 2 **Egwugwus** - mascarados que personificam o espírito dos ancestrais. (N.T.)	

Desenvolvem-se em torno de **egwugwu** elementos variados de produção. No glossário, Achebe apresenta um item explicativo que acompanha seu texto. Na leitura de Costa e Silva há a produção de duas N.do T., que definem o termo em dois momentos do texto, Ligny, entretanto, não oferece nenhuma discussão, além da sua tradução.

another village > a gente de outras aldeias

> un autre village

O autor parece referir-se à aldeia inteira como mandante do convite a Unoka e seus músicos. Deixa a impressão de que a eles caberia entreter toda a aldeia, idéia que se diferencia do que temos em Costa e Silva. Em primeiro lugar, a tradutora se refere diretamente às pessoas e, em segundo, ao pluralizar, chama nossa atenção para o fato de que há outras aldeias para as quais o grupo de Unoka é convidado, fato que demonstra a popularidade do grupo. A noção generalizada e abstrata oferecida por Achebe diferencia-se da concepção pessoal, plural e múltipla das várias pessoas e aldeias oferecida por Costa e Silva.

Unoka's band > o grupo de Unoka

> l'orchestre de Unoka

Observamos vários níveis de apreciação da dimensão do conjunto musical aqui em discussão. Notamos que Achebe não inclui o **egwugwu** na sua opção "band" por referir-se a um conjunto de instrumentos que inclui uma flauta e tambores. Sinclair (1987)

apresenta a definição de "band" como um conjunto de músicos que toca algum tipo de música popular, conjunto musical que compara a uma orquestra. O termo, portanto, vai ao encontro da natureza e do propósito popular do conjunto, ou seja, o de entreter a comunidade da aldeia.

A opção "grupo" apresentada por Costa e Silva parece deter-se na versatilidade do conjunto. O termo chama atenção não somente para o aspecto musical, mas também para o fato de que é um grupo composto de vários instrumentos musicais, voz e dança, oferecendo, portanto, vários tipos de entretenimento. A conceituação de "grupo", oferecida por Freire (1954), explica que o termo refere-se a um conjunto de pessoas que têm os mesmos interesses e opiniões, idéia que Costa e Silva parece preferir devido à presença do **egwugwu**, figura que realça a natureza variada do grupo. Assim, por "grupo" a tradutora tanto parece entender a referência musical, quanto valoriza a função do dançarino **egwugwu**.

Finalmente, encontramos em "orchestre", de Ligny, uma preferência definitiva pelas características musicais do grupo de Unoka, introduzindo idéias que indicam formalidade e organização do grupo. Robert (1990) aponta para o aspecto formal envolvido no termo, que se refere a um grupo de instrumentistas constituído para executar a música polifônica. Robert (1985:965) apresenta termos como "concert", "ensemble" e "formation", enfatizando o controle e a organização envolvidos nesse tipo de conjunto musical. Ao optar

por aquele termo, Ligny introduz tais aspectos no conjunto de Unoka, levando a idéia de preparo e de ensaio para suas apresentações. "Orchestre" elimina da banda o caráter de improviso ou a idéia de participação em festas populares. Ligny, dessa forma, acrescenta uma certa sofisticação ao grupo.

dancing egwugwu > dançarino egwugwu, egwugwus

> dansant egwugwu

O termo do Ibo desenvolve mais de uma função gramatical, aspecto interessante que confirma a estratégia diferenciada de leitura e escrita adotada por Costa e Silva. A tradutora brasileira introduz modificações no seu texto, em "dançarino egwugwu", **egwugwu** passa a desempenhar o papel de um adjetivo no Texto I, enquanto no Texto 2 sofre uma flexão com o acréscimo de "s" e é precido do artigo definido, assim, substantivado e pluralizado. Na obra, por outro lado, Achebe, mesmo referindo-se a várias destas figuras, mantém o mesmo termo. Costa e Silva parece, neste caso, estar seguindo regras da língua portuguesa, para a qual traduz.

Este é um dos dois casos em que há a elaboração de duas N.do T. para tratar, em trechos textuais diferentes, o mesmo termo ou assunto. Enquanto na obra há um item sobre o **egwugwu**, Costa e Silva prefere situar cada N.do T. de acordo com a situação específica que acompanha. O Texto 1, por tratar do aspecto do entretenimento social que o **egwugwu** oferece, não se refere às propriedades espirituais atribuída a ele, enquanto no Texto 2 e na

segunda N.do T. se destaca justamente este aspecto. Diferentemente, o tradutor francês apenas utiliza a palavra no seu texto. As duas N.do T. , junto com as modificações feitas no texto, apontam para as estratégias de modificação e complementação utilizadas ao longo da tradução.

Costa e Silva resolve destacar na primeira N.do T., a aparência física do **egwugwu**. portanto, enfatiza o uso de ráfia e da máscara. Com isso, chama atenção para o disfarce, traço marcante e importante, por representar a transformação de homens da mesma aldeia e realçar a instituição do **egwugwu**, como parte da vida cultural e religiosa da comunidade. Ao assumir as máscaras eles passam a ser diferentes. Sentem um vínculo com os mortos e acreditam que os ancestrais falam através deles. Nesse instante, esquecem seus interesses individuais.

impersonates > personificam

Segundo Hornby (1974) "impersonate" é: "act the part of (in a play etc.); pretend to be (another person); impersonating as being." (p.425) Também há "impersonates - you pretend that you are that person, usually by disguising yourself; you imitate the person's expressions, speech, behaviour," (p.727), definição de Sinclair (1987). Por outro lado, Silva conceitua "personificar" como: "atribuir a uma coisa inanimada, a uma idéia, a imagem, os sentimentos, ou a linguagem de uma pessoa real; realizar ou

representar na figura de uma pessoa; exprimir por um tipo; ser a personificação ou o modelo de." (p.1799)

A idéia envolvida em "impersonates" mostra como o **egwugwu** é concebido como uma entidade sobrenatural do mundo espiritual. A figura ancestral aparece na obra como manifestação da vontade do clã que não se dissocia da dos seus antepassados. A presença do **egwugwu**, no seu meio físico, representa o controle e a proteção que oferecem aos mortais, Na obra, Achebe deixa bem claro que são homens mascarados, mas, ao mesmo tempo, indica que, mais importante ainda, eles são percebidos não como mortais, mas como seres trancendentais, presença viva dos ancestrais das nove aldeias de Umuofia. Com "impersonates", trabalha o imaginário e mostra como a insistência no trato com o mesmo contribui para a sobrevivência de tal manifestação. O **egwugwu** se sustenta na credibilidade do povo que realmente o tem como força misteriosa e controladora de suas vidas.

Ao optar por "personificam", Costa e Silva parece estar sugerindo a idéia de que, através da figura do **egwugwu**, os homens conseguem trazer ao humano, o que existe no plano espiritual, ou seja, os ancestrais. "Mascarados" chama atenção para o material cultural envolvido, nesse caso, as máscaras, através das quais se criam imagens dos ancestrais e se intensificam o papel e as ações dos **egwugwu**. São importantes à medida que possibilitam ao usuário atingir esse plano mais alto, e asseguram a fé da comunidade, que

acredita nelas. O termo, portanto, demonstra como a tradutora aprecia os interesses religiosos e sociais associados aos trajes tradicionais.

UMUOFIA KWENU

English

Text

In the morning the market-place was full. There must have been about ten thousand men there, all talking in low voices. At last Ogbuefi Ezeugo stood up in the midst of them and bellowed four times. '*Umuofia kwenu,*' and on each occasion he faced a different direction and seemed to push the air with a clenched fist. (p.8)

Glossary

kwenu - a shout of approval and greeting.

Português

Texto

Na manhã seguinte, a praça do mercado estava repleta. Deveriam estar ali reunidos uns dez mil homens, todos a falar em voz baixa. Finalmente Ogbuefi Ezeugo ergeu-se do meio deles e bradou quatro vezes:
-- *Umuófia kwenu?*
A cada berro voltava-se para um lado diferente e parecia dar murros no ar com o punho cerrado. (p.18)

Nota do Tradutor

Umuófia kwenu - Povo de Umuófia, vamos ficar de acordo? (frase que, entre os ibos, o mais velho ou o mais importante dos membros do grupo deve sempre gritar, no começo de uma assembléia). [N.T]

Français

Texte

Au matin, la place du marché était pleine. Il devait y avoir là environ dix mille hommes, qui tous parlaient à voix basse. Enfin, Ogbuefi Ezeugo se dressa au milieu d'eux et cria quatre fois d'une voix puissante <<*Umuofia kwenu*>>, et chaque fois il se tourna vers une direction différente et donna l'impression de pousser l'air avec son poing fermé. (p.19)

Umuofia kwenu > Umuófia kwenu?

> Umuofia kwenu

Adaptações são feitas à forma e à apresentação da frase, e são do tipo que complementa a tradução oferecida em N.do T. Temos uma noção, através da introdução do acento, de como se pronuncia o enunciado e, ao mesmo tempo, descobrimos, na tradução, tratar-se de uma pergunta que, segundo a N.do T., significa "Povo de Umuófia, vamos ficar de acordo?" Notamos que Achebe não especifica a que se refere. Por ser o único trecho em que aparece o termo, supomos que o item do glossário está relacionado a esta situação. Através do glossário, o autor indica que é uma forma de saudação, mas não a traduz em discurso direto como o faz Costa e Silva. Contenta-se com **kwenu**, definindo o termo como forma de chamar a atenção de alguém.

Ao optar pelo discurso direto, Costa e Silva se detém em vários aspectos - o ritual Ibo de reuniões, a pessoa que pronuncia, a natureza da reunião. A tradutora modifica o estilo de produção textual ao apresentar explicitamente uma pergunta, adiantando pertencer a uma discussão que seguirá, a fim de se chegar a algum tipo de consenso ou tomada de decisão. Costa e Silva parafraseia a exclamação, mostrando que se inicia uma conversa entre orador e multidão. Achebe, por outro lado, assinala para o fato de que se trata de uma prática geralmente observada, uma maneira de chamar a atenção da multidão e, ao mesmo tempo, pedir silêncio.

Ao mencionar que o pronunciamento, normalmente, é feito pelo mais velho ou mais importante membro da comunidade, Costa e Silva destaca o orador, Ogbuefi Ezeugo, respeitado ancião da comunidade. A observação se torna fundamental por indicar parte do costume daquela sociedade. Aponta para o modo da sociedade reconhecer e reverenciar os velhos da comunidade, bem como para o papel importante que desempenham em situações de crise, ou na tomada de importantes decisões que afetam a sociedade inteira.

Não há, na tradução francesa, nenhuma indicação do que as palavras podem significar, uma postura que contrasta como a de Costa e Silva, que procura informações alem do texto que lê para poder traduzir a frase. No glossário da obra, encontramos uma explicação e não a tradução da palavra **kwenu**: "**kwenu** - a shout of approval or greeting."

LENGTHS OF CLOTH

Lengths of cloth	Alguns metros de tecido	Quelque pièce de tissu
He would remember his own childhood how he had often wandered around looking for a kite sailing leisurely against the blue sky. As soon as he found one he would sing with his whole being, welcoming it back from its long, long, journey, and asking it if it had brought home any **lengths of cloth.** (p.4)	Rememorava a sua própria infância, lembrava como tantas vezes perambulara pela aldeia, a procurar com os olhos uma dessas aves a singrar vagarosamente no céu azul. Tão logo a avistava, punha-se a cantar com todo o seu ser, a dar-lhe as boas vindas, após a longa, longa viagem, e a perguntar-lhe se trouxera, de volta à casa, **alguns metros de tecido.** (p.14)	Il se rappelait alors sa propre enfance, et comment souvent il avait erré à la recherche d'un milan volant traquillement dans le ciel bleu. Dès qu'il en voyait un, il chantait de tout son être, fêtant son retour de son long, long voyage, et lui demandait s'il avait rapporté à la maison **quelque pièce de tissu.** (p.11)

Nota do Tradutor
Alguns metros de tecido - o tecido simboliza a história do povo africano; certos tecidos têm significados especiais; na tradição peul, por exemplo, um tecido dobrado significa o passado. [N.T.]

Nesse caso, constatamos como, diferentemente de Achebe, Costa e Silva discute em N.do T. a importância do tecido. Parece ir além do texto do autor, ao fazer referência aos hábitos e vestimentas dos Ibos.

Lengths of cloth > alguns metros de tecido

> quelque pièce de tissu

Notamos, por parte de Costa e Silva, outra maneira de apresentar um traço cultural do povo Ibo, focalizando as diferentes maneiras de descrever a medida do tecido. Confirmamos que Achebe e Ligny evitam qualquer expressão específica de medida, enquanto Costa e Silva se expressa em termos ocidentais e atuais. Achebe utiliza "lengths" para se referir a um pedaço de tecido que existe como parte da situação cultural Ibo, onde tem um propósito específico. O termo também faz referência ao comprimento do tecido, deixando a impressão de que aqui se trata de bastante tecido. O autor utiliza o plural, enquanto "pièce" de Ligny indica apenas um fragmento ou pedaço de tecido. Costa e Silva introduz "metros". Freire (1954) define o termo como: "objeto que serve para medir e tem o comprimento de um metro" e "termo de composição que significa medida." (p.3416) A tradutora especifica em termos de medidas ocidentais, o comprimento do pano, o que, de certa forma, atualiza o assunto em discussão, já que não existia essa medida na sociedade tradicional africana do século passado.

Há o emprego de "lengths" pelo autor, "metros" pela tradutora brasileira e "pièce" pelo tradutor francês. Achebe não se baseia em nenhuma medida matemática ocidental, não deixando nenhuma noção específica a respeito da quantidade do tecido em questão. Supomos que se trata de uma quantidade familiar para os usuários daquele tipo de traje. Notamos também que Achebe fala em "comprimentos de tecidos", ou seja, vários tecidos de comprimento não especificado, usados pelos Ibos e valorizados como presentes.

Costa e Silva parece estar se referindo a alguns metros de um único tecido, demonstrando o vínculo entre o tecido e a história africana e apontando para o fato de que, variando as tradições culturais, atribui-se uma significação especial ao tecido. Ligny, com "quelque pièce de tissu," não especifica a quantidade de tecidos nem indica a sua largura.

Confirmamos, portanto, a posição textual adotada por Ligny, uma vez que não utiliza um outro recurso para acompanhar sua tradução. Constatamos que tal ausência projeta-se como postura interpretativa e confirma suas preferências de produção textual. Apesar da ausência de recursos textuais, como a N.do T. ou o glossário, é possivel observar o processo específico de interpretação realizada pelo autor. Da mesma forma, a N.do T., utilizada por Costa e Silva, confirma as circunstâncias de produção da tradutora. Sua presença se manifesta como uma postura tradutória, uma prática desenvolvida, pela tradutora para realizar

as explicações de natureza antropológica e cultural que a tradutora torna faz necessárias no texto que cria.

3.4 CRIANDO OUTRAS IDÉIAS COM OS TERMOS EM IBO.

Analisamos, nesta parte do trabalho, quatro dos doze termos do Ibo que apresentam uma discussão no glossário da obra e para os quais encontramos uma referência correspondente em N.do T. Num estudo comparativo, procuramos mostrar como as discussões em N.do T. conduzem para uma perspectiva diferente daquela que se tem da obra.

Entre os termos em Ibo discutidos em N.do T., observamos que Costa e Silva adota três posições: a tradução em N.do T., a explicação e, ainda, a tradução acompanhada de uma explicação. Para os propósitos da discussão, escolhemos as situações consideradas mais representativas para ilustrar a posição da tradutora diante dos termos.

1 Ozo

> *Then from the distance came the faint beating of the* **ekwe** *[...]*
>
> *'It is an ozo dance,' the men said among themselves. But no one was sure where it was coming from. Some said Ezimili, others Abame or Aninta. They argued for a short while and fell into silence again, and the elusive dance rose and fell with the wind. Somewhere a man*

was taking one of the titles of his clan, with music and dancing and a great feast.(p.41)

Glossário:
Ozo - the name of one of the titles or ranks.

De repente, na distância, ouviu-se o vago bater do **ekwe**, *o tambor de madeira (...)*
- É a dança de **ozo** *- comentaram os homens. Mas nenhum tinha certeza de onde o batuque provinha. Alguns disseram que de Ezimili, outros que de Abame ou de Aninta. Discutiram durante alguns instantes e voltaram a ficar silenciosos, enquanto o som da dança aumentava ou diminuía, conforme a direção do vento. Em algum lugar, um homem recebia um título do seu clã, com música, dança e grande festa.(p.60)*

Nota do tradutor:
Ozo - sociedade de homens eminentes. Para ingressar nela e obter o título de ozo, tem-se de efetuar grande despesa.(N.T.)

O trecho "ouviu-se o vago bater do **ekwe**, o tambor de madeira" representa o segundo aparecimento do termo Ibo na tradução. Costa e Silva oferece informação sobre o instrumento, forma encontrada para discutir o termo em português. O acréscimo de "o tambor de madeira" e o uso de "batuque" são referências incluídas no texto, para complementar a presença de **ekwe** e representam a forma encontrada para explicar o termo e assim aproximar-se mais da situação em discussão. A tradutora não elabora uma N.do T. para o termo neste trecho, mas deixa para uma outra ocasião. A explicação de **ozo** aumenta sua importância no texto e confirma que Costa e Silva está atenta a traços sócio-culturais.

Há o desenvolvimento de idéias diferentes a respeito da recepção do título. Enquanto Achebe fala de um título que é tomado

- "a man was taking one of the titles of his clan." - Costa e Silva fala num título dado - " Em algum lugar, um homem recebia um título do seu clã."

Ao longo da obra percebemos a importância do título dentro da sociedade Ibo, uma importância destacada pelos próprios esforços do herói, Okonkwo, para conseguir esse privilégio. Tomamos conhecimento de que os títulos são tomados por quem deseja tê-los e não recebidos ou oferecidos. Não são, porém, acessíveis, já que cada um tem seu preço material e seu valor espiritual, e poucos são os homens que conseguem atingir tal nível de perfeição humana. Um homem precisa mostrar caráter, valor, dignidade e esforço físico, além de ter condições financeiras para comprar o título. O lado material vincula-se estreitamente ao lado espiritual. Ao tomar o título, um homem tem obrigação de preparar a cerimônia e entreter seu clã. No glossário, Achebe apenas explica, em termos gerais, o que se pode entender por **ozo**. A reação dos homens ao ouvir o tambor e seu reconhecimento de que se trata de uma dança de **ozo**, momento de glória para um Ibo, demonstra-nos seu valor para esse povo.

O fato de Costa e Silva ter escrito "recebia" na N.do T. aponta para sua apreciação da importância do título para a comunidade Ibo onde, como indica, um homem tem que mostrar a grandeza da sua pessoa. Aqui, a tradutora desenvolve a concepção do que seja uma instituição fechada, de homens importantes, que se abre, apenas, a quem se dispõe a gastar muito para conseguir

entrar. Isto chama nossa atenção para a riqueza, e demonstra que, nessa sociedade, somente um homem rico tem condições de conseguir o título de **ozo**.

Ao mencionar "homens eminentes," a tradutora ressalta a exclusividade da sociedade, cujos membros são homens admitidos pela sua sabedoria, força e bravura, valores sagrados para a tribo. Quem os possui dispõe de uma vida rica, próspera e confortável, além do reconhecimento de ser entre as pricipais figuras da comunidade.

2 Oye

Okonkwo had called in another medicine-man who was famous in the clan for his great knowledge about ***ogbanje*** *children. His name was Okagbue Uyanwa. Okagbue was a very striking figure, tall with a full beard and a bald head [...] He asked Okonkwo a few questions about the dead child. All the neighbours and relations who had come to mourn gathered around them.*

'On what market-day was it born?'he asked.

'Oye,'replied Okonkwo.

'And it died this morning?'

Okonkwo said yes, and only then realised for the first time that the child had died on the same market-day as it had been born.(p.55)

Glossário:
Oye - the name of one of the four market days.

*Okonkwo mandara chamar um outro curandeiro, famoso no grupo por seus grandes conhecimentos em matéria de crianças-****ogbanjes****. Seu nome era Okagbue Unyanwa. Okagbue era uma figura impressionante, alto, de barba grande e calvo [...] Fez algumas perguntas a Okonkwo sobre a criança morta. Todos os vizinhos e parentes, que tinham vindo para acompanhar o enterro, estavam reunidos ao redor dos dois homens.*

- Qual o dia-de-mercado em que nasceu? - indagou o curandeiro.

- ***Oye*** *- replied Okonkwo.*

> *- Morreu esta manhã?*
> *Okonkwo respondeu afirmativamente e só então percebeu que a criança havia morrido no mesmo dia-de-mercado em que nascera.(p.77)*
>
> Nota do tradutor:
> Oye - na Ibolândia, os dias da semana ou dias-de-mercado são quatro: **Eke, Oye, Nkwo, Afo.** [N.T.]

O nome "Ibolândia", utilizado pela tradutora, de certa forma, associa a idéia de semana a uma forma de conceber o tempo existente apenas na terra dos Ibos. Ao introduzir o nome, ela nos mostra seu conhecimento histórico e antropológico do povo nigeriano. Costa e Silva chama, tammbém, a atenção para sua pesquisa cultural, feita sobre a tribo e seu modo de viver."Ibolândia" é o nome atribuído à região do Baixo Níger, situada no oeste do continente, em grande parte ocupada pela tribo Ibo. O nome não aparece na obra. Por outro lado, sua introdução na tradução indica a pesquisa geogfáfica e cultural realizada pela tradutora sobre os Ibos da Nigéria.

A tradutora cria uma correspondência entre os dias da semana e os dias-de-mercado, sugerindo que, para os Ibos, a semana é composta de quatro dias-de-mercado. Isso implica dizer que, na leitura feita pela tradutora, todos os dias da semana são dias-de-mercado. O autor, contudo, não especifica isso no glossário; de fato, ele apenas nomeia o dia da semana. Outra idéia desenvolvida com o uso de "dias-de-mercado" pela tradutora tem a ver com o vínculo entre a concepção Ibo da semana e a organização sócio-

econômica da comunidade. A idéia sugere que, nesta concepção de tempo, são considerados somente os dias de atividade comercial.

3 Iyi-uwa - Texto 1

At last Ezinma was born, and although ailing she seemed determined to live. At first Ekwefi accepted her, as she had accepted the others - with listless resignation. But when she lived on to her fourth, fifth and sixth years, love returned once more to her mother, and with love, anxiety [...] Ekwefi believed deep inside her that Ezinma had come to stay. She believed because it was that faith that gave her own life any kind of meaning. And this faith had been strengthened when a year or so ago a medicine-man had dug up Ezinma's iyi-uwa. Everyone knew that she would live because her bond with the world of **ogbanje** *had been broken.(p.56)*

Glossário:
Iyi-uwa - a special kind of stone which forms the link between an ogbanje and the spirit world. Only if the iyi-uwa were discovered and destroyed would the child not die.

Finalmente, nasceu Ezinma, que, embora enfermiça, parecia determinada a viver. A princípio, Ekwefi aceitou-a, como aceitara os outros filhos - com apática resignação. Quando viu, porém, que a menina continuava a viver, após ter feito quatro, cinco e seis anos, o amor retornou ao seu coração e com ele, também a ansiedade [...] Ekwefi acreditava intimamente que Ezinma viera para ficar. E acreditava nisso porque só isso dava à sua própria vida um significado. Essa fé fortificou-se quando, um ou dois anos antes, um curandeiro desenterrou o **iyi-uwa** *de Ezinma. Então todos tiveram a certeza de que ela haveria de viver, pois rompera-se sua ligação com o mundo dos* **ogbanjes**.*(p.78)*

Nota do tradutor (1):
Iyi-uwa - uma pedra especial; se localizada e destruída, a criança não pode mais partir, e sobrevive.(N.T.)

Texto 2

Okagbue went back into the pit, which was now surrounded by spectators. After a few more hoe-fuls of earth he struck the **iyi-uwa** *[...] Okagbue emerged and without saying a word or even looking at the spectators he went to his goatskin bag, took out two leaves and began to chew them. When he had swallowed them, he took up the rag with his left hand and began to untie it. And then the smooth, shiny pebble fell out.(p.59)*

Okagbue voltou para dentro do buraco, que estava rodeado de espectadores. Depois de mais algumas pazadas de terra, encontrou o **iyi-uwa** *[...] Okagbue emergiu da cova e, sem dizer uma palavra ou sequer olhar para os espectadores, caminhou até o local onde deixara sua bolsa de pele de cabra, retirou de dentro dela duas folhas e começou a mastigá-las. Quando acabou de engoli-las, pegou no trapo com a mão esquerda e pôs-se a desamarrá-lo. E foi então que o liso e brilhante seixo caiu ao chão.(p.83)*

Nota do tradutor (2):
Dentro da lógica africana, o ato de se desenterrar o **iyi-uwa** diminuiria a força vital, daí comer-se folhas que detêm força vital.[N.T.]

Achebe apresenta um item do glossário a respeito da ação em torno do **iyi-uwa**, enquanto Costa e Silva elabora duas N.do T. para acompanhar a situação.

No glossário, Achebe chama nossa atenção para a importância da pedra, que é de um tipo especial, e procura explicar a associação entre ela e o **ogbanje**. Isso serve de pretexto para discutir as crenças existenciais dos Ibos ao indicar que a pedra age como mediador entre os vivos e os mortos - nesse caso a criança

malvada, ou **ogbanje**, e o mundo espiritual. O autor apresenta a idéia de um elemento da natureza como ponte entre a vida material e a espiritual. Por outro lado, em N.do T., Costa e Silva focaliza a quebra do feitiço com o descobrimento da pedra, assegurando a impossibilidade de a criança morrer, com isso, há a certeza da sua sobrevivência.

Podemos ver como cada N.do T. se preocupa com a situação imediata do trecho que acompanha, complementando a ação, ou, como na primeira nota, introduzindo detalhes relacionados especificamente com as crenças dos Ibos, que podem não ser claras para o leitor. No caso da segunda N.do T. nesse evento, a tradutora atenta para o ritual executado pelo curandeiro. Evidencia-se, no caso, o fato de que considera a obra como uma produção importante, através da qual é possível chegar a certas conclusões a respeito do pensamento africano, pensamento que determina a atitude tomada. Daí a introdução da "força vital", maneira encontrada para explicar e justificar as ações do curandeiro ao mastigar as folhas. Nessa instância, a força vital configura-se como um elemento natural que, no pensamento Ibo, tem poder decisivo sobre as suas vidas.

Sendo parte da natureza, a pedra contém essa força. A ação de mastigar as folhas serve para conter seu efeito, diminuindo, assim, o poder que a pedra tem sobre a existência da criança. Ao mesmo tempo, Costa e Silva parece introduzir uma N.do T. mística à situação, ao referir-se à "força vital". Interessa-se

em destacar o estreito vínculo dos Ibos com a natureza ao redor, a reverência e o medo que sentem a seu respeito. Portanto, em N.do T., parece transcender a cena do momento, trazendo aspectos que comprovam a sua leitura rigorosa da obra. Por outro lado, o autor não parece elaborar maiores detalhes. Sua estratégia de escrita vai ao encontro do objetivo político-didático da sua obra.

4 Ekwe

> *Go-di-di-go-go-di-go. Di-go-go-di-go. It was the* ***ekwe*** *talking to the clan. One of the things every man learned was the language of the hollowed-out instrument. Diim! Diim! Diim! boomed the cannon at intervals.* (p.84)
>
> Glossário:
> Ekwe - a musical instrument: a type of drum made from wood.

> *Go-di-di-go-go-di-go. Di-go-go-di-go. Era o batuque do* ***ekwe****, falando à tribo. Uma das coisas que todo homem aprendia era a linguagem desse instrumento de madeira. Buum! Buum! Buum! - estrondava o canhão a intervalos regulares.*(p.113)
>
> Nota do tradutor:
> Ekwe - tambor de madeira, cujas batidas imitam a entonação da voz humana. [N.T.]

Por tratar-se de um instrumento musical, ceremonial e o mais importante meio de comunicação para as aldeias de Umuofia, o ekwe aparece em diversos momentos no texto. Inicialmente, é apresentado como um instrumento musical, usado na banda de Unoka para entreter as comunidades. Depois, aprendemos que é utilizado como elemento de comunicação com a aldeia inteira, porque era

linguagem conhecida de todos. E, ainda, serve como base de acompanhamento aos rituais da comunidade Ibo.

Na obra, Achebe apresenta o instrumento como parte integrante das situações cotidianas e ceremoniais. No glossário, chama a atenção para seu valor musical e descreve de que é feito. Sua explicação, portanto, não se restringe a esse trecho textual, como acontece com a N.do T., mas pode servir como referência de leitura para todas as situações em que **ekwe** aparece.

No primeiro momento em que o termo aparece na tradução, uma explicação é apresentada, enquanto a N.do T. sobre o termo acompanha um outro trecho em que o tambor é utilizado, não para propósitos musicais, mas para propósitos comunicativos. Serve para avisar a comunidade que haverá uma importante reunião no dia seguinte.

Enquanto o autor descreve de que o tambor é feito, a tradutora, indo ao encontro desse cenário específico, procura chamar a atenção para o valor expressivo do som produzido pelo instrumento. Relaciona as batidas do tambor à entonação da voz humana, o que nos faz pensar que os Ibos desenvolvem uma maneira de tocar o **ekwe** para que seja significativo, podendo assim espalhar mensagens. "Go-di-di-go-go-di-go. Di-go-go-di-go." simboliza o batuque do **ekwe**, falando à tribo. Com isso, procura mostrar como as batidas passam a ter uma significação e a representar, em forma

musical, um tipo de linguagem.

Os trechos e as N.do T. analisados, nesta seção, tendem a ser mais elaborados que os itens do glossário. Além disso, é possível perceber o interesse sócio-cultural específico de Costa e Silva, que se estende além do autor, buscando detalhes estimulados pela sua leitura, mas que não fazem parte da obra. Seria um exemplo da natureza modificadora da leitura que faz. Podemos visualizar, nas N.do T., as idéias que surgiram a partir do estudo da obra, e a maneira como a tradutora prioriza certos aspectos, através dos quais, realça as características particulares da vivência dos Ibos.

3.5 DO IBO PARA O PORTUGUÊS EM NOTA DO TRADUTOR: AS FRASES EM IBO.

As ocasiões em que Achebe coloca frases do Ibo são momentos intensos de cerimônia ou crença. O fato de o autor não dar nenhuma indicação do significado dessas frases coincide com seu principal objetivo de promover uma valorização da língua Ibo e da sua cultura, que sofreram mudanças durante o colonialismo. De acordo com seu propósito maior de uma valorização étnica e lingüística, bem como seu objetivo didático-nacionalista, o autor preocupa-se em desenvolver, intensamente, as cenas em que as frases

se inserem. Cria a idéia de que, como discutimos no capítulo anterior, embora a língua dominante da obra seja o inglês, o ambiente em torno do qual o enredo se desenvolve parece ter pouco a ver com essa língua.

No seu texto, Achebe não oferece nenhuma indicação do que as frases possam significar em inglês. Assim, nessas ocasiões, parece reafirmar seu comprometimento com seu povo, mostrando a cultura Ibo de dentro para fora, fazendo com que o leitor assuma a posição de observador. Trata-se da estratégia adotada para enfatizar ainda mais a posição de quem se apropria de duas línguas, ou seja, a língua materna e a língua imposta, visualizada com hostilidade por representar a subjugação colonial. Achebe cria a sensação de que, mesmo lendo um texto em inglês, de fato, num plano mais profundo, opera-se realmente na língua Ibo.

Diferentemente, na tradução a frase é traduzida para o português em N.do T., o que parece ser uma abertura e uma oportunidade de ter acesso à maneira de expressão dos Ibos. A decisão de traduzir as frases em Ibo para o português em N.do T. de forma alguma corresponde à estratégia adotada na obra, em que Achebe parece favorecer a manutenção de certas frases na sua língua nativa. Ao traduzir as frases em N.do T. Costa e Silva demonstra que pesquisou a língua e a cultura Ibo, criando um vínculo estreito entre o que lê na obra de Achebe e o povo Ibo encontrado na Nigéria. Seu texto se diferencia da obra em que as frases não foram

traduzidas ou explicadas no glossário. Realiza uma forma de pesquisa antropológica, à medida que busca realizar sua tarefa em outro nível textual dentro da tradução, fazendo com que a N.do T. se apresente como outro espaço importante de leitura.

A tradutora parece ter a necessidade de partir para elaborações diferentes daquelas desenvolvidas pelo autor, ao longo de sua leitura da obra. Ao oferecer as frases em português, Costa e Silva se posiciona como uma tradutora brasileira que escreve e publica para leitores diferentes dos do autor. A seguir discutimos três ocasiões em que pronunciamentos em Ibo e em discurso direto são traduzidos em N.do T.

1 **Aru oyim de de de de dei!**

> *An iron gong sounded, setting up a wave of expectation in the crowd. Everyone looked in the direction of the* ***egwugwu*** *house [...] The* ***egwugwu*** *house was now a pandemonium of quavering voices:* ***Aru oyim de de de de dei!*** *filled the air as the spirits of the ancestors, just emerged from the earth, greeted themselves in their esoteric language. (p.62)*

> *De repente, ouviu-se o soar de um agogô, e suas batidas ergueram uma onda de expectativa na multidão. Todos olharam na direção da casa dos* ***egwugwus*** *... A casa dos* ***egwugwus*** *transformara-se num pandemônio de vozes garganteadoras:* ***Aru oyim de de de de dei!*** *E essas vozes enchiam o ar, à medida que os espíritos dos ancestrais, recém-saídos da terra, se saudavam uns aos outros, em sua linguagem esotérica. (p.85)*

Nota do tradutor:

Aru oyim de de de de dei - Deixe meu corpo frio jazer num bom lugar! [N.T.]

Estamos num momento muito intenso na obra por tratar-se de um ritual ceremonial de enterro em que a presença dos **egwugwu** contribui para criar uma atmosfera de mistério e de sobrenatural. Nessa ocasião, o ambiente se fecha em si, deixando o leitor acompanhar os movimentos, escutar os tambores e as vozes dos **egwugwus**, mas não participar por não ser parte da tribo, fato enfatizado por ter de enfrentar a língua Ibo no texto. No esforço de valorizar a língua nigeriana, na presença da língua oficial em que escreve, o autor mantém-se coerente com sua obra e deixa apenas as ações dos **egwugwu** e a descrição da cerimônia acompanhar a leitura da mesma.

Na tradução, através da N.do T., entendemos o que os **egwugwu**, representantes dos espíritos dos ancestrais, dizem. Portanto, a presença da N.do T. parece dar uma impressão diferente daquela que a obra sugere.

2 Agbala do-o-o-o! Agbala ekeneo-o-o-o-o.

She broke off because at that very moment a loud and high-pitched voice broke the outer silence of the night. It was Chielo, the priestess of Agbala, prophesying. There was nothing new in that. Once in a while Chielo was possessed by the spirit of her god and she began to prophesy. But tonight she was addressing her prophecy and greetings to

Okonkwo, and so everyone in his family listened. The folk stories stopped.

*'**Agbala do-o-o-o! Agbala ekeneo-o-o-o-o,**' came the voice like a sharp knife cutting through the night. '**Okonkwo! Agbala ekene gio-o-o-o! Agbala cholu ifu ada ya Ezinmao-o-o-o!***

At the mention of Ezinma's name Ekwefi jerked her head sharply like an animal that had sniffed death in the air. Her heart jumped painfully within her. (p.70)

Mas, de súbito, a menina parou de falar, porque lá fora, nesse preciso instante, uma voz alta e esganiçada rompeu o silêncio da noite. Era Chielo, a sacerdotisa de Agbala, a profetizar. Não havia novidade nisso, pois de tanto em tanto tempo Chielo era possuída pelo espírito divino e então começava a fazer profecias. Nesta noite, contudo, dirigia suas profecias e saudações a Okonkwo e, por esta razão, todos da família se puseram a escutar. A narração de lendas interrompeu-se.

*- **Agbala do-o-o! Agbala ekeneo-o-o-o!** - ouvia-se a voz, qual afiada faca a atravessar a noite.*

*-**Okonkwo! Agbala ekene gio-o-o-o! Agbala cholu ifu ada ya Ezinmao-o-o-o!***

Ao ser mencionado o nome de Ezinma, Ekwefi virou a cabeça brusca e agitadamente, como um animal que tivesse farejado no ar o cheiro da morte. As batidas de seu coração eram violentas e dolorosas. (p.96)

Nota de tradutor:
Agbala do-o-o-o! Agbala ekeneo-o-o-o-o! - Paz de Agbala! Agbala os sauda a todos! - Os ibos prolongam o "o" final como demonstração de respeito pela pessoa a quem se dirigem.[N.T.]

Costa e Silva apresenta as palavras da sacerdotisa, em discurso direto, além de incluir outra informação de natureza antropológica da língua nigeriana. O traço serve, também, para as outras frases em discurso direto, nas quais o "o" final é

prolongado. Procura oferecer uma descrição da linguagem dos Ibos e da maneira de usá-la.

O efeito é diferente na obra, uma vez que, através da subseqüente reação de Ekwefi, segunda esposa de Okonkwo, apreciamos a seriedade da situação:

> *At the mention of Ezinma's name Ekwefi jerked her head sharply like an animal that had sniffed death in the air. Her heart jumped painfully within her. (p.70)*

A cena continua, rodeada de mistério, devido às frases em Ibo, uma situação que obriga o leitor a se envolver nos acontecimentos que se seguem. Somente através dos nomes sabemos que o herói, sua filha e a deusa Agbala estão envolvidos.

> **3 Okonkwo! Agbala ekene gio-o-o-o! Agbala cholu ifu ada ya Ezinmao-o-o.** (Ver texto em no.2)
>
> Nota do tradutor:
> Okonkwo! Agbala te sauda e só a ti! Agbala deseja que leves a ela tua filha Ezinma! [N.T.]

Ao traduzir as palavras da sacerdotisa, Costa e Silva leva seu leitor a saber ainda mais sobre o poder da sacerdotisa. Passamos a apreciar imediatamente a relação que existe entre a deusa e os Ibos. Pela autoridade com que Chielo, a sacerdotisa, fala, percebemos que se trata de uma exigência divina devendo, portanto, ser respeitada. Ao traduzir as palavras de Chielo, a tradutora nos ilustra a relação entre a sacerdotisa e a deusa cujo

nome pronuncia. Opera como mensageira, discípula, e, assim, por ser temida, deverá ser obedecida. Okonkwo tem de entregar a sua filha. Isso nos oferece mais uma idéia de quanto os Ibos reverenciam seus sacerdotes, por acreditarem que são de fato porta-vozes de seres sobrenaturais.

Devido a seus propósitos de realçar a língua Ibo na sua obra, bem como o desenvolvimetnto da temática em torna de uma comunidade tradicional, Achebe prefere marcar a distinção entre as línguas. Encontra, nessa estratégia, a maneira de chamar atenção para as diferenças que existem entre os Ibos e os ingleses, diferenças que prefere observar por terem uma ligação com seus interesses anti-colonialistas e seu compromisso étnico.

O impacto da tradução, em N.do T., dos enunciados em Ibo repercute na tradução e contribui para diferenciar o texto traduzido. A tradutora apresenta-se como um leitor privilegido, que perambula pela obra e além dela à procura de maneiras de realizar sua tarefa. Com as traduções em N.do T., se propõe a suavizar as rupturas que parecem surgir no seu texto entre o português e o Ibo. Como em todas as outras situações em que o Ibo aparece, a tradutora explica as frases. Inicialmente, as traduções parecem mostrar que Costa e Silva está muito próxima do contexto do Ibos, e que vê e entende tudo que acontece, mas, ao lembrarmos que as frases não foram traduzidas na obra, podemos dizer que, de fato, a tradutora

impõe-se como uma espécie de co-autora, introduzindo outros rumos textuais.

3.6 SOBRE OS ASPECTOS DA VIVÊNCIA IBO DISCUTIDOS EM NOTA DO TRADUTOR.

Todas as N.do T., focalizando o modo de viver dos Ibos, são provenientes da iniciativa de Costa e Silva, uma vez que, na obra, Achebe não destaca ou discute separadamente estas situações. Ao fazer sua leitura, Costa e Silva desenvolve interesses específicos em detalhes representativos desse modo de viver e, portanto, diferentes do tipo de vida que a própria tradutora conhece.

1 Harmatã

Okonkwo was well known throughout the nine villages and even beyond. His fame rested on solid personal achievements. As a young man of eighteen he had brought honour to his village by throwing Amalinze the Cat [...]

That was many years ago, twenty years or more, and during this time Okonkwo's fame had grown like a bush-fire in the harmattan. (p.3)

Toda a gente conhecia Okonkwo nas nove aldeias e mesmo mais além. Sua fama assentava em sólidos feitos pessoais. Aos dezoito anos, trouxera honra à sua aldeia, ao vencer Amalinze, o Gato [...]

Isso se passara há muitos anos, há uns vinte anos ou mais, e de então para cá a fama

> *de Okonkwo crescera qual incêndio na mata, no tempo do* ***harmatã***.(p.12)
>
> Nota do tradutor:
> Harmatã - vento seco e frio, carregado de pó muito fino, que sopra do deserto do Saara sobre as savanas, os cerrados e as florestas da África Ocidental.[N.T.]

Esse é o primeiro termo que a tradutora brasileira discute. Descreve um fenômeno da natureza que, segundo ela, é típico daquela região da África. Por ser um fenômeno local, a tradutora parece presumir que seja uma condição climática estranha a quem não conhece a região.

A N.do T. vai ao encontro da tradução feita no texto, ou seja, "tempo do harmatã", que parece se estender para a descrição elaborada em N.do T. a respeito de um tipo de vento que sopra durante um determinado período do ano.

Ao comparar as duas versões, notamos o estilo mais generalizado da obra, frente à descrição mais específica da tradutora. Achebe não procura descrever o termo, próprio da região. Apenas o incorpora ao cenário que descreve. Contenta-se com a inclusão da condição climática na obra, uma vez que está escrevendo a respeito de um fenômeno local, próprio da região e do seu país.

2 Quarto Interior

One day a neighbour called Okoye came in to see him. He was reclining on a mud bed playing on the flute. He immediately rose and shook hands with Okoye, who then unrolled the goatskin which he carried under his arm, and sat down. Unoka went into an inner room and soon returned with a small wooden disc containing a kola nut, some alligator pepper and a lump of white chalk. (p.4)

Certo dia, um vizinho chamado Okoye veio visitá-lo. Unoka estava reclinado numa cama de barro, em sua choça, a tocar flauta. Levantou-se imediatamente para cumprimentar Okoye, que desenrolou a pele de bode que trazia sob o braço e nela se sentou. Unoka foi até o quarto interior e, de volta, trouxe um pequeno disco de madeira, com uma noz de cola, um pouco de pimenta e um pedaço de giz branco.(p.14)

Nota do tradutor:
Quarto interior - na habitação Ibo, há duas divisões: o quarto da frente, ou exterior, e o de trás, ou interior. [N.T.]

A situação específica do encontro entre Unoka e seu vizinho Okoye serve de pretexo para descrever a moradia da aldeia. Ao chamar atenção para o quarto interior, a tradutora parece considerá-lo um detalhe importante que possa contribuir para uma apreciação das ações de Unoka, na chegada do seu amigo.

O encontro faz parte da descrição maior da vivência Ibo, na qual a tradutora se concentra durante a elaboração das N.do T. Apresenta um aspecto sócio-cultural, destacando uma maneira de viver diferente daquela que conhece ou que se encontra na sociedade brasileira. Numa tentativa de trazer a comunidade e seus hábitos

ainda mais próximos ao leitor brasileiro, a tradutora contribui para a configuração da sociedade Ibo como um todo. Ao mesmo tempo, apreciamos a explicação enquanto elaboração que complementa outras N.do T., por exemplo, as que dizem respeito a **compound** ou "terreiro" e **obi** ou "casa do homem", outros detalhes sobre esse tipo de habitação.

> 3 **Noz de Cola** (Ver texto de número 2)
>
> Nota do Tradutor:
> Noz de cola - noz do fruto de árvore da família das esterculiáceas [cola acuminata], muito usada na África Ocidental como estimulante e refrescante: mascada, seu gosto é de início acre, mas deixa depois na boca sensação muito agradável; oferece-se geralmente aos visitantes; é também usada como alimento que se oferece aos ancestrais; na Bahia, é conhecida pelo nome que toma em yorubá, **obi**.[N.T.] (p.14)

Esta N.do T. extensa contribui para confirmar os objetivos esclarecedores da tradutora, que elabora uma N.do T. detalhada e específica, trazendo um texto que complementa a leitura desse trecho da tradução. Representa a maneira encontrada por ela de indicar a importância da **noz de cola** no ritual de receber visitantes. Notamos que de fato a noz tem um papel fundamental nas relações sociais da comunidade, e é oferecida outras vezes no texto, quando há um tipo de reunião ou confraternização entre amigos e parentes.

Embora indique um componente típico somente da sociedade tradicional africana, o autor não se expressa no glossário sobre a fruta.

Introduzindo uma descrição científica do gosto da fruta e da sua importância cultural, a tradutora consegue focalizar-se neste pequeno componente da sociedade Ibo, a partir do qual desenvolve outras idéias que se direcionam para outras ações e comportamentos típicos desse povo e de sua maneira de viver.

Costa e Silva manifesta-se como uma tradutora brasileira, ao escrever que a fruta é conhecida na Bahia, onde se utiliza um nome iorubá - **obi**. Ao assumir essa posição, localiza sua tradução enquanto produção brasileira, dando preferência aos leitores brasileiros, que teriam maiores possibilidades de apreciar essa informação que um leitor de outro país. Constatamos também que, com isso, a tradutora aproveita para criar uma ponte entre a África e o Brasil, o que estimula outras idéias de importância histórica, tudo a partir da descrição da fruta africana e de sua presença no Brasil.

4 Sacerdotisa

> *The way into the shrine was a round hole at the side of a hill, just a little bigger than the round opening into a hen-house. Worshippers and those who came to seek knowledge from the god crawled on their belly through the hole and found themselves in a dark, endless space in the presence of Agbala. No one had ever beheld Agbala, except his*

priestess. But no one who had ever crawled into his awful shrine had come out without the fear of his power. His priestess stood by the sacred fire which she built in the heart of the cave and proclaimed the will of the god. The fire did not burn with a flame. The glowing logs only served to light up vaguely the dark figure of the priestess. (p.12)

O caminho para se chegar ao santuário era um buraco redondo no flanco de uma colina, pouco maior do que a abertura de um galinheiro. Os devotos e aqueles que vinham em busca da sabedoria do deus tinham de arrastar-se de barriga no chão, para poder atravessar o tal buraco e chegar à presença de Agbala, num espaço escuro e enorme. Ninguém jamais vira Agbala, exceto sua **sacerdotisa.** *Mas nenhum daqueles que se arrastaram para dentro do terrível santuário dali saíra sem o temor do poder do Oráculo. Sua sacerdotisa ficava de pé, perto do fogo sagrado, que ela própria acendera no coração da caverna, e proclamava a vontade do deus. O fogo era um fogo sem chamas. Os troncos incandescentes apenas serviam para iluminar de modo vago a sombria figura da sacerdotisa.* (p.24)

Nota do Tradutor:
Sacerdotisa - na África tradicional, com sua organização comunitária, não se pode falar em religião propriamente dita, pois todos os atos do dia-a-dia se relacionam com o conceito da força vital, que anima os seres humanos: assim, o culto concerne a todos. Com a centralização do poder quando do surgimento da Cidade-Estado ou em decorrência de rupturas internas da própria sociedade, como no caso da sociedade Ibo, surge a figura de um responsável pelo culto, sacerdote ou sacerdotisa, que não tem atributos divinos.[N.T.]

Essa seqüência textual descreve o santuário religioso dos Ibos, e nos mostra a reverência e o medo que o Oráculo, o lar do deus Agbala, provoca neles. A importância da figura da sacerdotisa

e seu poder como protetora do santuário e mensageira de Agbala na terra leva Costa e Silva a discutir essa função religiosa. Focaliza aspectos da religiosidade da sociedade tradicional Ibo e ressalta o que considera ser importante a respeito da sacerdotisa e do seu lugar de destaque na comunidade.

Dada a relevância do papel da sacerdotisa como voz do deus Agbala na terra, ela recebe os devotos que buscam conselhos e soluções. Sua importância, na comunidade, ainda se centra no papel de guardiã da ordem e da paz, e, também, no poder que todos lhe atribuem ao manter contato sobrenatural com o deus. Ela é responsável pela manutenção das crenças e tradições, garantia do cumprimento das leis sociais que controlam a vida do povo.

O funcionamento das leis religiosas ressalta a participação intrínseca da religião na sociedade tradicional, onde a interação entre o povo, seus antepassados e seus deuses é por demais estreita. Religião e vida cotidiana não se separam, uma está dentro da outra, fundem-se, aspecto notado pela inexistência de chefes da tribo, e pela ação de consultar o Oráculo para qualquer decisão importante.

Nessa sociedade tradicional, a figura do sacerdote destaca-se por ela ser considerada o mensageiro das divindades e seu protetor na terra. O respeito, a reverência e o medo que provoca nas pessoas é por ele ser o elo entre o mundo físico e o as

crenças espirituais do povo. Através dele, o povo consegue incorporar as crenças à rotina diária, a ponto de controlar suas ções, decisões e pensamentos.

5 Uma Cesta

Now and again an ancestral spirit or ***egwugwu*** *appeared from the underworld, speaking in a tremulous, unearthly voice and completely covered in raffia [...]*

But the most dreaded of all was yet to come. He was always alone and was shaped like a coffin. A sickly odour hung in the air wherever he went, and flies went with him. Even the greatest medicine-men took shelter when he was near. Many years ago another ***egwugwu*** *had dared to stand his ground before him and had been transfixed to the spot for two days. This one had only one hand and with it carried a basket full of water. (p.85)*

De vez em quando, um espírito ancestral ou ***egwugwu*** *surgia do outro mundo, falando numa voz trêmula e extraterrena, completamente recoberto por uma roupagem de ráfia [...]*

O mais temível dos espíritos ainda não tinha, contudo, aparecido. Vinha sempre sozinho e sua forma era a de um caixão de defuntos. Um fedor enjoativo o acompanhava, e as moscas o seguiam. Até mesmo os maiores curandeiros escondiam-se de medo quando ele andava por perto. Há muitos anos, um outro ***egwugwu*** *se atrevera a desafiá-lo e lhe fizera frente: ficara imobilizado, durante dois dias, no mesmo lugar. Este* ***egwugwu*** *tinha uma mão só e nela carregava* ***uma cesta*** *cheia d'água.* (p.114-115)

Nota do tradutor:
Na Iboländia, costuma-se recobrir completamente as cabaças com palha tecida à semelhança de cestos, a fim de melhor resguardar a água do calor.[N.T.]

Na sua leitura, Costa e Silva está atribuindo um valor histórico-social aos aspectos da vida cotidiana dos Ibos, confirmando que a tradutora realiza algum tipo de pesquisa histórico-antropológica sobre os Ibos para auxiliar sua tradução. A provável consulta de fontes que tratam da cultura Ibo conduz à introdução de outras idéias em N.do T. Ao escrever esse trecho, Achebe não se detém em discutir a significação da presença da cesta na mão do **egwugwu**.

Ao complementar esse trecho do texto com uma N.do T., a tradutora parece reconhecer o valor simbólico da cesta que o **egwugwu** carrega. Mostra a importância da água para o povo Ibo que vive num clima de calor intenso na maior parte do ano. Aponta para o desejo de garantir uma apreciação por parte do seu leitor dos rituais da tribo.

Esta N.do T. também serve para estabelecer uma relação entre a vida econômica dos Ibos e sua manifestação religiosa. Podemos compreender as crenças dos Ibos na existência dos **egwugwu** e a importância de reverenciá-los. Os espíritos simbolizam sua proteção, prosperidade e a possibilidade de uma tranqüilidade cotidiana.

Para concluir, a preocupação em assegurar uma adequada representação dos costumes da comunidade Ibo conduz a uma complementação textual que confirma a iniciativa da tradutora. As

cinco situações apresentadas apontam para a natureza específica da sua leitura. A ação de isolar aspectos da vida cotidiana é evidência de uma escolha que foi feita para privilegiar traços étnicos, considerados mais distintos. Indicam os pontos textuais que chamaram a atenção da tradutora, provocando um questionamento de natureza social e histórica.

C O N C L U S Ã O

No final do romance, o assassinato do funcionário do tribunal, cometido por Okonkwo, recebe a atenção pessoal do Comissário britânico que lidera um grupo de busca. Infelizmente, o suicídio de Okonkwo o proibe de aplicar a justiça do colonizador. Ao enfrentar o corpo de Okonkwo, Achebe apresenta dois pontos de vista da ação subsequente, o de Obierika, o melhor amigo de Okonkwo, e o do Comissário.

O Comissário é apresentado como um aluno de costumes primitivos para quem a recusa dos Ibos de tocar no corpo do herói é fascinante. A forma do autor caracterizar o Comissário nos faz consciente da sua posição, como culpado para os eventos que culminam na morte de Okonkwo, mas, ao mesmo tempo, como totalmente ignorante de tal culpa. Representante da instituição colonizadora, não tem noção da importância da morte de Okonkwo, nem compreende a reação de Obierika. Achebe indica que ao não falar a língua dos Ibos, está impossibilitado, mais ainda, de reproduzir a maneira deles de conceber a morte de Okonkwo. Dessa forma, demonstra a sua exclusão da sociedade que "governa". Retrocede numa linguagem, símbolo de seu exílio lingüístico e ideológico, que o identifica como representante da classe de administradores coloniais que "conhecem seus nativos".

Posicionando-se como um observador de culturas primitivas, o Comissário reflete sobre a cena que testemunha. Achebe mostra essa reflexão buscando ressaltar, o que lhe parece ser, uma

falta de percepção e compreensão por parte do Comissário em relação ao acontecimento. O autor chama a atenção para a gravidade de tal ponto de vista em termos de relatos históricos. O Comissário está escrevendo um livro sobre suas experiências como administrador dos povos na região de Baixo Níger. Ao seu ver, história do homem que matou um funcionário do tribunal e depois se enforcou seria um episódio interessante para um capítulo do seu livro que tem como título, **The Pacification of the Primitive Tribes of the Lower Niger** (p.147) Segundo Kandjimbo (1990), um livro sobre as "tribos primitivas", com esse mesmo título, tinha sido escrito por um Comissário britânico, o que aponta para a estratégia de Achebe de mostrar o tipo de leitura dos agentes da administração britância.

Constatamos que inevitavelmente, o livro do Comissário é julgado contra o livro de Achebe que acabamos de ler. Mais importante, ainda, de propósito, o autor procura valorizar a vida tribal, fazendo com que sua visão apareça superior por ser um olhar de "dentro para fora" e não meramente, como no caso do Comissário a visão de um observador ou "aluno de costumes primitivos". É justamnente sobre esse ponto que iniciamos nossas últimos comentários sobre este trabalho.

Observamos que Achebe e o Comissário têm algo em comum. Procuram descrever, ilustrar o que estão vendo ou lendo. Ao descrever a Ibolândia tribal, o autor procura mostrar seu envolvimento com a destruição que registra. Oferece o que para ele é uma

contemplação significativa dos acontecimentos, das transformações. Para realçar sua posição, Achebe coloca seu texto em confronto com o do Comissário. Não precisa dizer que o texto do Comissário será a versão dominante, colonizadora, que não se dispõe a apreciar a ação de resistência que é o suicídio de Okonkwo, mas, ao mesmo tempo, aproveita-se dela para seus relatos de conquista e vitória que passam a ser registrados como momentos importantes da história do Império Britânico.

Valorizamos as duas versões como reflexões de duas perspectivas distintas que surgem dos interesses e contextuais dos dois escritores. A incompatibilidade das perspectivas reflete a diferenciação de posturas em todos os níveis. Consideramos que tanto Achebe quanto o Comissário produzem "leituras" da situação, as quais, inevitavelmente, refletem seus compromissos ideológicos. Ressaltammos que estas diferentes leituras são resultados de vários enfoques determinados pela circunstância subjetiva de cada leitor, bem como o contexto sócio-histórico do qual faz parte.

A questão da diferença de perspectiva é importante para refletir sobre a tradução de **Things Fall Apart** no Brasil. A questão gira em torno do modo de perceber a vivência Ibo, e observamos que não seria possível esperar que haja apenas um modo de identificar ou descrever seus traços culturais. A tradutora, Costa e Silva lê o romance de Achebe que afirma sua preocupação com um retrato "fiel" do seu povo, mas, como procuramos ilustrar ao longo do

trabalho, ao realizar sua leitura desse retrato, Costa e Silva faz descrições as quais, ao serem examinadas, apontam para uma outra perspectiva, uma outra maneira de apreciação da vivência Ibo. Na tradução do texto de Achebe, temos a inevitável transformação, ou seja, a recriação de uma perspectiva diferente, alimentada por concepções do povo Ibo montadas pela própria tradutora, a partir de **Things Fall Apart**, mas, em detrimento de qualquer noção fixa da obra enquanto representação verdadeira de acontecimentos históricos ou da intenção do autor.

Na escrita de **O Mundo Se Despedaça**, a tradutora adota uma postura textual que a caracteriza como uma tradutora brasileira, operando num contexto editorial específico e produzindo para um público para o qual a cultura Ibo não é familiar. Nessa perspectiva, as preocupações coloniais e nacionais são específicos do autor. O interesse da experiência da colonização inglês é um assunto interessante, porém distante, uma vez que se remete a um local físico e a acontecimentos próprios. Com base nisso, bem como, devido ao protocolo editorial à qual se submete, há um deslocamento de interesses. Longe de ser uma interpretação livre, **O Mundo Se Despedaça** é produto de uma leitura, e surge das circunstâncias específicas de produção da sua realizadora, o que ilustramos ao isolar o uso do recurso N.do T. no seu texto.

A adoção da N.do T. para descrever a realização textual se valoriza enquanto símbolo de um reconhecimento da tradutora como

produtora textual consciente, realizadora de outros significados. Características da língua e de certos traços familiares apenas àqueles acostumados a este tipo de vivência, tornam-se alvos para uma explicitação, ou seja, uma tentativa de explicar o que são; a descrição feita pela tradutora portanto oferece sua versão, mostra como está percebendo o assunto em questão.

A N.do T. reflete os pontos marcados na sua leitura, prendem sua atenção e estimulam maior exploração textual. Observamos as diferenças entre as palavras e frases focalizadas pelo autor no glossário, e as discutidas por Costa e Silva nas suas N.do T. Constatamos que a língua Ibo foi um dos principais fatores textuais que conduziu à elaboração, principalmente considerando seus interesses sócio-antropológicos, despertados pelo Ibo-inglês no texto de Achebe.

Averiguamos a impossibilidade de realizar uma N.do T. tradutor livre de qualquer tipo de contextualização e sem adotar uma posição interpretativa. A suposta objetividade e precisão associadas às N.do T. e o *esclarecimento* que devem oferecer, se perdem à medida que é possível realizar uma análise e uma crítica, provas da postura interpretativa e subjetividade da tradutora.

O objetivo seria reformular o modo de considerar o recurso textual. Não há interesse em tentar predizer como será lido como parte da tradução, nem em especular sobre os possíveis efeitos da

N.do T. sobre o leitor. Em vez disso, postulamos uma atitude de reflexão a respeito desta realização textual enquanto evidencia e produto de uma leitura crítica e rigorosa.

Observamos a situação específica dos dois textos. A relação ambivalente que existe entre o Ibo e o inglês no texto de Achebe é uma extensão de circunstâncias históricas, ou seja, o colonialismo. O sentimento de ambivalência surge da convivência das duas línguas a qual, no fundo, representa o choque de interesses a nível da temática textual e o conflito de interesses do próprio autor. Achebe protesta contra o domínio do inglês, mas, ao mesmo tempo, reconhece seu papel fundamental na unificação nacional, sua principal preocupação. A postura explicativa de Costa e Silva se vincula diretamente a seus interesses sócio-culturais, uma vez que explora a vivência e a língua do povo Ibo, apresentando as mesmas como central a sua realização textual. Verificamos a transformação realizada, como também, a produção de uma outra perspectiva que faz de Costa e Silva, leitora e tradutora.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACHEBE, C. The novelist as a teacher. In: KILLAM, G.D. (Ed.) African writers on African writing. London: Heinemman, 1973. p.1-7.

_____. The role of the writer in a new nation. In: NOLEN, B. (Ed.) Africa is people: firsthand accounts from contemporary Africa. New York: E.P.Dutton, 1967. p.177-183.

_____. A man of the people. London: Heinemann, 1966.

_____. Arrow of God. London: Heinemann, 1964.

_____. No longer at ease. London: Heinemann, 1960.

ARROJO, R. A descontrução do logocentrismo e a origem do significado. In: ARROJO, R. (Org.). O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992. p.35-39.

_____ Compreender x interpretar e a questão da tradução. In: ARROJO, R. (Org.). O signo descontruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992. p.67-70.

_____ Oficina de Tradução. São Paulo: Ática, 1986.

ASHCROFT, B. et.al. The empire writes back. London: Routledge, 1989.

BARBOSA, H.G. Procedimentos técnicos da tradução. Campinas: Pontes, 1990.

CAMPEDELLI, S.Y. Um romance nigeriano. São Paulo, Tradução & comunicação. n.5, p.167-170, dez. 1984.

CESAR, A.C. Paixão e técnica. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 out. 1988. Folhetim, p.7-9.

CRYSTAL, D. Language: The Cambridge Encyclopedia of Language. Cambridge: Cambridge University, 1987.

DEIERDEN, D., PIETERSE, C. (Eds.) Chinua Achebe. African writers talking. London: Heinemann, 1972. p.2-17.

DERRIDA, J. Des Tours de Babel. In: GRAHAM, J.F. Difference in translation. Ithaca: Cornell University. 1985. p.165-207

_____. Positions. Chicago: University of Chicago, 1981.

_____. Living On. Borderlines. In: BLOOM, H., DE MAN, P., DERRIDA, J. Deconstruction and criticism. New York: Continuum, 1979, p.75-176.

DUFF, A. The third language: recurrent problems of translation into English. England: Pergamon, 1981.

EMENANJ, E.N. A evolução da língua igbo na literatura de ficção. Lisboa, África, v.2, n.9, p.409-415, jul./set.1980.

FEUSER, W.F. Entre a tradição e a modernidade: impressões sobre a literatura nigeriana. (Parte 2). Lisboa, África, v.1, n.3, p.245-252, jan./mar. 1979.

FISH, S. What makes an interpretation acceptable? In: Is there a text in this class? Cambridge: Harvard University, 1980, p.338-372.

FREIRE, L, Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Rio de Janeiro: José Olympio, v.3, 1954.

HATTNHER, A.L. Notas de pé de página: alicerce fundamental da tradução. São Paulo, Tradução & Comunicação. n.6, p.89-100, jul. 1985.

HORNBY, A.S. Oxford Advanced Learner Dictionary of Current English. Oxford: Oxford University, 1974.

IRENE, A. The African experience: literature and ideology. Indianopolis & Bloomington: Indianopolis University Press,

1990.

JAKOBSON, R. Lingüística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1975.

JANMOHAMED, A.R. Manichean aesthetics, Amherst: University of Massachusetts Press, 1983.

KANDJIMBO, L. Chinua Achebe:um ficcionista da tradição e do relativismo. Estudos portugueses e africanos. Campinas, n.15 p.115-131, jan/jun, 1990.

MC DONALD, C.V. The ear of the other. New York: Schocken Books, 1985.

MICHAUD, G. Freud: N.d.T. ou des affects et fantasmes chez les traducteurs de freud. TTR: études sur le texte et ses transformations. Montréal, v.2, n.2, p.105-127, 1989.

NEWMARK, P. Approaches to translation. Oxford: Pergamon, 1981.

NIDA, E.A. A framework for the analysis and evaluation of theories of translation. In: BRISLIN, R.W. (Ed.) Translation Application and Research. New York: Gardner 1976. p.47-81.

_____. Towards a science of translation. Leiden:

E.J.Brill, 1964.

NUBUKPO, K.M. La critique littéraire "africaine." Realités et perspectives d'une idéologie de la difference. CJAS/RCEA. v.24, n.3, p.399-417, 1990.

NWEZEH, E.C. History and fiction: Achebe, Ouologuem and Armah. São Paulo. África. São Paulo, n.8, p.9-25, 1985.

PERCIVAL, C.T. Techniques and presentation. In: PICKEN, C, (Ed.) The translator's handbook. London: Catriona Picken Aslib, 1983, p.89-97.

POVEY, J. English usage in recent Nigerian novels. In: MCLEAD, A.L. (Ed.) African literature in English: development and identity. Philadelphia: African Studies Association: Literature in English Group. p.48-63.

RAJAGOPALAN, K. O significado e sua gênese: algumas anotaçoes avulsas. In: ARROJO, R. (Org.). O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992. p.35-39.

ROBERT, P. Le Robert. Canadá: Les Dictionnaires Robert, v.3 1985.

_____. Petit Robert I. Paris: Les Dictionnaires Robert, 1990.

RONAI, P. A tradução vivida. 2 ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SILVA, A.M. de Novo Dicionário Compacto de Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Confluência, s.d. v.1 e 2.

SINCLAIR, J. Collins Cobuild English Language Dictionary. London & Glasgow: Collins/ University of Birmingham, 1987.

SOUZA, L.M.T.M. de Palm-wine drinkard e a evolução estética na literatura africana. São Paulo, Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mario de Andrade. p.63-74, jan./dez. 1988.

TAGNIN, S. Notas do tradutor: quando, por que e como? Ao pé da letra. v.1, n.1, p.8-9, ago.1992.

TOURY, G. The nature and role of norms in literary translation. In: In search of a theory of translation. Israel: Tel Aviv University, 1980. p.51-62.

VERSINGER, G. Un Auteur Africain à l'Agrégation: Chinua Achebe. Paris, Présence africaine, n.13, p.188-193, 1990.

B I B L I O G R A F I A

ESTEVES, L.M.R. As bruxas de Macbeth no "original" e em quatro traduções brasileiras: a inquisição das diferenças. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada, 1992.

FERINE, N.V. A trilogia de Chinua Achebe. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Federal Paulista "Julio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto. Dissertação de Mestrado em Letras, 1988.

FEUSER, W.F. Entre a tradição e a modernidade: impressões sobre a literatura nigeriana. Lisboa, África. v.1 n.3 ano 1, p. 117 -124, out/dez. 1978.

GERARD, A. Literary tradition and literary change in black Africa. Campinas, Estudos portugueses e africanos n.10 p.45-52, 1987.

_____ 1500 anos de literatura criativa na África negra. Lisboa, África. v.2 n.8 ano 2, p.281-290, abril/jun. 1980.

JAHN, J. Las literaturas neoafricanas. Madrid. Guadarrama, 1971.

ONWUEME, T.A. The community as a shadow of the individual. Geneve: Geneve-Afrique. n.1 p.71-80, 1991.

ANEXO 1

GLOSSÁRIO DA OBRA THINGS FALL APART

A GLOSSARY OF
IBO WORDS AND PHRASES
(o *indicates aw sound as in awful*)

agadi-nwayi	old woman
agbala	woman: also used of a man who has taken no title.
chi	personal god.
efulefu	worthless man.
egwugwu	a masquerader who impersonates one of the ancestral spirits of the village.
ekwe	a musical instrument: a type of drum made from wood.
eneke-nti-oba	a kind of bird.
eze-agadi-nwayi	the teeth of an old woman.
iba	fever.
ilo	the village green, where assemblies for sports, discussions, etc. take place.
inyanga	showing off: bragging.
isa-ifi	a ceremony: if a wife had been seperated from her husband for some time and were then to be re-united with him this ceremony would be held to ascertain that she had not been unfaithful to him during the time of their separation.
iyi-uwa	a special kind of stone which forms the link between an ogbanje and the spirit world. Only if the iyi-uwa were discovered and destroyed would the child not die.
jigida	a string of waist beads.
kotma	court messenger: the word is not of Ibo origin, but is a corruption of 'court messenger'.
kwenu	a shout of approval and greeting.
ndichie	elders.
nna ayi	our father.
nno	welcome.
nso-ani	a religious offence of a kind abhorred by everyone.
nza	a very small bird.
obi	the large living quarters of the head of the family.
obodo dike	the land of the brave.
ochu	murder or manslaughter.
ogbanje	a changeling: a child who repeatedly dies and returns to its mother to be reborn. It is almost impossible to bring up an *ogbanje* child without it dying, unless its *iyi-uwa* is first found and destroyed.
ogene	a musical instrument: a kind of gong.
ojo odu achu-ijiji-o	cow. (i.e.: the one that uses its tail to drive flies away).

osu	out-cast; having been dedicated to a god, the *osu* was taboo, and was not allowed to mix with the freeborn in any way.
Oye	the name of one of the four market days.
ozo	the name of one of the titles or ranks.
tufia	a curse or oath.
udu	a musical instrument;a type of drum made from pottery.
uli	a dye used by women for drawing patterns on the skin.
umuada	a family gathering of daughters, for which the female kinsfolk return to their village of origin.
umunna	a wide group od kinsmen: (the masculine form of the word *Umuada*).
Uri	part of the betrothal ceremony when the dowry is paid.

ANEXO 2

AS NOTAS DO TRADUTOR EM **O MUNDO SE DESPEDAÇA.**

Harmatã - vento seco e frio, carregado de pó muito fino, que sopra do deserto do Saara sobre as savanas, os cerrados e as florestas da Africa Ocidental.[N.T.] p.12

Dançarino egwugwu - usa máscara na cabeça e tem o corpo inteiramente coberto de ráfia. [N.T.] p.13

Alguns metros de tecido - o tecido simboliza a história do povo africano; certos tecidos têm significados especiais: na tradição peul, por exemplo, um tecido dobrado signfica o passado. [N.T.] p.14

Quarto interior - na habitação ibo, há duas divisões: o quarto da frente, ou exterior, e o de trás, ou interior. [N.T.] p.14

Noz de cola - noz do fruto de árvore da família das esterculiáceas [cola acuminata], muito usada na Africa Ocidental como estimulante e refrescante: mascada, seu gosto é de início acre, mas deixa depois na boca sensação muito agradável: oferece-se geralmente aos visitantes: é também usada como alimento que se oferece aos ancestrais; na Bahia, é conhecida pelo nome que toma em yorubá, obi.[N.T.] p.14

Umuófia kwenu - Povo de Umuófia, vamos ficar de acordo? (frase que, entre os ibos, o mais velho ou o mais importante dos membros do grupo deve sempre gritar, no começo de uma assembléia). [N.T.] p.19

Compound - conjunto de habitações onde mora uma família, normalmente cercado ou murado. [N.T.] p.22

Sacerdotisa - na Africa tradicional, com sua organização comunitária, não se pode falar em religião propriamente dita, pois todos os atos do dia-a-dia se relacionam com o conceito da força vital, que anima os seres humanos: assim, o culto concerne a todos. Com a centralização do poder quando do surgimento da Cidade-Estado ou em decorrência de rupturas internas da própria sociedade, como no caso da sociedade ibo, surge a figura de um responsável pelo culto, sacerdote ou sacerdotisa, que não tem atributos divinos.[N.T.] p.24

Amadiora - deus do trovão. [N.T.] p.39

Inyanga - exibicionismo. [N.T.] p.48

Foo-foo - bolo feito de inhame pilado. É uma massa branca - semelhante, na forma e na consistência, a pamonha - que mergulha num molho condimentado. [N.T.] p.54

Ozo - sociedade de homens eminentes. Para ingressar nela e obter o título de ozo, tem-se de efetuar grande despesa. [N.T.] p.60

A canção recomenda ao chefe que não coma, durante a cerimônia em que se recebe um título e em que se dança. [N.T.] p.61

Oye - na Ibolândia, os dias da semana ou dias-de-mercado são quatro:Eke, Oye, Nkwo, Afo. [N.T.] p.77

Iyi-uwa - uma pedra especial; se localizada é destruida, a criança não pode mais partir, e sobrevive.[N.T.] p.79

Dentro da lógica africana, o ato de se desenterrar o **iyi-uwa** diminuiria a força vital, daí comer-se folhas que detêm força vital.[N.T.] p.83

Egwugwus - mascarados que personificam o espirito dos ancestrais.[N.T.] p.86

Aru oyim de de de de dei - Deixe meu corpo frio jazer num bom lugar! [N.T.] p.86

Agbala do-o-o-o! Agbala ekeneo-o-o-o-o! - Paz de Agbala! Agbala os sauda a todos! - Os ibos prolongam o "o" final como demonstração de respeito pela pessoa a quem se dirigem.[N.T.] p.96

Okonkwo! Agbala ekene gio-o-o-o! Agbala cholu ifu ada ya Ezinmao-o-o! - Okonkwo! Agbala te sauda e só a ti! Agbala deseja que leves a ela tua filha Ezinma! [N.T.] p.96

Tufia-a! - Cuspo nisto! [N.T.] p.97

Chi negbu madu ubosi ndu ya nato ya uto daluo-o-o-o! - Chi, deus que matais as pessoas no dia mais feliz de suas vidas, eu vos saudo! [N.T.] p.103

Ekwe - tambor de madeira, cujas batidas imitam a entonação da voz humana. [N.T.] p.113

Uma cesta - na Ibolândia, costuma-se recobrir completamente as cabaças com palha tecida a semelhança de cestos, a fim de melhor resguardar a água do calor.[N.T.] p.115

Deusa - no caso, é a terra. [N.T.] p.118

Ochu - assassinato.[N.T.] p.120

Umuada - reuniao de mulheres da mesma familia, quando todas retornam a aldeia de seus pais e tios.[N.T.] p.122

Grande Rio - trata-se do rio Niger.[N.T.] p.159

Ikenga - estatueta de madeira, com chifres, que simboliza o valor, o esforço e a excepcionalide de cada indivíduo. É invocada por seu possuidor para lhe trazer êxito.[N.T.] p.163

ANEXO 3

AS NOTAS DO EDITOR EM O MUNDO SE DESPEDAÇA.

Obi - a casa do homem, distinta da casa das esposas. [N.E.] p.22

Isa-ifi - realiza-se após o marido ter estado longe por algum tempo da mulher, a fim de assegurar-se que ela não lhe foi, durante o período da separação, infiel. É também usual antes do casamento.[N.E.] p.122